

**UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**MARIANA LINS PRADO**

**COMUNICAÇÃO, IDENTIDADE E MEMÓRIA**  
**NA COMUNIDADE GERMÂNICA NO ABC PAULISTA**

**São Caetano do Sul**

**2015**

**MARIANA LINS PRADO**

**COMUNICAÇÃO, IDENTIDADE E MEMÓRIA  
NA COMUNIDADE GERMÂNICA NO ABC PAULISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação e Inovação

Linha de pesquisa: Processos comunicacionais: inovação e comunidades

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Priscila Ferreira Perazzo

**São Caetano do Sul**

**2015**

### **Ficha Catalográfica**

P918c

Prado, Mariana Lins

Comunicação, identidade e memória na comunidade germânica do ABC Paulista / Mariana Lins Prado. -- São Caetano do Sul: USCS-Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2015.  
135 p.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Priscila Ferreira Perazzo

Dissertação (mestrado) - USCS, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2015.

1. Comunicação. 2. Inovação. 3. Narrativas Oraís de História de Vida. 4. Memória. 5. Comunidade I. Perazzo, Priscila Ferreira. II. Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. III. Título.

**REITOR DA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL**

Prof. Dr. Marcos Sidnei Bassi

Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa

Profa. Dra. Maria do Carmo Romeiro

Gestor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Prof. Dr. Herom Vargas Silva

Dissertação defendida e aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Priscila Ferreira Perazzo (orientadora)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cicilia Maria Krohling Peruzzo (UMESP)

Prof. Dr. Elias Estevão Goulart (USCS)

## **Agradecimentos**

Às minhas fieis mosqueteiras, meninas-Lins, Sônia e Maíra: inventaram as palavras “mãe”, “irmã” e “maravilhosas” para descrever vocês. À Dona Maria, Dodô, vovó, pelos chazinhos & tudo que eles significam. Ao meu pai, Wanderley, e à família, sempre tão bonita e tão... família!, com amor (e com saudades também).

À amiga e orientadora Priscila Perazzo, por me apresentar ao encantador e desafiador mundo acadêmico, por todos os anos em que vem generosamente compartilhando comigo suas próprias histórias de vida, profissionais e pessoais. Pelas inacreditáveis paciência e capacidade de acreditar em mim, mesmo quando eu mesma duvidei.

Aos professores do PPGCOM da USCS, Arquimedes Pessoni, Gino Giacomini Filho, Herom Vargas, João Batista Freitas Cardoso, Regina Rossetti e Roberto Elísio dos Santos, pelas lições dentro e fora da sala de aula – em especial ao Elias Goulart e à convidada da UEMSP, Cícilia Peruzzo, pelas contribuições também nas bancas de avaliação.

Ao André Molari, minha sorte de um amor tranquilo, por todos os motivos para sorrir.

À Carolina Kubarenko, Cubinha, pela geminiana cumplicidade.

À Chloé “The Dudess” Pinheiro e aos amigos, por todas as vezes em que quiseram perguntar “qual o tema da sua pesquisa, mesmo?”, dispostos a ouvir respostas cada vez mais longas, e também pelos momentos leves em que falaram sobre assuntos-nenhuns.

À Beatriz Lucas, ao Felipe Misquini, ao João Paulo Soares e à Maria Eugênia Demarchi, além dos demais colegas de trabalho do Laboratório Hipermídias da USCS, pela dedicação e parceria, sempre competente e bem humorada.

Aos colegas de mestrado, pelo aprendizado e pela companhia durante a jornada.

À Capes, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo auxílio à realização desta pesquisa, e à USCS, pela contribuição à minha formação pessoal e profissional.

*“Com seus pássaros  
ou a lembrança dos seus pássaros  
com seus filhos  
ou a lembrança dos seus filhos  
com seu povo  
ou a lembrança de seu povo  
todos emigram  
(...)  
para dentro de si  
ou para todos dentro de si  
para sempre  
todos emigram”*

*Cordel do Fogo Encantado*

Dedico estes textos a todas as pessoas & famílias que participaram desta pesquisa, compartilhando suas memórias, suas jornadas, seus sonhos e suas crenças. Com respeito e gratidão, na esperança de contribuir com a preservação das histórias dos que foram e são - e sempre serão, nas lembranças dos seus.



## Resumo

Esta pesquisa tem como tema a comunicação da cultura germânica no ABC Paulista. Seu propósito, mais especificamente, é identificar e analisar as formas de comunicação da cultura germânica utilizadas entre os imigrantes e seus descendentes no ABC Paulista para manter ou para incorporar o outro, transformando seus costumes enquanto comunidade cultural germânica no ABC. Neste sentido, pensa-se a inovação desta comunidade ao longo dos anos, ocorrida conforme seu desenvolvimento. Além disso, tem-se como objetivo também caracterizar quem é e como se forma esta comunidade. Conta com as entrevistas de sete homens e sete mulheres, tendo como método as Narrativas Oraís de História de Vida, desenvolvido pelo *Núcleo de Pesquisas Memórias do ABC*, bem como a Análise do Discurso, de linha francesa. Delineia, por fim, uma comunidade e cultura híbridas, composta por indivíduos de diversas nacionalidades – alemã, sim, mas também austríaca, iugoslava, lituana, húngara, romena – todas ligadas entre si pela língua, fundamentalmente. Por meio de suas memórias, considerando que estas comunicam cultura, são identificados seus hábitos, crenças, valores e sonhos. Como mediadoras de comunicação, são apontadas as suas escolas, associações e espaços de convivência, além de elementos como a religião, notadamente a católica e a luterana, as práticas de esporte e lazer e os hábitos culinários, componentes que dão liga ao caldo cultural desta comunidade.

Palavras-chave: Comunicação; Inovação; Narrativas Oraís de História de Vida; Memória, Comunidade

## Abstract

The theme of this research is the communication of German culture in the region of ABC Paulista. Its purpose, in particular, is to identify and to analyze the forms of communication of German culture used among immigrants and their descendants in ABC Paulista in order to maintain or to incorporate the other, transforming their customs while a German cultural community in ABC. This way it can be considered the innovation of this community over the years, occurring according to its development. In addition to that, it was also a purpose to characterize who is this community and how it is formed. This research counts with the interviews of seven men and seven women, made with the method Oral Narratives of Life History, developed by *Núcleo de Pesquisas Memórias do ABC*, and they're analyzed considering the French approach of Discourse Analysis. Finally, it's possible to say this is a hybrid community with a hybrid culture, composed by individuals of different nationalities - German, of course, but also Austrian, Yugoslav, Lithuanian, Hungarian, Romanian - all linked together by German language, fundamentally. Through their memories, considering that they communicate culture, it is possible to learn their habits, beliefs, values and dreams. As ways of communication, this research points their schools, associations and living spaces, as well as elements such as religion, especially the Catholic and Lutheran, sports practices and leisure and culinary habits, components that link this community together in a cultural way.

Key-words: Communication; Innovation, Oral Narratives of Life History, Memory, Community

## Lista de gráficos, figuras e tabelas

|                                                                                      |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Gráfico 1: Imigração alemã para o Brasil entre 1824 e 1969, em números aproximados.. | 77  |
| Figura 1: Processo de trabalho de um pesquisador em História Oral.....               | 22  |
| Figura 2: Unificação alemã – territórios conquistados entre 1815-1866.....           | 89  |
| Figura 3: Estrutura dos dialetos de origem germânica na Europa Central.....          | 90  |
| Figura 4: Áreas de assentamento alemães no sudeste europeu em 1914.....              | 92  |
| Figura 5: Europa em 1939.....                                                        | 93  |
| Figura 6: Países formados após a fragmentação da Iugoslávia.....                     | 94  |
| Figura 7: Turma de meninos da <i>Johannes Keller Schule</i> .....                    | 100 |
| Figura 8: Grupo de meninas pratica ginástica.....                                    | 107 |
| Figura 9: Pedro e Maria Pilo.....                                                    | 111 |
| Tabela 1: Escolas alemãs.....                                                        | 99  |

## Sumário

|                                                                                             |           |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| Introdução.....                                                                             | 12        |
| <b>Parte I   Quem sou eu, quem somos nós .....</b>                                          | <b>28</b> |
| Capítulo 1   Diferentes gerações, uma só história.....                                      | 32        |
| Capítulo 2   Uma comunidade germânica... ..                                                 | 49        |
| 2.1 ... em Santo André .....                                                                | 50        |
| 2.2 ... em São Caetano do Sul .....                                                         | 64        |
| <b>Parte II   Trajetórias e relatos de práticas .....</b>                                   | <b>75</b> |
| Capítulo 3   Es war einmal... Era uma vez.....                                              | 76        |
| 3.1 ... in der Deutschland .....                                                            | 76        |
| 3.2 ... no ABC Paulista .....                                                               | 85        |
| 3.3 Eu, minha língua, minha “ID” .....                                                      | 88        |
| Capítulo 4   Relatos de práticas, (re)constituição de mundos sociais .....                  | 98        |
| 4.1 Associações, escolas e igrejas .....                                                    | 98        |
| 4.2 Nacional-Socialismo: política, cotidiano e cultura.....                                 | 103       |
| 4.3 Festas e celebrações .....                                                              | 109       |
| 4.4 Culinária: um prato cheio para a cultura.....                                           | 113       |
| 4.5 “Lá e de volta outra vez”: Eu sou o outro. O outro não sou eu. Eu não sou o outro ..... | 116       |
| Considerações finais .....                                                                  | 121       |
| Fontes Orais.....                                                                           | 127       |
| Referências bibliográficas .....                                                            | 128       |
| Apêndice.....                                                                               | 134       |

## Introdução

É uma tarde de primavera em Santo André, no ABC Paulista, mas Luise Babisch, em seus 78 anos, olha para sua sala de estar e, com um gesto de seu braço esquerdo, sinaliza o espaço todo, como se pudesse tocar a noite de Natal. “*A árvore, as velinhas... Agora tem as lâmpadas, e meus netos adoram as lâmpadas. A sala fica a coisa mais linda no Natal!*” Seus olhos azuis escuros percorrem as paredes em tons pasteis e os sofás repletos de almofadas com todo tipo de estampas e bordados. Ela descreve a decoração e os docinhos que costumava sempre preparar – agora tem dúvidas se irá consegui-lo, pois os movimentos de sua mão direita já não são tão precisos –, e fala também do *kalendar*, uma tradição natalina que aprendeu com seus pais quando criança, na Alemanha, e que se orgulha de ainda praticar. Seu filho Walter, que escutava a conversa de outro cômodo, traz pé ante pé, para não atrapalhar, duas caixinhas vermelhas e as entrega para a mãe. “*Olha aí, o kalendar!*”, ela exclama. Como se fosse um calendário em três dimensões, as caixas servem para contar os dias do início de dezembro até o Natal. Em cada data há uma pequena janela que as crianças abrem, dia após dia, e encontram um doce em seu interior. As caixinhas de papel vieram da Alemanha alguns anos atrás, ela explica, mas Luise as conserva com capricho e, a cada novo dezembro, volta a preencher cada janelinha com doces para seus netos – assim como seus pais fizeram em sua infância e ela mesma fez um dia com seu filho.

Os netos, assim como Walter Paul Babisch, filho de Luise, são nascidos e criados em Santo André – cidade onde ela mesma reside praticamente desde que chegou ao Brasil, em 1950. A origem desta história, porém, leva a lugares e épocas muito distantes, desde os antepassados alemães de Luise e sua cidade natal, Colônia, no oeste daquele país. O pequeno trecho narrado acima, parte de uma entrevista realizada para compor este trabalho, tem potencial para revelar, porém, nuances de laços familiares e complexas relações culturais, mantidas ou transformadas ao longo do tempo.

As tradições natalinas – a decoração, a culinária, o ritual do *kalendar*: o que liga o dezembro de uma menina alemã, em seu Natal à luz de velas, a um menino brasileiro, seu Natal iluminado por lâmpadas de *led*? Quais são os elementos que compõem esta ligação? Estes são pequenos sinais dos dois principais eixos que este texto busca discutir, a partir dos discursos dos próprios personagens destas histórias: comunicação e cultura. A comunicação da cultura, especificamente, pensada a partir da comunidade germânica formada no ABC Paulista.

## Origem do estudo

Nos idos de 2005 ou 2006, eu havia terminado o curso de inglês e estava em busca de uma nova língua para aprender. Escolhi o alemão. E esta foi uma decisão que me fez perder a conta de quantas vezes ouvi a pergunta, ao surgir o idioma como assunto em uma conversa:

- Mas você é descendente de alemães?

Não, não sou. E essa resposta quase que invariavelmente levava a uma expressão confusa no rosto de meu interlocutor, que seguia, de maneira lógica, para a próxima pergunta:

- Por que, então, você estuda alemão? Você trabalha com isso?

O motivo nunca me foi muito claro. Eu sempre gostei muito de línguas e literatura. Além da satisfação pessoal, há essa noção de capacitação profissional em saber outras línguas – ter a habilidade de me comunicar melhor com mais pessoas. O alemão era apenas o que me parecia mais diferente e desafiador.

A história ganha ares de feliz coincidência quando, em 2008, conheci a professora Priscila Perazzo. Eu era caloura do curso de Jornalismo na Universidade Municipal de São Caetano do Sul e ela procurava um estudante para trabalhar em um projeto de iniciação científica (IC). O tema? Uma escola alemã que existiu na cidade, muitos anos antes. Minha primeira reação foi igual a muitas que percebi naqueles a quem contei sobre o assunto desde então: *alemães em São Caetano?* O cenário todo era como que ideal, possibilitando a união de diversos interesses num objeto só: comunicação, língua, história, o desconhecido. Assim começou uma parceria que resultou no desenvolvimento, entre 2008 e 2010, da pesquisa “Comunicação e cultura na ‘Johannes Keller Schule’ em São Caetano do Sul (década de 1930)”, integrada ao *Memórias do ABC – Núcleo de Pesquisas e Laboratório de Produções Midiáticas* da Universidade Municipal de São Caetano do Sul que, desde 2003, realiza diversas pesquisas envolvidas com questões como memória, imaginário, comunicação e cultura na região do ABC Paulista.

Depois de formada, passei um ano dedicada apenas ao mercado de trabalho, em assessorias de imprensa – mas nutrindo o desejo de retornar aos estudos assim que possível. Duas grandes chances vieram em 2013: iniciei uma segunda graduação, Letras na USP, interessada em mergulhar ainda mais no universo literário e da língua e cultura alemãs. Ao mesmo tempo, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da USCS e retomei a temática daquela primeira pesquisa em IC, vislumbrando a possibilidade de ampliação e de aprofundamento nos estudos sobre essa comunidade germânica – as muitas vidas que a compõem – e participar do processo de recuperação e preservação de sua história na região.

Já em 2014, no fim deste ciclo, percebo algo de harmonioso entre minha experiência pessoal e as questões inseridas no contexto desta pesquisa. Para um morador da região metropolitana de São Paulo, hoje, não é difícil encontrar escolas de línguas; elas estão por toda a parte e o alemão é uma oferta tão comum quanto o espanhol, o francês, o italiano, línguas de origem latina e próximas do português. Certamente é tarefa mais simples do que o era em 1930 – e mesmo naqueles anos, mesmo no século anterior já existia o ensino da língua alemã em diversas escolas por todo o país. Ainda assim, é curioso reparar como uma das primeiras inferências das pessoas sobre um estudante de alemão é a motivação de uma ascendência alemã, a pré-existência de uma tradição familiar-cultural que justifique o interesse por algo tão distante daquilo que se tem como “brasileiro”, como “nosso”. Nesta lógica, a língua alemã, para um descendente, faz parte do “seu” assim como a língua portuguesa é parte do “nosso”; parece natural pensar assim. Uma segunda relação bastante comum que se pode perceber nestes diálogos informais é a de trabalho. Espera-se o conhecimento do alemão naqueles que trabalham em empresas de origem alemã, uma expectativa de aplicação prática que justifique a relação com o diferente.

Os dois relatos, quero mostrar, o de Luise Babisch enquanto colaboradora desta pesquisa e o meu, enquanto pesquisadora, conjugam-se como diferentes faces de um mesmo objeto complexo. Aí estão envolvidas e relacionando-se entre si questões como o que é esta comunidade germânica, como se dá a construção de sua identidade, qual a importância cultural da língua alemã para as duas primeiras, como ocorre a manifestação de diferentes valores em seus imaginários e, por fim, como seus discursos sobre si podem esclarecer estes pontos. Assim se dão, muitas vezes disse José A. Amozurrutia<sup>1</sup>, o nascimento e o desenvolvimento de uma pesquisa científica: a partir da observação leiga de fatos cotidianos, na direção do método e de uma complexidade rica, apoiada nos estudos daqueles que já vieram antes de nós, no diálogo com nossos iguais e aprendizagem com os diferentes.

Os termos “comunicação” e “cultura” compõem, juntos, a principal problemática desta pesquisa. Apoiada em Martín-Barbero (2009) e sua aventura epistemológica, aqui há também a mistura de disciplinas e a busca por um modo outro de pensar a cultura, “a partir ‘da cultura, das culturas, da nossa própria vida social e cultural’” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 144).

No campo da comunicação, estudos que envolvem memória permitem que se discutam questões de cultura, de local/global, de diferenças regionais, de identidades e de comunidades.

---

<sup>1</sup> Professor doutor do Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades, CEIICH. UNAM e LabCOMplex Programa Epistemología de la Ciencia y Ciberkultur@, do México, presente no V Colóquio de Comunicação e Inovação da USCS, em 2014, e durante toda uma semana, participante de uma série de debates e trocas de experiências entre seus estudos e os realizados no *Memórias do ABC*.

Fundamentos encontrados nas teorias de estudos culturais podem pensar transformações comunicacionais e culturais considerando-se os meios e as mediações da comunicação.

Segundo Jesús Martín-Barbero (2003), atualmente ainda é difícil entender as mudanças geradas pelos processos de globalização das últimas décadas. Entre essas mudanças está o “desairraigamento acelerado de nossas culturas”. Na tentativa disso compreender, obriga-se também a reflexão sobre como algumas dimensões desse processo são “justamente as que dizem respeito às transformações nos modelos e nos modos da comunicação” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 57-58).

Buscam-se, no cotidiano dos interlocutores – imigrantes e descendentes, homens e mulheres, idades variadas – por meio de seus discursos, elementos da linguagem que possam traduzir suas identidades (HALL, 2006) na terra que adotaram para viver, as formas pelas quais se referiram a si próprios e ao outro, seus saberes e fazeres, numa nova realidade, sob o enfoque das metáforas. Até os anos 1960/70, as teses em voga sobre a identidade do imigrante dimensionavam a integração e a assimilação cultural para caracterizar o progresso da integração nacional. Posteriormente, os cientistas sociais passaram a adotar o conceito de pluralismo cultural, num interrelacionamento de culturas, sem polarizar o nacional e o estrangeiro (FREITAS, 2001).

Em seus estudos sobre a realidade latino-americana, Martín-Barbero (2000) explica que não é possível mais compreender a comunicação unicamente como transmissão de informação; não há a necessidade de existência de emissor, receptor, canal. O autor faz uso do termo mediação, que compreende que “entre estímulo e resposta há um espesso espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, tudo o que configura a cultura cotidiana” (MARTÍN-BARBERO; BARCELLOS, 2000, p. 154).

Desta forma, é preciso ressaltar que o conceito de cultura é “alargado”. O autor resgata uma concepção antropológica de cultura que orienta a vida das pessoas, bem como a maneira como expressam suas memórias, suas narrativas e também a música e diversas atividades, como cozinhar, pintar, bordar.

Com uma noção de cultura diferente, começamos a entender que, se era cultura que estava dentro da vida cotidiana, cultura não era só quando eu ia ao cinema ou ao teatro, mas também quando eu convivo, ou estou reproduzindo os costumes do meu avô, ou estou rompendo com esses mesmos costumes (MARTÍN-BARBERO; BARCELLOS, 2000, p. 157).



Para Jorge A. González (2012), é possível compreender a cultura como uma rede complexa e multidimensional de modelos que representam o mundo e todas as experiências que o ser humano tem dele.

Como uma espécie racional, não podemos evitar representar o mundo, as experiências pelas quais passamos e o que sentimos. Sentimos a vida, sentimos as coisas e o corpo é o nosso único meio para sentir, nosso único transmissor e receptor de sensibilidade. Experimentamos o mundo com o corpo, mas o elaboramos, o processamos com as *representações*; o metabolizamos por meio da linguagem articulada junto com metalinguagens múltiplas e complexas, tais como a religião, o direito, a moral, a educação, a filosofia, o sentido comum (GONZÁLEZ, 2012, p. 205-206).

Assim, ao incluir o discurso dos agentes sociais da história da região, conhecendo suas vidas por meio das Narrativas Orais de História de Vida, é possível apreender suas múltiplas representações de mundo, suas mais pessoais experiências – e, por meio das relações interpessoais, portanto, como ocorre a comunicação dessa cultura na comunidade germânica no ABC Paulista.

Considerando este contexto, entende-se a comunicação da cultura como fato intrínseco em si mesmo. “A comunicação é percebida, em todo caso, como cenário cotidiano do reconhecimento social, da constituição e expressão dos imaginários” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 63). Não há cultura sem comunicação e vice-versa, e esse *duo* tem participação ativa no acionamento de conceitos como identidade e reconhecimento.

O pano de fundo destas questões é o imaginário, compreendido por Bronislaw Baczco (1985, p. 296), como “um dispositivo simbólico, através do qual um certo movimento de massas procura dar-se a si próprio identidade e coerência, permitindo reconhecer e designar as suas recusas bem como as suas expectativas”. Trata-se, portanto, do que guia as noções de pertencimento a uma comunidade germânica, bem como o que é esse ser germânico. Esta não é, contudo, a única função do imaginário na comunicação. Ele está presente em vários meios sociais – como nos mitos, por exemplo, que constituem a base da construção dos imaginários. Dessa forma, seu estudo pode auxiliar na compreensão de uma sociedade, suas relações de poder, prestígios e propriedade.

Baczco destaca ainda que a cada mudança na estrutura de poder, o novo grupo social que assume o poder deve controlar os meios que formam e guiam a imaginação coletiva, “a fim de impregnar as mentalidades como novos valores e fortalecer a sua legitimidade, o poder tem designadamente a tarefa de institucionalizar um simbolismo e um ritual novos” (BACZCO, 1985, p. 302).

A produção de imaginários está submetida à criação de um sistema de símbolos, pois é por meio deles que os indivíduos são dispostos em grupos ou extratos sociais diferentes, o que pauta também as relações estabelecidas entre elas:

Os sistemas simbólicos em que assentam e através do qual opera o imaginário social são construídos a partir da experiência dos agentes sociais, mas também a partir dos seus desejos, aspirações e motivações (BACZCO, 1985, p. 311).

Considerando que todo agente social tem potencial autônomo de participação e alteração desses imaginários e identidades que o circundam, o uso da metodologia das Narrativas Orais de História de Vida tem, neste trabalho, especial relevância para a compreensão das noções de reconhecimento de si e formação de identidade, tanto do indivíduo como do coletivo. Isto é, espera-se, por meio das histórias de vida narradas pelos sujeitos entrevistados, observar implicitamente estas noções. Para o filósofo francês Paul Ricoeur (2006), o reconhecimento da memória se equivale ao reconhecimento de si por meio da pergunta “Quem se lembra?”.

O reconhecimento consiste na resolução efetiva desse enigma da presença da ausência graças à certeza que o acompanha: “É ela! É ele!”. O que faz do reconhecimento o ato mnemônico por excelência (RICOEUR, 2006, p. 137).

As narrativas de memória revelam como o sujeito reconhece a si mesmo no tempo, naquilo que entende por passado. Ainda que silencie sobre algum trecho de sua história, de propósito ou não, mesmo esse gesto é revelador de como se sente e como se vê na sociedade. Desta forma, é oportuno lembrar que “se a cultura comunica e para tanto deve se comunicar com outra cultura, o uso da memória como lembrança e o ato de narrá-la podem servir de meios para os sujeitos se identificarem em espaços locais, regionais ou globais” (CAPRINO; PERAZZO, 2008, p. 125).

Assim, quando se fala em “quem se lembra”, é possível um salto do âmbito do indivíduo para o do coletivo. Michael Pollak (1992) define os elementos constitutivos da memória entre os acontecimentos vividos pessoalmente e aqueles “vividos por tabela”, que são justamente os experimentados pelo grupo ao qual a pessoa sente que pertence. Desta maneira, um sujeito tem, ao mesmo tempo, sua memória pessoal e uma coletiva, compartilhada.

Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (POLLAK, 1992, p. 201).

E, quando se discutem essas experiências coletivas, que podem chegar a ser tão fortes a ponto de fazer com que o indivíduo não saiba mais se as experimentou realmente ou se são lembranças herdadas, pode-se novamente recorrer ao filósofo francês:

É sob o signo da associação de ideias que é colocada essa espécie de curto-circuito entre memória e imaginação: se essas duas afecções estão ligadas por contiguidade, evocar umas delas – portanto imaginar – é evocar a outra – portanto lembrar-se. A memória, reduzida à recordação, opera assim na trilha da imaginação (RICOEUR, 2006, p. 127).

Assim, esta pesquisa percorre, juntamente das narrativas de seus colaboradores, as trilhas do individual, do coletivo, do factual, do imaginado. Percebe-se a comunicação de sua cultura em suas memórias, seus relatos sobre práticas cotidianas, seus sonhos e anseios.

### **Pergunta-problema**

Chega-se, enfim, à seguinte pergunta-problema: quais foram as formas de comunicação utilizadas entre as gerações de imigrantes germânicos e seus descendentes, no ABC Paulista, para incorporar as diferenças, manter ou transformar seus próprios costumes, tradições e características próprias dessa comunidade cultural na região?

### **Objetivos**

O objetivo geral desta pesquisa detém-se em identificar e analisar as formas de comunicação da cultura germânica utilizadas entre os imigrantes e seus descendentes no ABC Paulista, para incorporar o outro, manter ou transformar seus costumes enquanto comunidade cultural germânica no ABC, bem como caracterizar os traços da herança cultural transmitida entre gerações na região. Na relação com este objetivo, busca-se, de forma mais específica:

- Identificar a comunidade germânica nas cidades de Santo André e São Caetano do Sul, principalmente, na primeira metade do século XX;
- Identificar os principais fatores que permeiam os processos de formação de identidade, em âmbitos individual e coletivo (necessário para a formação de uma comunidade).

## **Delimitação do estudo**

Posso dizer que, de certa forma, a delimitação deste estudo foi guiada pelos próprios objetivos e desenvolvimento da pesquisa. A fim de descobrir quem são os sujeitos que compõem a comunidade germânica no ABC, foi se construindo uma rede de contatos – as próprias pessoas indicavam seus amigos e parentes, imigrantes ou descendentes. Assim, de 2007 a 2014, data de estabelecimento de contatos e gravações de entrevistas, chegamos a um *corpus* formado por catorze homens e mulheres, todos diretamente envolvidos com a comunidade. Suas histórias são apresentadas com mais detalhes na Parte I desta pesquisa.

A espacialidade desta pesquisa foi definida, num primeiro momento, como a região do ABC Paulista, de modo abrangente. A partir dos relatos dos colaboradores, pudemos dar ênfase a duas cidades que surgiram com mais frequência nas histórias: Santo André e São Caetano do Sul. A Parte II dá conta de descrever estes deslocamentos e definições territoriais, bem como as práticas, identificadas nas narrativas dos colaboradores, que revelam a comunicação da cultura germânica na comunidade.

## **Justificativa**

Comunicar a existência de uma comunidade cultural germânica de que pouco se conhece ou se ouve falar. Esta é, de maneira simplista, uma das principais funções – o que justifica e o que move esta dissertação.

Quando pensamos nas histórias de imigração envolvendo o ABC Paulista, pensamos em italianos. Isto quer dizer que eles são os protagonistas de um contexto construído em nosso imaginário coletivo, e também figuram como principais personagens na memória coletiva da região – São Caetano do Sul, em particular, que teve seu núcleo colonial fundado, majoritariamente, por famílias italianas. Mas a diversidade floresce mesmo em meio ao que aparenta ser um bloco homogêneo: há muitas outras histórias, culturas e nacionalidades presentes na região. Pessoas de diferentes origens, com diferentes costumes, que vivem há décadas nestas cidades e também são seus cidadãos, as consideram um lar. Entre elas, é claro, esta pesquisa revela alemães, austríacos, croatas, húngaros, lituanos, romenos. E, por meio de entrevistas realizadas baseadas nas Narrativas Oraís de Histórias de Vidas, esta dissertação traz suas vidas, presentes em suas memórias, contadas, muitas vezes, com suas próprias palavras.

Esta pesquisa justifica-se, deste modo, pela comunicação de uma história esquecida, cristalizada pelas memórias coletivas oficiais. E a faz com um método que dá a cada sujeito o protagonismo de sua própria história; utiliza-se e organiza a voz de cada um, em busca de uma reunião que faça sentido também como um todo.

### **Vinculação à linha de pesquisa**

Esta pesquisa vincula-se à linha de pesquisa 1 - Processos comunicacionais: inovação e comunidades, do PPGCOM da USCS, por ser voltada aos estudos de comunicação e cultura, com olhar centrado em uma comunidade local e que considera metodologicamente a memória e o imaginário de seus sujeitos. Também parte da metodologia adotada neste trabalho é a análise do discurso, realizada a partir das narrativas contadas pelas pessoas da comunidade, na busca de tirar da opacidade de suas falas questões culturais, políticas e sociais.

Partir das narrativas de história de vida, isto é, ouvir o que cada um tem a dizer é conhecer o seu “patrimônio pessoal”, uma vez que cada memória e cada pessoa são únicas; “suas percepções são, em certa medida, criações, e suas lembranças fazem parte de uma imaginação sempre em movimento” (SACKS, 1994, p. 15 apud WORCMAN; PEREIRA, 2006, p. 201). É importante, porém, ressaltar que cada experiência de vida está sempre inserida em um contexto social, em um determinado tempo, em determinadas culturas. Assim, existe uma relação criativa entre o individual e o grupo, presente nesses movimentos entre vivência e criação. Conhecer a comunidade germânica por meio destas narrativas não significa que um indivíduo representa o todo, mas sim que se pode vislumbrar nuances de uma memória coletiva, heterogênea e em constante transformação (WORCMAN; PEREIRA, 2006, p. 202).

Embora Rossetti (2013) lembre que, na área da Comunicação, o conceito de inovação é mais evidente em interfaces tecnológicas e novas mídias, é possível discutir este conceito também em outras dimensões, como nos processos cognitivos, nas linguagens e na estética, por exemplo – e é este viés que mais interessa, neste estudo. “Isso, porque a inovação é um fenômeno social, simbólico e tecnológico, presente em toda sociedade contemporânea mediatizada e pode perpassar todo o campo da Comunicação” (ROSSETTI, 2013, p. 64).

Baseada na revisão bibliográfica e categorização de diferentes possibilidades de entendimento e compreensão do termo “inovação” feitas pela autora, esta pesquisa apoia-se principalmente na ideia de inovação voltada à cultura, num sentido coletivo, e na ideia de inovação do sujeito, em âmbito individual. Em se tratando da apropriação coletiva que um

grupo faz de um produto ou processo, neste caso, pode-se falar dos membros da comunidade germânica no ABC Paulista em relação à sua própria cultura, história e memória, já que “tanto o novo conhecimento como a nova apropriação modificam o sujeito e transformam sua visão e sua ação no mundo” (ROSSETTI, 2013, p. 65).

E, uma vez que a linha do tempo desta pesquisa tem o alcance das memórias de cada personagem – muitos já ultrapassaram os 80 anos e contam histórias ainda mais antigas, aprendidas de seus pais e avós – é possível também pensar a noção de inovação temporal, compreendida como evolução ou aperfeiçoamento num processo contínuo.

Vale destacar ainda as ações de inovação enquanto diversificação e diferenciação, compreendidas nas características próprias – diferentes – da comunidade germânica no ABC Paulista em relação às outras comunidades de imigrantes da região, como a colônia italiana, e mesmo em relação às comunidades germânicas baseadas no Sul do país. “A diferença implica sempre na determinação da diversidade, algo que a alteridade não requer, pois alteridade é o ser outro, o colocar-se ou constituir-se como outro, e este outro pode ser igual ou diferente” (ROSSETTI, 2013, p. 69).

### **Metodologia: Narrativas Orais de História de Vida e Análise do Discurso**

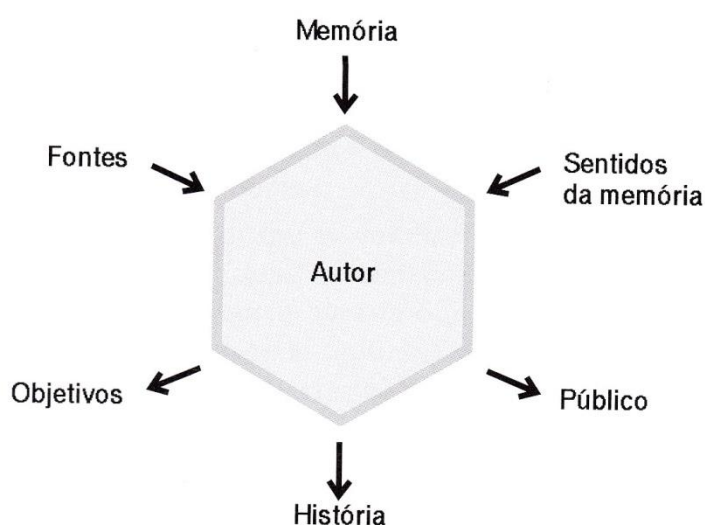
Vivemos em uma sociedade estabelecida sobre a escrita. As narrativas, porém, têm tradição oral. O contar histórias está intimamente relacionado, em suas origens, com a oralidade. Walter Benjamin (1994), em suas reflexões sobre literatura e cultura, reforça o berço oral das narrativas, florescidas no campo, no mar e na cidade. A narrativa é, para o autor, uma “forma artesanal de comunicação”:

Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Neste sentido, o papel do oralista – ou o pesquisador que trabalha com História Oral – é semelhante ao do narrador literário. Não se trata meramente de transmitir uma informação ou relatório, como se fosse uma “prática de registros, arquivamentos ou substituição documental” (MEIHY, 2005). A atuação consiste precisamente na transposição desta forma primeira de comunicação para um registro escrito, sim. Mas, num determinado momento, na transformação deste relato em uma “análise social de entrevistas únicas ou grupais”, um trabalho denominado por Alberto Lins Caldas de “transcrição”, menciona Meihy. “Para ele,

‘transcriar’ é obedecer ao ritual de passagem de um registro à análise, e nisto se dá na totalidade do processo, inclusive com a devolução pública do que se buscou estudar” (MEIHY, 2005, p. 10). A imagem a seguir apresenta, de maneira lúdica, o processo de trabalho do oralista, autor, pesquisador:

**Figura 1:** Processo de trabalho de um pesquisador em História Oral



(WORCMAN e PEREIRA, 2006, p. 206)

Se “a História Oral é tão velha quanto a própria história”, como afirma Paul Thompson, o pensamento científico voltado a ela, com o aprimoramento de técnicas e estratégias, tem origem nos anos 1940, nos Estados Unidos, e na década de 1960, na Inglaterra. No Brasil, as primeiras experiências são realizadas em 1971 (FREITAS, 2002). De maneira simples, História Oral pode ser definida como “um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana” (FREITAS, 2002, p. 18). Para Freitas (2002, p. 47), a “História Oral legitima a história do presente, pois a história foi, durante muito tempo, relegada ao passado”.

Não basta, porém, que a História Oral seja um fim em si mesmo, nem meramente que existam pessoas interessadas em falar sobre um determinado assunto. É preciso haver um projeto determinado, com objetivos claros – isto é o que determinará a escolha dos entrevistados (ALBERTI, 2005, p. 31). Há, ainda, outra questão a ser pensada: o gênero de entrevista a ser realizada. Tradicionalmente, eles são dois: entrevistas temáticas e entrevistas de história de vida.

A história oral de vida é mais subjetiva que objetiva e o colaborador, principal sujeito neste gênero, tem “maior liberdade para dissertar o mais livremente possível sobre sua experiência pessoal” (MEIHY, 2005, p. 148). Nesse tipo de entrevista, as perguntas são amplas, colocadas mais como um roteiro por parte do pesquisador para ajudar o depoente a conduzir sua narrativa. Pode seguir a ordem cronológica da vida do entrevistado ou, já que volta-se à busca sobre a versão do colaborador sobre a sua “moral existencial”, experiências como sonhos e sentimentos também podem pautar a entrevista. Quanto menos o entrevistador falar, melhor. Desse modo, a verdade está intrínseca na versão do próprio narrador. Trata-se da sua verdade, de acordo com suas opções do que revelar ou ocultar.

O entrevistador terá maior participação caso siga pela vertente das narrativas biográficas. Neste caso, “cuida-se mais do roteiro cronológico e factual das pessoas, o que deve ser aliado a particularidades que remetem a acontecimentos materiais e cronológicos considerados importantes” (MEIHY, 2005, p. 150).

Meihy (2005) aponta ainda outras variações das histórias orais de vida: 1) fragmentos narrativos da história de vida de outrem, que ocorre, principalmente, quando um colaborador narra trechos da vida de uma terceira pessoa; 2) histórias de vida de família, feitas com pelo menos duas ou três gerações de uma mesma família e 3) história de vida de tipos sociais (profissões, gênero, classe e etnia).

As entrevistas temáticas, por sua vez, compõem a maioria dos trabalhos acadêmicos, em diversas áreas. Nelas, a presença do entrevistador é mais marcante, já que “o tema deve ficar de tal maneira explícito que conste das perguntas a serem feitas ao colaborador” (MEIHY, 2005, p. 162). O uso de um questionário se faz fundamental, já que a modalidade pressupõe a entrevista de diversas pessoas acerca de um tema e possibilita, inclusive, que o entrevistador debata e conteste fatos com o colaborador. O objetivo, aqui, é elucidar uma versão sobre um tema. A documentação oral ganha, neste caso, peso equiparável ao uso das fontes escritas.

Essa pesquisa vincula-se ao *Memórias do ABC - Núcleo de Pesquisas e Produções Midiáticas*, parte do Laboratório Hipermídias da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) e, como tal, adota a metodologia empregada pelo grupo, atuante desde 2003. Trata-se das Narrativas Oraais de História de Vida, um método híbrido, que emprega diversas características daquelas já mencionadas. As entrevistas são gravadas em vídeo digital, guiado por blocos de perguntas organizados em ordem cronológica (Apêndice). Na prática, as entrevistas dão liberdade ao colaborador, que circula pela sua biografia conforme sentir vontade. Neste caso, em particular, alguns temas foram direcionados – as histórias de



imigração, a chegada ao ABC Paulista, a vida no subúrbio. Não é raro, porém, que sentimentos e sonhos permeiem as narrativas. A biografia de terceiros é, constantemente, praticada também – o que é bastante natural, se for considerada a temática da imigração que, muitas vezes, diz respeito a uma geração anterior a entrevistada nesta pesquisa. Aqui surge até mesmo, discretamente, a história de família, já que em pelo menos um caso, o da família Braack, existem os depoimentos de mãe e filho.

As narrativas apresentadas neste trabalho são tomadas como um relato fiel às *experiências vivenciadas* de cada sujeito, não se discutindo valores como precisão de datas, nomes, locais. Para Le Goff (2003), é mesmo passível de crítica essa noção de memória dependente da escrita, que obriga ao sujeito a se lembrar de tudo de forma exata, cronológica, uma vez que o processo de lembrança não obedece a estas normas. Daí a importância, portanto, do entendimento da formação das múltiplas identidades e as relações estabelecidas entre os movimentos políticos, sociais e culturais para a plena compreensão desses processos comunicacionais como possibilidade de estudo.

Como não poderia deixar de ser, o delineamento do perfil dos entrevistados constituiu-se em função dos objetivos específicos dessa pesquisa. A partir da definição do perfil do depoente e do contato prévio com essas pessoas, o método prevê o preenchimento de fichas relevando os seguintes dados:

- Dados pessoais: nome, endereço, telefone, idade, local de nascimento, formação.
- Dados sociais: resumo da história de vida, locais de moradia, escolas onde estudou (se estudou), locais onde trabalhou, episódios históricos que vivenciou.
- Dados intrapessoais: capacidade do entrevistado em conversar com fluência e desenvoltura, em descrever cenas e fatos, em narrar fatos históricos, em fazer análises de situações.
- Dados físicos: condições motoras e de locomoção, disponibilidade para locomoção, capacidade de evocação de fatos reais.

Ao cabo da pesquisa e desde que devidamente autorizada, cada entrevista é colocada no *HiperMemo – Acervo Hipermídia de Memórias da USCS*, a fim de serem acessadas pelo público em geral, por meio da Internet. O *HiperMemo* é uma instrumentalização da História Oral, uma coleção de entrevistas (MEIHY e RIBEIRO, 2011, p. 14). Cada pesquisa realizada no *Memórias do ABC* que se valeu das Narrativas Orais de História de Vida, seja em nível de graduação ou pós-graduação, tem suas entrevistas organizadas ali. As temáticas, portanto, são muitas: imigração, punks no ABC, teatro, empregadas domésticas... Passeiam entre cultura, trabalho, história. Mais que um banco de histórias, o *HiperMemo* é formado não apenas pelas

entrevistas em si, mas também por fotografias, cartas, passaportes e outros tipos de documentos pertencentes ao acervo pessoal de cada colaborador entrevistado.

Por meio das lembranças e das narrativas orais de estrangeiros e seus descendentes, podem ser apontados elementos que comunicam a cultura germânica na região do ABC, possibilitando a preservação, a difusão e a transformação dessa cultura.

O surgimento das biografias de terceiros em muitos dos relatos e mesmo do caso Braack, com suas histórias de família, permite construir uma dimensão da singularidade estrutural de cada caso. As histórias relatadas nesta pesquisa, antes de mais nada, narrações que documentam a não-linearidade dos cursos de vida e, assim, em cada família, o indivíduo não é apenas um átomo da esquina mais distante da sociedade, mas pode tornar-se, com vantagem, observável como um sistema contido em um tecido completo de macroestruturas, que mais se parecem com um holograma que com uma cebola: cada fragmento daquele reproduz a totalidade da imagem (GONZÁLEZ, 1995).

Nessa perspectiva, esta pesquisa apoia-se também na proposta de Histórias de Família do francês Daniel Bertaux (2005). Um recorte no estudo da antroponomia e no método da História Oral, suas ideias apoiam-se em informações sobre os itinerários, os relatos de prática e os mundos sociais narrados pelos entrevistados. Contar sobre os relatos de práticas é contar sobre o presente e sobre o passado. O genograma, produto de seu método, é uma construção de um produto que deriva de entrevistas, observação e registros. Para analisar é preciso cortar, desmontar, desconstruir ou destruir. O genograma não é uma história de família, mas a construção feita pelo pesquisador com as informações que os interlocutores lhe dão sobre suas práticas, itinerários e mundos. É um sistema de informações empírico. É o ponto de chegada de todas as informações, de forma sistematizada e organizada, com suas próprias normas. Por isso, a responsabilidade dessa construção é do pesquisador e não do interlocutor (GONZÁLEZ, 1995).

Ainda de acordo com o pesquisador mexicano, o entrevistado-colaborador no método da História Oral é o interlocutor e não um informante. Nas entrevistas de História Oral floresce o encontro das subjetividades do pesquisador e do interlocutor. Ao buscar objetivar a subjetividade dos envolvidos no conto relatado, o pesquisador encontra as forças enativas, aquelas que não estão sob o controle dos ordenadores.

Considerando-se que a objetividade não existe, a subjetividade estudada cria, então, intersubjetividades. E o atual olhar da subjetividade na ciência, vem se constituindo um campo metodológico inovador do processo de investigação científica (SARLO, 2007).

Em consonância com este método, a Análise do Discurso cumpre papel de apoio quando da análise e interpretação dos dados obtidos nas entrevistas realizadas. Para Maingueneau (1998), a análise do discurso é uma disciplina que

em vez de proceder a uma análise linguística do texto em si ou a uma análise sociológica ou psicológica de seu contexto, visa articular sua enunciação sobre um certo lugar social. Ela está, portanto, em relação com os gêneros de discurso trabalhados nos setores do espaço social (um café, uma escola, uma loja...) ou nos campos discursivos (político, científico...). (MAINGUENEAU, 1998, p. 13-14)

A Análise do Discurso, para Eni Orlandi (1983, p. 164), é uma *forma de conhecimento* da linguagem, uma “colagem teórica”, composta por uma vasta diversidade de corpos teóricos, e uma “bricolagem prática”, possibilitada pela existência de um certo número de teses (implícitas) sobre a língua, a história e a enunciação. De maneira sucinta, podemos dizer que a AD apoia-se no tripé língua-história-sujeito; eis o que permite que sejam aplicados conhecimentos das áreas de Antropologia, História, Psicanálise, Linguística – e, por que não?, Comunicação.

As diferentes contribuições de interpretação cabem, portanto, a cada analista e ao repertório teórico-conceitual que for utilizado. Assim, embora a análise do discurso possa parecer, num primeiro momento, uma disciplina por demasiado subjetiva, suas aplicações devem sempre estar apoiadas cientificamente.

### **Estrutura da dissertação**

A organização dos conceitos e análises realizadas na elaboração desta dissertação é baseada em duas partes, intimamente relacionadas entre si.

A primeira apresenta, individualmente, as catorze pessoas que colaboraram com esta pesquisa ao compartilhar seus contos e pensamentos. A dimensão do coletivo também vai ganhando corpo; embora apenas alguns entrevistados se conheçam, ou mesmo sejam parentes, todas as suas histórias se cruzam em diversos pontos. Devidamente analisados, amparados por contextualização bibliográfica histórica e social, estas narrativas acabam por tecer um grande retrato, dinâmico e vivo, do que é esta comunidade cultural germânica na região do ABC.

A segunda parte segue uma linha amparada pelo desenrolar do tempo: primeiro, as histórias de imigração, descritas juntamente das transformações territoriais na Europa, de papel crucial nestas narrativas. É o momento de detalhar o aparente paradoxo entre os muitos carimbos nos passaportes que desembarcam no Brasil e, no entanto, compartilham uma

mesma cultura. Então segue-se a chegada ao ABC: por que, afinal, tantos vieram morar aqui? Nesta oportunidade destacam-se os relatos de práticas na região, a caracterização da vida no subúrbio, as relações de trabalho. A língua alemã surge como protagonista, o elo fundamental entre as diferentes nacionalidades que convivem na região. A seguir, apresenta-se a formação de uma comunidade palpável, fortificada pelo surgimento de escolas, associações e igrejas. Alguns episódios marcantes nas narrativas também são abordados, como a relação com a política – o nazismo, em particular –, o esporte e lazer. As festas também são assuntos comuns a estas pessoas: casamentos, aniversários, Páscoa e o Natal. As tradições culinárias naturalmente perpassam a temática festiva. O retorno às terras natais é uma temática bastante presente nos relatos e também ganha seu espaço neste texto. Por fim, são destacados os momentos claros de percepção de si, as reflexões sobre o momento da entrevista.

Desta forma, conceitos de comunidade cultural, de local e regional e, é claro, de identidade, fazem o intermédio de todos esses relatos. Por meio da Análise do Discurso, são estes conceitos que se podem perceber na opacidade das narrativas: quem eu sou, de onde vim, em que acredito. Na escolha das palavras residem muito mais mensagens do que escolhemos, conscientemente, dizer.

Nestas duas partes, os indivíduos e a comunidade usam suas próprias vozes para dizer quem são – ainda que isso ocorra mais vezes nas entrelinhas que abertamente. Esta pesquisa mostra como comunidade cultural germânica no ABC Paulista se relaciona internamente e com o mundo que a cerca, tendo a comunicação como a mediadora entre o sujeito, a cultura e a identidade dessa comunidade, ou seja, é a comunicação que está entre o sujeito e a sua cultura, o seu cotidiano.

## Parte I | Quem sou eu, quem somos nós

*“A memória é o escriba da alma”  
Aristóteles*

Antes de mais nada, faz-se necessário apontar qual o recorte adotado nesta pesquisa, a fim de delimitar sua espacialidade, bem como quem são seus sujeitos. A região chamada ABC Paulista é popularmente conhecida por compreender o subúrbio, municípios localizados no entorno da capital, São Paulo<sup>2</sup>. O termo “região do Grande ABC” abrange, atualmente, sete municípios – Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, também conhecidos como “região do ABCDMRR”. Neste trabalho, porém, fala-se mais enfaticamente de Santo André e São Caetano do Sul, as duas cidades em que residem a maior parte das pessoas entrevistadas, além de Mauá e São Bernardo do Campo.

Para melhor caracterizar as nuances desta comunidade no subúrbio, tomado como o espaço em que vivem e convivem os sujeitos dessa pesquisa, as entrevistas com imigrantes de origem germânica e seus descendentes surge como opção quase que natural, vista como uma maneira de dar voz direta aos protagonistas de suas próprias vidas.

Foram entrevistados catorze homens e mulheres, conforme roteiro e práticas das Narrativas Oraís de História de Vida. Ainda que não necessariamente todos se conheçam entre si, formam um grupo bastante homogêneo, em termos culturais. É preciso apontar, porém, duas exceções neste grupo: Aleksandar Jovanovic e Carlos Musskopf, cujas experiências de vida também agregam conhecimento sobre a comunidade germânica no ABC, ainda que não diretamente. O primeiro chegou ao Brasil ainda criança, vindo da Sérvia com os pais e avós. Sua ascendência, portanto, é eslava. Com a experiência de imigração e morador de Santo André há mais de 50 anos, Aleksandar tem um conhecimento privilegiado da região. As comunidades imigrantes são, além de tudo, um de seus objetos de pesquisa. Já Carlos Musskopf é a quinta geração a crescer no Brasil. Nasceu no Rio Grande do Sul, na cidade de Estrela. Sua família, de origem alemã, chegou ao país em 1828. Os cenários, as histórias de sua vida são bastante diferentes das encontradas entre os imigrantes que vivem no

---

<sup>2</sup> Em 1889, foi criado o município de São Bernardo, que abrangia toda a área hoje correspondente a Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Mauá e Ribeirão Pires. Em 1910, cria-se um distrito às margens da São Paulo Railway (ou Estrada de Ferro São Paulo-Jundiaí) chamado Santo André. Com seu crescente desenvolvimento econômico, em 1938 “Santo André” passa a ser o nome de todo um município. No ano seguinte, ocorre a transferência da sede administrativa para o distrito, que mantém toda a região do ABC sob sua jurisdição. Em 1945, porém, São Bernardo do Campo realiza sua emancipação, seguida por São Caetano do Sul, em 1949, Mauá e Ribeirão Pires, em 1953, Diadema, em 1959 e Rio Grande da Serra, 1964. (NAVARRO, 2011)

ABC. Há cinco anos, porém, Carlos mudou-se para Santo André, onde atua como pastor na Igreja Luterana, e veio a conhecer muitos dos membros da comunidade germânica. Assim, tanto Aleksandar como Carlos contribuem de maneira alternativa e complementar a esta pesquisa, com olhares diferentes, fornecendo novos ângulos.

Os outros doze entrevistados são parte da comunidade germânica propriamente dita. Cinco deles são imigrantes, enquanto os outros sete são descendentes – a primeira geração de suas famílias a nascer no Brasil. Todos tiveram um contato bastante intenso com as culturas de seus países de origem. Este tópico, aliás, fornece uma característica bastante peculiar à comunidade: a diversidade dos locais de imigração. A Alemanha é terra natal de cinco destas famílias; a antiga Iugoslávia, de três; duas são da Áustria; uma é da Romênia e outra da Lituânia. A língua alemã é, porém, comum a todos eles - o assunto é desenvolvido com mais pormenores nos capítulos a seguir.

As idades variam. A mais velha entre as entrevistadas, Hildegard Braack nasceu na década de 1910. Quatro pessoas nasceram na década de 1920: Antonio Laefort, Frida Schmidt, Marta Wachtler, Miguel Zvonimir e Pedro Josefino Pilo. Outras quatro, Gertrudes Dal Pos, João Christoph José Becker, Luise Babisch e Marta Erika Hölsel, são dos anos 30. E, os mais novos desta seleção, Carlos Braack nasceu em 1944 e Rosvita Madalena Grabner em 1952. Com diferenças etárias que ultrapassam 30 anos, uma primeira impressão pode ser a de que o grupo é demasiado heterogêneo. Mas, conforme consideramos que todos eles contam também episódios das vidas de seus pais e, às vezes, seus filhos, é possível ver que suas histórias se cruzam em muitos pontos. Um, em particular: todas as histórias de imigração são marcadas ora pela Primeira Guerra Mundial, ora pela Segunda. Apontam-se, assim, duas ondas migratórias de importância para a comunidade germânica no ABC, bem mais recentes que a tradicional comunidade imigrante alemã no sul do país, por exemplo.

Como no poema de Carlos Drummond de Andrade, há uma espécie de dança, uma quadrilha entre todos esses personagens. *João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém*. Hildegard é mãe de Carlos. Antonio, Frida, Marta Wachtler e Pedro estudaram na mesma escola quando crianças, a *Johannes Keller Schule*. Marta Erika e João Becker são primos. Gertrudes é sobrinha de Frida. Miguel e Rosvita moraram, durante muitos anos, no mesmo bairro. Rosvita frequentava a mesma associação católica que Luise.

A distinção por religião se dá de forma clara, também: todos são cristãos, ora de linha protestante, luteranos, ora de linha católica. Essa característica parece um reflexo do que acontece na própria Alemanha, em que as duas são as mais praticadas no país. De acordo com

um censo realizado pelo governo alemão em 2011, 24.869.380 pessoas declararam-se adeptas do catolicismo – localizadas notadamente no sul do país. Os protestantes surgem logo na sequência, com 24.552.110, de predominância no norte. Esses números são menores apenas que o daqueles que se declaram sem religião, mais de 26 milhões de pessoas (DEUTSCHLAND BUNDESREPUBLIK, 2011).

Todos os entrevistados são casados e tiveram filhos, exceto Rosvita e Marta Erika. Entre estes, maioria já possui netos, exceto Carlos Braack. O divórcio não foi prática pessoal de nenhum dos colaboradores.

Vale destacar também dois cenários essenciais a todas as narrativas: os portos das cidades de Santos e Rio de Janeiro, entrada de todas as famílias aqui apresentadas. Seus itinerários são bastante parecidos: após passagens pela Hospedaria dos Imigrantes (SP) ou pela Ilha das Flores (RJ), muitos imigrantes parentes dos entrevistados foram trabalhar em fazendas no interior de São Paulo, ainda que por breve período. Os empregos na capital também levaram muitos a morar em bairros como Mooca, Pinheiros e Lapa<sup>3</sup>. A semelhança maior, contudo, está no estabelecimento das famílias nas cidades do ABC Paulista. Santo André, São Caetano do Sul, São Bernardo do Campo e Mauá se transformaram em lares para muitos, durante muitos anos. Os únicos que não residem na região atualmente são Carlos Braack e João Becker. Após passarem suas juventudes no ABC, mudaram-se para a capital na vida adulta.

Quanto às suas profissões, embora sejam bastante variadas, é notável que todas sejam de ambiente urbano. A tradição rural existe nas lembranças de seus antepassados, mas as ocupações de maior destaque entre os colaboradores desta pesquisa são as de operários, secretárias, manicures, costureiras, ferramenteiros.

Em suma, este *corpus* é resultado de relações semelhantes a dos próprios entrevistados. Tanto eu como minha orientadora somos, afinal, moradoras do ABC Paulista desde que nascemos. Esta rede de contatos foi formada ao longo dos anos, no decorrer do desenvolvimento de nossas pesquisas e de nossas próprias vidas. Partiu de algo como “minha mãe conhece uma alemã no bairro” e seguiu com as indicações feitas pelos próprios entrevistados, que fomos conhecendo pouco a pouco. Assim, algumas entrevistas foram realizadas nos idos de 2008, relacionadas às investigações acerca da *Johannes Keller Schule*,

---

<sup>3</sup> Embora praticamente ausentes nas narrativas dos colaboradores desta pesquisa, os bairros paulistanos de Santo Amaro, Brooklin e Campo Belo possuem relevante presença de imigrantes germânicos e seus descendentes. A região de Santo Amaro abrigou um dos primeiros núcleos coloniais alemães em São Paulo, fundado em 1827 e oficializado em 1829 (SIRIANI, 2005, p. 92). Outro pesquisador integrante do *Memórias do ABC*, Alberto Iszlaji Junior é autor da dissertação “Lyra e Kolping: comunicação e identidade de associações culturais germânicas no bairro de Campo Belo (SP)”, caracterizando também as atividades de imigrantes e seus descendentes na região.

outras foram feitas já em 2014. Há também entrevistas que vieram a somar ainda mais a esta pesquisa graças à colaboração de outros pesquisadores e ao trabalho constante existente no *Memórias do ABC*, sempre imerso na temática da memória, das histórias de vida. O método utilizado é o mesmo em todas elas. O depoimento de Hildegard Braack, já falecida à época desta pesquisa, veio por intermédio de Daniela Roncarate Barbosa, que estudava os estrangeiros prisioneiros de guerra no Brasil, em 2006. A entrevista de Miguel Zvonimir foi realizada para a pesquisa sobre metáforas em ritos e cerimônias de imigrantes, de Raquel Nantes Tavares, em 2007. A entrevista de Marta Erika foi realizada pela professora Priscila Perazzo para sua pesquisa “Comunicações culturais”, financiada pela Fapesp entre 2011 e 2014 como parte do convênio USCS-Fapesp-Finep para implantação do Laboratório Hiperfídias.

A partir deste conjunto, são analisados os diferentes discursos culturais e imaginários próprios a cada um, em um nível pessoal, e à comunidade, em um nível coletivo. Já que as entrevistas utilizadas nesta pesquisa foram gravadas lançando mão das Narrativas Orais de História de Vida como método, esta primeira parte não poderia ser outra se não uma apresentação das histórias de cada uma destas pessoas. Aqui, existem três diferentes vozes: de modo geral, há uma narradora em terceira pessoa, de caráter mais objetivo; mas há também duas vozes diferentes em primeira pessoa, um *eu*, em itálico, com o original das falas dos entrevistados – respeitando a essência de quem estes seres humanos são: protagonistas de si mesmos, de seus próprios caminhos – e um outro eu, que permeia o discurso do narrador e me permite a inclusão de algumas de minhas próprias impressões como observadora e pesquisadora.

Essencialmente, esta parte é uma construção, em nível individual, concebida para revelar as faces da comunidade germânica na região. Neles estão presentes itinerários de vida, relações de trabalho, hábitos culinários, descrições sobre a cidade, posicionamentos políticos, olhares infinitamente particulares sobre grandes acontecimentos históricos. Estes textos são, é claro, uma construção; recortes feitos pensando os objetivos desta pesquisa em cima de recortes feitos pelos próprios colaboradores, em seus processos mentais e mnemônicos, ao contar suas histórias. Neles estão inclusos, ainda que pareçam invisíveis, posicionamentos teóricos que são contextualizados na segunda parte desta dissertação. Além disso, é pensada visando possibilitar ao leitor suas próprias percepções frente a essas vidas, histórias, causos aqui narrados.



## Capítulo 1 | Diferentes gerações, uma só história

Neste primeiro grupo de biografias, estão presentes Aleksandar Jovanovic e Carlos Muszkopf, os dois colaboradores de envolvimento indireto com a comunidade germânica na região, mas de expressiva contribuição. Aqui estão também Hildegard e Carlos Braack, mãe e filho, compartilhando um grande bloco de histórias em comum. Por fim, está Rosvita Grabner que, assim como Carlos, pertence às gerações mais jovens de descendentes entrevistados nesta pesquisa.

### *Aleksandar Jovanovic*

É um pouco complicado conseguir um espaço na agenda de Aleksandar Jovanovic. Imerso em sua carreira acadêmica – é pesquisador e leciona na Universidade de São Paulo – e seus compromissos como responsável pelas relações institucionais e internacionais da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, seus horários estão sempre ocupados. Após alguns e-mails, porém, ele reserva uma manhã de quarta-feira para nos receber em seu gabinete, na reitoria da mesma universidade em que estudei. Era a primeira vez que nos víamos pessoalmente, mas eu já havia cruzado com Aleksandar e suas pesquisas muitas vezes antes. Entre 1997 e 2000, ele foi presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, onde ajudou a criar a revista *Raízes*, em 1989, hoje em sua 50ª edição. As memórias da região do ABC são um dos temas de suas pesquisas, e publicou diversos artigos nessa revista – incluindo um sobre a comunidade germânica, intitulado “Os *Donauschwabens*, uma comunidade de língua alemã em São Caetano”. Ali estava o autor de um dos artigos que abriu caminho para esta mesma pesquisa, em 2008.

O traje de Aleksandar é tão polido quanto suas palavras. De trás de seus óculos de armação redonda, ele conversa comigo feito um orientador, compartilhando dicas sobre o momento da defesa da dissertação, enquanto João, meu colega técnico, monta o equipamento de gravação. Transita facilmente entre política e educação, e são para estes rumos que, frequentemente, Aleksandar leva a entrevista. O campo da História Oral não lhe é estranho, mas, em poucos momentos de gravação, torna-se claro que os aspectos mais particulares de sua história vida seguirão reservados. *Ao mesmo tempo há muitas coisas pra dizer ou não há nada para dizer, não é?*, ele pontua. A maior parte de sua entrevista é feita de contribuições acadêmicas. Aos poucos, porém, o professor nos leva por sua biografia.

Ele mesmo faz parte da comunidade de imigrantes residentes na região. Suas origens são eslavas, porém. Sua família residia em Subotica, uma cidade ao norte da Sérvia, já nas fronteiras com a Hungria. *Uma cidade com 100 mil habitantes, mais ou menos, pequena para padrões europeus.* Oficialmente Vojislav Aleksandar Jovanovic, ele tinha menos de quatro anos quando desembarcou com seus pais, Jovan e Elizabeth Jovanovic, e a avó materna, Irena Aranji, no porto de Santos. *Eu não vim, ele reforça, eu fui trazido ainda criança. Portanto, eu sou um brasileiro nascido fora do país. A minha infância é São Paulo, é ABC, é Brasil.* Após a Segunda Guerra Mundial, os sobreviventes da família racionalmente decidiram que não queriam mais viver ali. *Uma das razões principais foram as consequências da guerra. Quer dizer, perda de familiares, de todos os familiares, destruição do país, enfim... Não deve ter sido muito fácil.*



Aleksandar Jovanovic, em sala de reunião no campus Barcelona da USCS, em 27/08/2014.

Eles não conheciam ninguém no país, mas a ideia fora vir para São Paulo desde o começo. Lá moraram durante pouco tempo – aos 11 anos de idade, Aleksander e sua família já vieram para Santo André, cidade em que reside até hoje, aos 64 anos. *O ABC parecia exatamente um aglomerado de cidades do interior – no bom sentido – com tudo aquilo que cidade do interior pequena possa oferecer de positivo, recorda.*

Aprender português não foi uma dificuldade para Aleksandar, em particular. Sua avó Irena era professora de idiomas e já havia alfabetizado o neto na primeira infância. Adulto, tornou-se linguista e tradutor, capaz de falar, ler e escrever, em diversos níveis, não só no

idioma servo-croata, mas em húngaro, russo, macedônio, tcheco, eslovaco, italiano, francês, inglês e espanhol – para citar alguns exemplos. *Mas eu falo português!*, ele destaca, colocando a língua numa posição de primeira importância. Já para seus pais, os obstáculos foram outros. Formados engenheiro agrônomo e economista, eles não conseguiram ter seus diplomas reconhecidos no país, e puseram-se a trabalhar com comércio.

Dotado de um olhar de quem está envolvido no cenário há anos, Aleksandar é bastante crítico em relação à educação no país, tanto no que diz respeito ao reconhecimento de diplomas, como em relação a políticas linguísticas (ou ausência delas) e, é claro, formação de professores e organização do sistema educacional. *Eu fui aluno do Instituto Estadual de Educação Doutor Américo Brasiliense, em Santo André. Tenho excelentes lembranças do que era o ensino público e gratuito no Brasil - antes de terem destruído o ensino público gratuito.*

Para ele, *não era preciso ser nenhum gênio* para ser aprovado no vestibular mais concorrido do país, o da Universidade de São Paulo, sem passar por um curso preparatório. *A maioria dos meus colegas não precisou frequentar cursinhos porque o nível de ensino era de primeira qualidade, principalmente nos antigos institutos estaduais de educação*, recorda. Aleksandar ingressou na USP, em 1970, *e nunca mais saí da USP, diga-se de passagem. Entrei para ficar*. Após sua graduação em Letras, formou-se jornalista pela Cásper Líbero, em 1981. No ano seguinte, retornaria a USP para fazer seu mestrado e, também, atuar como professor e pesquisador. Em 1985, concluiu seu mestrado e, em 1988, seu doutorado, ambos na área da Linguística.

Paralelamente, Aleksandar sempre desenvolveu outras atividades. Como jornalista, atuou como editor de política do jornal *Diário do Grande ABC*, em Santo André, na década de 1980 – experiência que lhe serviu, inclusive, nos muitos números da revista *Raízes* que editou. E não foi apenas sob a ótica jornalística que o professor envolveu-se com política. Nela atuou também diretamente, servindo como secretário de comunicação da prefeitura de São Caetano do Sul entre 1983 a 1996 e 2001 a 2004. *Fui assessor do ex-prefeito Walter Braidó* (eleito pela terceira vez em 1983), *do prefeito Luiz Olinto Tortorello* (eleito em 1989), *do Antonio José Dall’Anese* (eleito em 1993)... *Eu fiquei bastante tempo*. Na USCS, ocupa o cargo desde 2009.

*Carlos Musskopf*

Uma vez dentro das instalações da Igreja Luterana de Santo André, mal se lembra de todo o cinza agitado da cidade. A avenida Pereira Barreto, uma das mais movimentadas de Santo André, fica a poucos metros dali. A rua Almirante Tamandaré é estreita e arborizada, cerceada por casas residenciais, em sua maioria. A paróquia, embora de origem cristã, em nada lembra a arquitetura das igrejas católicas. Por fora, parece uma espécie de clube ou estabelecimento comercial. Por dentro, é um tranquilo conjunto composto por uma pequena capela, a casa da diácona, a casa do pastor. Cercado de plantas, o ambiente é arejado e bem iluminado. Carlos Musskopf, o pastor desta paróquia, explica que a construção da capela foi feita pensando exatamente no aproveitamento da luz natural, garantida por uma claraboia no teto sobre o altar. É em sua casa, porém, que Carlos nos recebe para conversar. O clima, por dentro, é similar ao de fora. As paredes são claras e a decoração, minimalista. Nos móveis estão apenas algumas fotos de família e pinturas, todas de tema alemão.



Carlos Musskopf, em sua residência paroquial, em Santo André, em 29/04/2014.

Musskopf pertence à quarta geração de uma família de imigrantes alemães radicada no Brasil. Sua cidade natal é Estrela, no Rio Grande do Sul, onde seus antepassados se instalaram. *Na época, era uma cidade muito tranquila, tinha pouquíssimos carros, todas as ruas calçadas, as calçadas todas muito bonitas. Uma cidadezinha muito tranquila, muito bem organizada, muito arborizada.* Um de três irmãos, um ano e meio a menos que o primogênito

e quatro anos mais velho que o caçula, Carlos e sua família moravam nos arredores de uma igreja que tinha um jardim de infância, que acabou frequentando. O colégio, chamado Martin Luther, era um pouco mais distante e rendia uma caminhada de cerca de meia hora, *mas nunca a gente tinha medo de ser assaltado, qualquer coisa assim*. Nascido em 1964, Carlos não se lembra de ver tantos brinquedos, como há hoje em dia. A vantagem, diz ele, era fazer os próprios brinquedos. *A gente construía os próprios carrinhos, com serrinha, com madeira*. Brincava de carrinho de rolimã, bolinha de gude, tomava banho no rio Taquari. *Tudo com muita simplicidade, com muita pureza*. Na adolescência, Carlos se lembra que não havia muito a fazer. Às vezes, eram pequenas viagens de carro até cidades vizinhas; em outras, organizavam “reuniões dançantes”. *Eu sempre fui um cara rebelde, eu tinha o cabelo comprido, assim, quando ainda não era moda ter tão comprido, eu usava boca de sino... A gente ficava se queixando que não tinha nada para fazer e também não inventava nada para fazer, brinca. Todas as coisas que os jovens normais faziam na época eu também fiz, e eu acho que foi muito bom. Eu não tive uma vida acética ou nada disso assim. E depois, o estudo da teologia me fez muito bem, porque ele organizou a rebeldia, botou um estatuto, uma teoria, nessa rebeldia. E, então, eu consegui passar da rebeldia para a visão crítica*.

Aos 19 anos, em 1973, Carlos ingressou na faculdade de Teologia e se mudou para São Leopoldo. *Desde que eu me lembro por gente, eu sempre quis ser pastor*. Foi a primeira de muitas mudanças que aconteceriam em sua vida desde então. Algum tempo depois, começou a cursar também Sociologia, na Unisinos. Lá, foi um dos fundadores do Diretório Central Livre, ligado à UNE, União Nacional dos Estudantes. A iniciativa fazia frente ao então diretório existente, que era coordenado pela direção da universidade e ligado ao DEE, Diretório Estadual dos Estudantes, parte da estrutura da ditadura militar. Nesta época, Carlos conta que era preciso prestar atenção em tudo que se falava, e para quem se falava. *A gente sempre tinha muito medo sim, porque em todos os lugares tinham espiões. Espiões não, mas pessoas inocentes úteis, que deduravam a gente*. E a vivência na Unisinos não foi a única experiência com uma ditadura. Em 1976, Carlos mudou-se para a Argentina, a fim de fazer um estágio por lá. *Eu cheguei lá no dia 18 de março e no dia 24 de março se deu o golpe que derrubou a Isabelita Perón, e começou a ditadura militar do Videla. Foi uma coisa muito, muito impactante na minha vida*.

De volta ao Brasil, Carlos se formou em teologia em 1979. No ano seguinte, já começou a atuar como pastor na cidade de Esteio. E foi justamente neste ano que conheceu Ruth, a mulher com quem viria a se casar. Estavam os dois em uma festa quando um amigo se feriu e uma moça, com quem Carlos já tinha trocado olhares durante a noite, pediu carona

para leva-lo ao hospital. Enquanto esperavam na enfermaria, os dois começaram a conversar *e vimos que nós estávamos apaixonados um pelo outro. Decidimos nos casar ali mesmo, desde que nos conhecemos já decidimos casar. Nove meses depois, nós estávamos casados.*

Após o casamento, uma nova mudança: Ruth conseguiu uma bolsa de estudos nos Estados Unidos, então os dois moraram lá durante um ano e meio. De volta ao Brasil, Carlos e Ruth dividiram o pastorado na paróquia em Esteio, onde ele atuava, durante mais quatro anos. Então se mudaram para Porto Alegre, onde ele passou a trabalhar em uma escola alemã. Fez um estágio de três meses na Alemanha e, pouco tempo depois, recebeu um convite para ser pastor na universidade Ludwig Maximilian, em Munique. *No dia 31 de dezembro de 1994, nós chegamos em Munique, a esposa e eu. Era uma universidade grande, com 62 mil alunos, e ficamos seis anos lá.* Durante este tempo, o casal resolveu ter filhos. *O primeiro, Nicolas, nasceu em 1996. A segunda, Tamara, veio em 2000 – mas sua temporada na Alemanha não foi o bastante para que ela se lembrasse de algo. Ela nasceu em maio e, em setembro, nós voltamos para o Brasil. Ela foi conhecer a Alemanha agora, há dois anos, quando a gente fez um passeio para lá. Ela nunca tinha visto neve, então estava bem triste, mas teve todas essas experiências lá.*

Em 2006, uma nova mudança: foi eleito pastor na paróquia luterana em Santo André. Sua inquieta trajetória, finalmente, se cruzou com a região do ABC. O trabalho como pastor sempre lhe rendeu diversas oportunidades de viagens e ele abraçou muitas delas. *Eu sou um cidadão do mundo*, sorri. Sua passagem por aqui já tem data para acabar: 2015, quando termina seu contrato. Ele gostaria de pedir prorrogação e continuar na comunidade, mas sente falta da família. Esposa e filhos se mudaram para Porto Alegre no início de 2013. Ruth conseguiu uma vaga como pastora lá e Nicolas já pensava em fazer universidade naquela cidade. Carlos, então, vai novamente se deslocar, buscando ficar junto dos seus.

### *Hildegard Braack*

Eu nunca conheci Hildegard. Não pessoalmente. Ela faleceu em 2009, já na década de seus 90 anos. Sua história chegou às minhas mãos como se por um lance de sorte; nas mudanças do Laboratório Hiper mídias para sua nova sala, bem mais ampla e equipada, o DVD com sua entrevista surgiu em meio às organizações dos materiais. Sua entrevista não fazia parte, oficialmente, do acervo do *Memórias do ABC*. Foi gravada por um grupo de estudantes da USCS para a realização de seu trabalho de conclusão de curso em Jornalismo, o

documentário “O olhar vigilante: a repressão aos imigrantes durante a Segunda Guerra Mundial”. Um de seus membros, porém, é Daniele Roncarate Barbosa, estudante que fez parte do *Memórias* e, tendo conversado com Hildegard sob a metodologia do grupo, disponibilizou para a professora Priscila a gravação, feita em 2006. Daniela sabia, é claro, da importância do tema para as pesquisas de Priscila – ela mesma já havia conhecido Hildegard.



Hildegard Braack, entrevistada em sua residência, em Mauá, por Daniele Roncarate em 15/08/2006.

Oito anos mais tarde, dona Hilde aparecia na tela de meu notebook, algumas poucas semanas após eu ter entrevistado seu filho, Carlos Braack, com seu cabelo cuidadosamente arrumado, o colar de bolinhas combinando com os tons de marrom e bege da sua camisa. E ela conta sua história com o entusiasmo de uma criança, eloquente e teatral. Sem dúvidas, ela já deveria estar acostumada a ceder entrevistas. Pergunta se o microfone está funcionando e se o ângulo está bom. É uma imigrante alemã célebre: ex-tripulante de um navio que ancorou ilegalmente no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, o *Windhuk*, Hildegard e seus colegas ficaram presos em Pindamonhangaba por cerca de quatro anos. “*Saída de campo de concentração vive em Mauá*”, ela cita a manchete. *Todo mundo leu. Eles me conhecem, todo mundo me conhece aqui. E eu não sei nenhum nome. Ontem passei num táxi e o motorista me*



disse: “ô, Dona Hildegard, como vai?”. Ela encena uma expressão confusa e termina: *E eu nem me lembro daquele homem!*

Mas é raso dizer que o desempenho entusiasmado de dona Hilde ao contar sua história vem apenas do hábito e da importância que os outros lhe dão. Ela deixa claro que viveu, em seus deleites e dificuldades, exatamente a vida que quis. *Eu nunca queria me casar, queria ver o mundo inteiro, queria trocar sempre um navio com outro e viajar!* E, durante algum tempo, foi exatamente isso que ela fez.

*Meu nome é Hildegard Braack, ela se apresenta. Hoje eu já tenho 90 anos. Eu saí com 23 anos de Hamburgo, e eu já estou aqui há 67 anos em Brasil. Ainda falando desse jeito!, e dá risada, sempre com sotaque.* Ela vibra a língua no céu da boca sempre que pronuncia um erre, e costuma trocar o gênero das palavras em português. Mas é rápida e completamente compreensível, cheia de vocabulário. Hilde nasceu em uma cidade distante 80 quilômetros de Hamburgo, no norte da Alemanha, mas já morava nesta outra cidade há mais de ano, trabalhando como professora num jardim de infância e morando *num quartinho muito bonito, num bairro muito chique*. Foi quando sua locatária fez a pergunta que mudaria tudo:

- *Dona Hilde, a senhora não tem vontade de trabalhar num navio?*

*E como tinha, ela ri, o que posso fazer? E eu respondi “Amanhã já?”.* A mulher trabalhava para a *Deutsche Ost-Afrika Linie*, empresa marítima alemã, e ficara sabendo que os navios abririam vagas para professoras como Hilde, que pudessem cuidar das crianças durante as viagens, enquanto seus pais ocupavam-se de outras coisas. Pouco tempo depois, Hilde embarcou no pequeno Usambara, nomeado em homenagens às montanhas na Tanzânia, e começou a realizar seu sonho. *O navio saiu de Hamburgo em 30 de maio, e depois foi para Southampton, Inglaterra, e para Roterdã, e depois para Lisboa e, cada vez entravam mais crianças, passageiros que queriam ir ou voltar para África, e as crianças não podiam brincar sozinhas lá no navio.* A rota do Usambara descia até a África do Sul e passava por países como Moçambique, Quênia, Tanzânia e Sudão, até finalmente subir para o Egito, cruzar o canal de Suez e retornar à Europa pelo mar Mediterrâneo, passando por cidades como Gênova, Marselha e Trípoli.

Após a viagem, o navio, que já era um pouco velho, passou um tempo nas docas para reparos. Foi quando surgiu a chance de trabalhar no Windhuk<sup>4</sup>, um navio bem maior e mais

---

<sup>4</sup> A história do Windhuk é detalhada no livro “O canto do vento”, de Camões Filho, e as perseguições a seus tripulantes surgem nos livros de Priscila Perazzo, “O perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo” e também “Prisioneiros da guerra: Os súditos do Eixo dos campos de concentração (1942 - 1945)”. Além disso, há documentários, trabalhos acadêmicos de final de curso (como o de Daniele Roncarate Barbosa e seus colegas), e diversas reportagens relatando estas histórias.



luxuoso – e que seria decisivo para o destino de Hildegard e seus outros 249 tripulantes, além de mais de 400 passageiros. *Fiz mais cinco viagens com o Windhuk para a África. Mas esse navio não... Ia só até Lourenço Marques. Cidade do Cabo, Port Elizabeth, East London, Durban... Eu tinha um tempo muito bonito, muito bonito no navio.* Hilde cita nominalmente todas as cidades por onde passou como se estivesse, no mesmo momento em que fala, revisitando cada uma. O Windhuk só não retornava para a Europa pelo canal de Suez porque era um navio grande demais, naquele tempo. Em setembro de 1939, a viagem de volta se tornaria impossível por praticamente qualquer rota. Com a declaração de guerra de Inglaterra e França à Alemanha, o clima era de tensão e hostilidade. O Windhuk fugiu dos cruzadores ingleses até ancorar em Lobito, em Angola, onde permaneceu acuado e em busca de partir para um território neutro. *Nós não tínhamos nada pra fazer, conversamos muito, e o comissário dizia “olha, nós... o mínimo são dez anos que nós ficamos fora do nosso país. Nunca que nós voltamos mais. A senhora vai ver”.*

O Windhuk zarpou em direção à Argentina, mas uma nova reviravolta o aguardava ainda. O mar, agitado, exauriu os recursos do navio; o combustível era limitado. E continuar para a Baía Branca exigiria que o Windhuk passasse muito próximo a Montevideu, onde acontecia uma batalha marítima que culminaria no naufrágio do cruzador alemão *Graf Spee*. O porto de Santos parecia, então, a melhor opção viável. Os tripulantes pintaram o navio de preto e o renomearam Santos Maru, a fim de disfarçar sua entrada. *Então veio um piloto para buscar Santos Maru. Quando ele chegou perto e não viu nenhum japonês a bordo, só loiros, ele disse “nós sabíamos que alguma coisa não estava certa, porque a Santos Maru verdadeira saiu justamente ontem de Santos”. Isso nós não podíamos saber! Então, mas eles nos deixaram entrar e, desde sete de dezembro de 1939, estamos aqui no Brasil.*

Hilde tem um jeito leve e sereno – muitas vezes bem humorado – para narrar uma história tão fortemente alterada pela guerra. August Braack, o comissário com quem Hilde gostava de conversar no Windhuk, estava certo sobre os conflitos e sobre os destinos da maioria dos tripulantes: a maioria nunca mais retornaria à Alemanha. E foi com ele que Hildegard Lange, a moça que acreditava que nunca se casaria, decidiu se transformar na senhora até hoje conhecida como Braack, numa cerimônia realizada no próprio navio atracado em Santos, em 19 de abril de 1940. O casal, assim como os outros tripulantes, passaram algum tempo vivendo em Santos e São Vicente, custeados, num primeiro momento, pelo consulado alemão. Até 29 de janeiro de 1942, quando todos os viajantes do Windhuk – bem como o navio, são confiscados pelo governo brasileiro.

A declaração de guerra do país ao Eixo tornou a vida no paraíso tropical em um ambiente hostil. Após uma breve passagem por São Paulo, com visitas à Hospedaria dos Imigrantes e ao Departamento de Ordem Política e Social, Hilde, seu marido e conterrâneos foram levados a campos de concentração no interior do estado, divididos entre Guaratinguetá, Bauru, Ribeirão Preto, Pirassununga e Pindamonhangaba. Eles não foram interrogados, não houve confisco de bens ou qualquer satisfação. Estavam sendo presos apenas por serem alemães. Mas, nos contos de Hilde, o tom é, novamente, suavizado. Sua preocupação, na época, era continuar cuidando dos cachorros que adotava. Após ter sido obrigada a deixar aqueles de que tratava em São Vicente, ela chegou mesmo a transportar uma cadela consigo na viagem de trem até Pindamonhangaba. O nome, ela diz, era “Vencã”: uma adaptação feita, por quem não sabia falar português, à expressão “vem cá”. *Eu pensei que tinha encontrado um lugar bem sossegado pro cachorro, e sentaram os soldados lá. A escolta armada, com Hilde, perde o poder de fogo. Eles perceberam depois e deram risada. (...) Eu não tinha nada impressão (sic) que eu ia ser presa. Para mim, tudo era um acontecimento, e agora outro acontecimento. Morava lá mas, eles queriam fazer alguma coisa, vamos ver o que acontece agora.*

Até serem soltos, após o fim da guerra, em 1945, Hilde descreve uma vida tranquila na fazenda em que ficava o campo. Chegou mesmo a ter um filho, o pequeno Carl Johann Braack, Carlos Braack, nascido em dois de março de 1944, criado a base de leite e espinafre. Os obstáculos vieram nos anos seguintes, com o fim da internação – uma das poucas vezes em que Hilde, em sua narrativa, deixa escapar uma palavra mais pesada. *Isso foi também traumático. Sempre um grupo, eles levavam embora e estava livre. Eles foram pra São Paulo e disseram “se vira”. Agora eles têm que se virar.* Sem um tostão no bolso e sem conhecer a cidade, após sua libertação a família contou com o favor de uma dona de pensão alemã até começar a se estabelecer. *A guerra parou tudo, o meu marido já tinha 45 anos e naquele tempo era difícil achar um emprego. Muito difícil.*

August trabalhou na Companhia Melhoramentos, em São Paulo, e na Companhia Swift, em Santo André, o que os fez deixar a casinha alugada no bairro do Itaim se mudar para a região de Utinga. Com a indicação de uma amiga, Hilde fez um curso e se tornou uma das primeiras especialistas em ortóptica do país. Trabalhou com alguns oftalmologistas até finalmente abrir sua clínica própria, também em Santo André. *E assim a gente foi devagar, para frente.* Em 1963, August morreu. Hilde, 20 anos mais nova, ficou na companhia do filho e não se casou novamente.

Ficar sozinha, porém, nunca foi um problema para Hildegard. O marido, que não queria voltar sem ter vencido, nunca retornou à Alemanha. Ela o fez algumas vezes e não é difícil encontrar reportagens em que Hilde conta um de seus feitos: aos 78 anos, viajou, alugou um carro e dirigiu só por 12 mil quilômetros. E, mesmo em seus 90 anos, ainda se orgulhava de ter planos, fazer cursos, manter a esperança.

Talvez seja preciso reescrever as primeiras palavras com que apresentei Hildegard, no começo deste texto. Ela nunca me conheceu; morreu em 2009. Mas eu, e quem mais puder ler ou assistir sua história, sim – ela nos leva, a qualquer momento, a bordo do Windhuk, pelos portos europeus, ao redor da África e cortando o Mar Mediterrâneo de volta para a Alemanha. E poderíamos todos sermos os seus vizinhos, em Mauá, perguntando “ô, *dona Hildegard, tudo bem?*”.

*Carlos Braack*

Eu não fui a primeira pesquisadora ou jornalista a me interessar pela vida de Carlos Braack. Nomeado Carl Johann, em 1944, ele é a primeira pessoa a nascer em um campo de concentração no Brasil. Filho de Hildegard e August Braack, alemães tripulantes do navio Windhuk, e de suas muitas rotas e histórias. De tão célebre, Carlos já parecia naturalmente acostumado a contar a história do Windhuk e de seus pais – muito mais do que a sua própria, em particular na vida adulta.

Ele pouco se lembra de seus primeiros anos de vida, passados na fazenda em Pindamonhangaba em que seus pais estavam retidos. Mas uma de suas recordações permanece viva e bem guardada – o berço em que dormia, construído pelos tripulantes do navio. Sua mãe, Hilde, o manteve junto dela durante toda a vida. E, mesmo quando ela faleceu, em 2009, e Carlos vendeu a casa em que ela morava, em Mauá, deu um jeito de manter o bercinho. Morador de um apartamento, ele próprio não tinha lugar físico para guardar a peça. *Deve estar lá na casa dela, ocupando espaço. Às vezes eu falo para ela doar. Mas, por outro lado, me dá uma dó (sic)... Porque aquilo lá foi feito pelos funcionários, eles mesmos fizeram a mão, tudo. E quando a Marianne nasceu, a minha filha Marianne, minha mãe pintou o berço outra vez. Fez umas florzinhas e tal. Mamãe não existe...* Carlos pensa, afinal, em guardar o berço caso a própria filha queira usar, um dia, para ninar um neto seu.

Mas a vida deu muitas voltas antes que Carlos chegasse onde está: casado, pai de uma filha, em um pequeno e confortável apartamento no bairro de Santo Amaro, em São Paulo. Após serem liberados do campo de concentração, seus pais sofreram muito com o estigma que

recaiu sobre eles. Sem dinheiro, longe de seu país, sem falar muito português, foi difícil arrumar emprego. Por vezes, o simples fato de serem alemães os atrapalhava. Os outrora comissário de bordo de navio e professora de jardim de infância precisaram se reinventar. Após um período na Companhia Melhoramentos, seu pai conseguiu emprego na Swift, em Santo André. Sua mãe, após fazer um curso de ortóptica, trabalhou em consultórios de oftalmologia durante muitos anos, antes de finalmente abrir sua própria clínica, também na cidade. Após um tempo morando em Utinga, bairro de Santo André nos arredores do trabalho de Augusto, a família se mudou para a própria casa, em Mauá. A infância de Carlos, então, foi passada na região do ABC. *Eu me lembro de brincar de carrinho de rolimã e bicicleta, com uma menina da minha idade, na época, uma russa, onde é a rua da Paz ali. Era tudo de terra, ela sentava no guidão e a gente descia tudo aquilo lá, e também se esborrachava no final! Esses esportes, assim, que o anjo da guarda da pessoa é muito grande.*



Carlos Braack, no salão de festas de seu prédio, em Santo Amaro, em 22/08/2014.

Estudou, desde cedo, no Colégio Porto Seguro, em São Paulo, porque seus pais queriam que ele mantivesse contato com a cultura alemã. Ele mesmo, já adulto, viria a matricular sua filha ali. A escola era particular, ele conta, *então os meus pais deram o sangue para que eu ficasse lá*. Carlos precisava, então, se deslocar diariamente para São Paulo. Independentemente da escola, acompanhava a mãe, que também trabalhava na capital. Levava sua própria comida e, quando não havia nenhuma prática de esportes à tarde, fazia as tarefas no consultório, com Hilde. Sua adolescência não foi menos complicada. Seu pai adoeceu e

precisava de cuidados constantes. *Ele ficou em casa durante cinco anos e deu Alzheimer... Não havia remédio na época, e ele tinha aqueles ataques, assim, de loucura, de sair correndo pensando que tem alguém querendo matar. Eu cuidava dele, tinha uns 17 anos. Eu era magrinho e ele de repente ele saía correndo pela rua, e eu era obrigado a agarrar ele, com 120 quilos, e trazer para casa.* O quadro se agravou e Augusto faleceu. Hilde permaneceu na condição de viúva também até falecer – mas já bem mais tarde, depois de seus 90 anos. Acompanhou boa parte do desenvolvimento de Carlos, desempenhando sempre um papel importante na articulação de sua vida profissional, inclusive. Após terminar o colégio, Carlos frequentou a universidade Mackenzie e se formou engenheiro.

Hilde tinha sua clínica de ortóptica, em Santo André e, entre seus clientes, atendeu um homem que forneceria carrocerias de caminhão, de madeira, para a Mercedes Benz. Ela intermediou o contato entre os dois e o homem recomendou Carlos para um emprego na Mercedes – e ele quase não foi chamado. *Até os 19 anos, eu era muito gago. Não sei se veio desse stress todo de me locomover tanto. Então eles acharam que não era conveniente eu entrar lá, mas ele insistiu e me mantiveram. De repente, questão de um mês, quando eu me senti seguro, eu melhorei. Não sei como.* Após três anos lá, foi chamado para trabalhar na Volkswagen. No setor de importação de máquinas e ferramentas, ficou outros nove anos. Também por indicação de Hilde, nos anos 1970, Carlos fez um estágio em Comércio Exterior na Alemanha, em uma firma que *fazia o envernizamento de fio e cabo elétrico, o enrolamento de motores automáticos.* O negócio não decolou; a firma acabou perdendo seu principal cliente no Brasil, a Pirelli, e Carlos precisou se reinventar novamente. Os quase dois anos que passou em Hamburgo, porém, serviram para que ele aprendesse o que viria a ser um de seus maiores gostos na vida: velejar.

Atualmente aposentado, Carlos ainda trabalha. Vende máquinas de injeção de plástico e de sopro, para fazer garrafas pet. Quando pensa nas dificuldades que enfrentou ao longo da vida, avalia que teve *altos e baixos, mais baixos que altos.* Ainda assim, abre um sorriso ao falar dos seus finais de semana, quando vai ao Acampamento dos Engenheiros, no bairro de Eldorado, em São Bernardo do Campo. *É gostoso, é um ambiente leve e, quando faz vento, sempre tem um ou outro que sai pra velejar. Então tem uns dois botecos depois da represa, depois do rodoanel, que a gente para tomar uma cerveja. Daí sai, vai até o outro, faz aquele tour da cerveja!* Carlos dá uma risada e retoma, em tom mais leve. *Bom, vamos ver o que dá daqui pra frente. Espero que um pouquinho de sorte!*

*Rosvita Madalena Grabner*

O nome Rosvita não é estranho à comunidade no ABC, especialmente na Vila Barcelona, em São Caetano do Sul, e no bairro Campestre, em Santo André. Mãe e filha, Roswitha e Rosvita, há décadas moram na região. Fizeram dela o seu lar. Eu converso com Rosvita, a filha, por telefone, e agendo uma entrevista. *Moro na rua Maceió*, ela diz, *perto da USCS*. Pergunto a ela se o apartamento fica em um dos prédios novos, construídos há cerca de cinco anos no bairro. Rosvita confirma e acertamos os detalhes. Eu abro a janela do meu quarto, olho uma vez mais a paisagem de todos os dias e sei, pela primeira vez, que aquele prédio de pastilhas coloridas é o dela, há dois minutos a pé da casa onde moro desde meus três anos de idade.



Rosvita Madalena Grabner, no salão de festas de seu prédio, em 15/04/2014.

*Eu nasci ainda aqui mesmo na rua Maceió, em um desses sobrados que tem do outro lado. E, quando eu tinha quatro anos, meus pais compraram um terreno no bairro Campestre, de 500 metros quadrados. Eles mudaram para lá e começaram a reformar a casa aos poucos. Primeiro pagaram o terreno e a casa, e depois foram reformando. Eu morei lá até quatro anos atrás. A família toda acabou morando nessa mesma rua, a Vitória Régia: os dois irmãos do meu pai, minha avó, meu avô, amigos de infância dos meus pais que depois acabaram vindo também.*

A história de Rosvita na região não existiria, porém, se não fosse um encontro no porto de Gênova, na Itália. Lá se conheceram seus pais, Rudolf Grabner e Rosvitha Nanna

Grabner, um casal formado em meio às atrocidades da Segunda Guerra Mundial, em busca de recomeçar suas vidas em um lugar longe dali. Nascido em 1917, filho de um administrador de uma mina de carvão e uma dona de casa, Rudolf precisou interromper seu curso de Direito após ter frequentado as aulas por dois anos. A família, de origem austríaca, morava na região da Bósnia-Herzegovina, então Iugoslávia. A guerra os levou até a Polônia, onde Hitler buscava reforçar suas novas fronteiras por meio do povoamento, com famílias de cultura germânica habitando o local. Com o fim do conflito, a família já longe de seu lugar de origem, viu-se ainda mais distante de tudo o que conheceu.

Já Rosvitha, filha de vinicultores, perdeu ainda mais. Sua história é remontada desde os tempos de seus bisavós, quando estes seguiram o rio Danúbio da Áustria até chegar em uma pequena cidade nos arredores de Belgrado, atual capital da Sérvia. Lá se estabeleceram como vinicultores e a família viveu até a Segunda Grande Guerra, quando foi praticamente extinta num conflito armado. Rosvitha e uma irmã só sobreviveram graças ao acaso: estavam em Viena, visitando parentes. Seu irmão havia sido recrutado pelo exército alemão e desertou quando soube da tragédia, juntando-se às irmãs.

Rudolf desembarcou no Rio de Janeiro, em 1947, junto de seus pais, avó e irmãos. Passaram pela Ilha das Flores e, excedido o período de quarentena em uma fazenda, os Grabner sentiram seu trabalho ser explorado e, graças a amizades, decidiram se mudar para São Paulo. Quando todos se viram empregados, a família mudou-se para a vila Barcelona, em São Caetano do Sul, por volta de 1949.

Foi só em 1951, porém, que os destinos de Rosvitha e Rudolf se cruzaram novamente. O casamento, feito à distancia via procuração, possibilitou sua vinda para o Brasil. Ela deixou o que restou de sua família na Europa e recomeçou em São Caetano do Sul, onde finalmente pôde realizar uma festa de casamento. No ano seguinte, Rosvita, a primeira filha, nasceu.

De origem católica, parece natural que ela e seu irmão caçula tenham estudado no Externato Santo Antônio, naquela mesma cidade. *Um colégio de freiras*, ela explica, onde finalmente aprendeu a falar português. *A gente sofreu para caramba porque ninguém entendia o que a gente falava, a gente chorava à beça*. Mas, com a paciência de algumas freiras e a solidariedade dos colegas, esse tempo passou – e foi por intermédio dos filhos que Rosvitha aprendeu suas primeiras palavras no idioma também. O alemão, contudo, não foi esquecido. *Professores credenciados pelo Instituto Goethe davam aula na Sociedade São Miguel e lá, com esses professores, a gente foi aprendendo costumes, cantigas... Minha mãe contava histórias infantis também, eu tenho toneladas de livros em alemão com todos os contos dos irmãos Grimm*.

A adolescência, porém, trouxe novas histórias à vida de Rosvita. Ela fez um teste admissional e passou a estudar na Escola Estadual Doutor Américo Brasiliense, no que seria equivalente ao ensino médio, atualmente. Em seus 62 anos, é uma mulher bonita. *Filma meu melhor ângulo*, ela brinca antes do início da gravação da entrevista, em seus cabelos curtos em vários tons loiros, a blusa clara, um sorriso polido no canto dos lábios. Suas mãos fazem movimentos suaves, quando não estão repousando sobre o colo. *Naquela época, eu era a ovelha negra da família*, conta. *Meio Rita Lee, tinha um cabelo loiro até a cintura, franja, todo mundo me conhece no Américo até hoje como a Rita Lee!* E ela dá uma risada mais divertida que, por um momento, torna fácil enxergar as duas Rosvitas na mesma mulher. *Foram anos rebeldes... Woodstock, Beatles, Rolling Stones e Deep Purple, então realmente minha mãe não teve uma época muito fácil, não, com a aquela rebeldia toda.* Foram os tempos em que a menina que falava alemão conheceu pessoas da comunidade italiana, espanhola, japonesa. *Comecei agregar ao meu dia a dia comer de palitinho*, ela brinca. *Eu sempre fui dada a ser muito curiosa e querer conhecer novas culturas.* E foi esse espírito que levou Rosvita, no início dos anos 1970, até a faculdade de Turismo.

Seus planos de trabalhar com planejamento, na Embratur, não deram certo. Ela atuou em uma agência de turismo, no bairro da Liberdade, em São Paulo, até finalmente ser seduzida por boas oportunidades de trabalho – e remuneração – em indústrias germânicas no ABC Paulista. *No fim eu estava ganhando dez vezes mais do que na agência de viagens, em São Paulo, para ser secretária de um cara que vinha da Alemanha e que não falava português. Mas quer saber? Eu vou tentar isso daí, vamos ver no que vai dar. Vou ganhar bem, juntar um dinheirinho para ir para a Europa.* Do seu ingresso em 1978, na Glasurit do Brasil, foram somente quatro anos para a realização de seu sonho. Durante um tempo, morou em Ludwigshafen, cidade à margem do rio Reno, próxima a Mannheim.

Em 2000, Rosvita retornou à Alemanha, na cidade de Hannover. Passou mais de dois anos buscando, junto ao consulado alemão, o reconhecimento da cidadania de seu pai e, por consequência, o seu. Conseguiu. *Meu pai tinha direito à cidadania, que foi prometida naquela época por Hitler, quando eles foram para Polônia, e eu consegui juntar documentação e provar por a mais b, pesquisando nos arquivos da Alemanha em cinco, seis cidades diferentes. No fim, achei esse documento que existia no arquivo geral de Berlim.*

Passados seus 40 anos, ela encontrou também dificuldades para se reinserir no mercado de trabalho. A oportunidade estava no ramo de eventos, rico nas cidades de Hannover e Frankfurt. *Eles precisam sempre de gente que faça tradução simultânea e essas*



*coisas mas, por problemas de família, acabei voltando. Fiquei lá oito meses, e depois acabei ficando aqui...*

Depois de seu retorno, trabalhou em outras empresas alemãs na região do ABC: a Mangels, a Melita, a Costal, e *a última empresa que eu trabalhei foi uma empresa brasileira chamada Coimex*. Em 2006, defendeu uma dissertação de mestrado em Turismo e Hospitalidade, pela Universidade Anhembi Morumbi, considerando atuar como professora. *Foi muito difícil. As universidades queriam experiência de dois anos, e eu tinha acabado de fazer o mestrado. Não tinha experiência, precisava adquirir - alguém tinha que dar uma chance, porque se não, como é que você vai fazer?*

Aposentada, Rosvita trabalha ainda como professora de alemão. Mas divide, resignada, a impressão de que a parte de sua família que não emigrou da Europa está em uma melhor posição de vida. O intercâmbio de informações não para, na verdade. Quando não pode visitar os primos na Alemanha, são eles quem vêm ao Brasil, passar um tempo com seus familiares por aqui. De um jeito ou de outro, as viagens são constantes na vida de Rosvita.

A Rita Lee dos longos cabelos nunca quis se casar. *Tive alguns relacionamentos, não casamento como era o figurino, mas a minha mãe realmente nunca nos criou muito para isso. Viajei muito, conheci muita gente, de muitos lugares*. Hoje, ela se deleita em ensinar para a sobrinha o que aprendeu com a mãe. A língua, as historinhas para dormir, as festas. Brigitte é fruto do segundo casamento de seu irmão, Rodolfo, que mora até hoje naquela mesma casa, construída pela família no bairro Campestre. Poucos dias antes da gravação da entrevista, em abril, Bibi – como Rosvita gosta de chamar a garotinha de seis anos – esteve no apartamento de sua tia. A missão? Aprender a decorar ovos para a Páscoa. *A gente tenta passar para ela, já numa terceira geração, algumas coisas nossas... É uma opção que ela vai ter no futuro. Se ela quer estudar lá, se ela quer viver lá, se ela quer ficar aqui. Acho bom, na verdade, essa liberdade de poder optar.*

## Capítulo 2 | Uma comunidade germânica...

Dando continuidade às apresentações das biografias dos colaboradores desta pesquisa, o segundo capítulo reúne indivíduos cujas histórias estão relacionadas, especificamente, às cidades de Santo André e São Caetano do Sul. Em conjunto, seus relatos constituem um retrato da vida cotidiana no ABC Paulista, numa noção de coletividade.

A composição, termo utilizado para descrever o processo de construção de reminiscências, é feita para dar sentido à nossa vida passada e presente. A linguagem e os significados conhecidos por uma cultura são a base dessa construção (THOMSON, 1997, p. 56). Ainda segundo o autor, a memória popular recria nas pessoas o sentido de passado, reunindo e dando forma a uma multiplicidade de experiências pessoais e individuais. “A memória ‘gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas’, em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado” (THOMSON, 1997, p. 57). O tempo modifica as memórias que escolhemos narrar e também os sentidos que damos a elas. As alterações em nossas identidades pessoais são outro fator importante nesse processo de construção: precisamos de um passado com o qual seja possível conviver. Toma-se identidade como um termo que se refere à consciência de um eu construído ao longo do tempo, por meio das interações com outras pessoas e das vivências pessoais. E a narrativa de uma história possibilita justamente a reflexão sobre quem fomos, quem somos e quem gostaríamos de ser. Há, então, uma relação dialética entre memória e identidade.

Essa multiplicidade de pessoas, de identidades – sempre no plural – está em consonância com as ideias de Stuart Hall. O autor analisa que as identidades do sujeito pós-moderno são constantemente transformadas em relação aos sistemas culturais que nos rodeiam, às formas sobre as quais somos representados. A ideia de que temos uma identidade una, contínua e constante, do nascimento até a morte, é uma “confortadora narrativa do eu”.

Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 3)

Somos, na realidade, contraditórios, empurrados em diferentes direções, continuamente deslocados. E, no caso das histórias de imigrantes e seus descendentes, esses processos de deslocamento e transformações são ainda mais explícitos.

## 2.1 ... em Santo André

Neste grupo estão as histórias de Getrudes Dal Pos, de Miguel Zvonimir Krouman, dos primos-irmãos Marta Erika Hölsel e João Christoph José Becker, e ainda Luise Babisch. Quase todos nascidos na década de 1930, com exceção de Miguel, suas narrativas revelam as paisagens e práticas familiares em Santo André de décadas atrás. Além disso, este grupo novamente traz uma composição de história de família, quando somados os relatos de Marta e de João.

### *Gertrudes Dal Pos*

Gertrudes apareceu no estúdio da USCS para sua entrevista poucas horas depois que Frida, havia saído. Assim como sua tia, é simpática e precisa nas palavras. Transmite a mesma calma desapressada e compartilha muitas das histórias de Frida. Esta nem sonhava em nascer quando seu irmão, 15 anos mais velho, veio para o Brasil. No mesmo navio, chamado Cuiabá, estava a mãe de Gertrudes. Eles já haviam se conhecido na Áustria, encontraram-se no navio, tomaram rumos diferentes ao chegar aqui mas, graças à existência da colônia e toda a proximidade entre os imigrantes, foi possível um reencontro que, desta vez, terminaria em casamento.

Seu pai trabalhava em uma firma no bairro do Cambuci. Depois, passou por outras três empresas – a mais marcante delas, a Companhia Antártica, onde ficou por dez anos. Sua mãe trabalhava como enfermeira no hospital Santa Catarina, em São Paulo, e foi lá mesmo que Gertrudes nasceu, numa sexta-feira, 14 de dezembro de 1934. Sua vida toda, porém, é passada no ABC. Seus pais moravam em São Caetano e, ela conta, *fui uma criança comum, com brincadeiras, travessuras... Eu tinha uma tia que morava no Rio de Janeiro, então eu ia muito à praia, Pão de Açúcar, andar na mata do Corcovado. Eu passei muito por ali, Paquetá, aquelas, aqueles bairros antigos.*

Aos sete anos, Gertrudes começou a estudar. *Fui pra uma escola particular pra ser alfabetizada antes de entrar pro ensino básico. Acho que era o Segundo Grupo Escolar, a escola hoje não existe mais. Ou, se existe, ela deve estar na rua Maranhão. Mas, na época, ela era na rua Monte Alegre, esquina com a Manoel Coelho. Hoje existe um prédio no local. Completou o que hoje equivale ao ensino médio e tinha intenção de cursar uma faculdade de educação física, mas as condições financeiras não a deixaram. Era preciso trabalhar.*



Gertrudes Dal Pos, em estúdio no campus I da USCS, em 11/12/2008.

Ainda adolescente, ela fez um curso de datilografia, mas não se adaptou à rotina de escritório. *Eu sentei à máquina e não era aquilo que eu queria, ficar fechada num quarto. Eu não me sentia bem. Um dia, meu pai me disse: “Por que você não vai ver o salto de paraquedismo?”. Só que esse salto de paraquedismo era no Campo de Marte, e eu fui no aeroporto de Congonhas. E, chegando em Congonhas, eu fiquei deslumbrada.* Ela já havia experimentado uma viagem de avião em 1948, quando viajou do Rio de Janeiro para São Paulo. *Mas aí eu vi aquele pessoal uniformizado, bonitinho, certinho, fiquei encantada.* Poucos dias depois, ela procurou informações, fez um teste e foi aceita pela antiga VASP, Viação Aérea São Paulo. Só não podia começar a voar: não tinha completado sequer 17 anos. Ficou durante um ano no balcão, como atendente. *Precisei esperar. E aí mesmo meu pai precisou dar autorização porque eu tinha dito a eles que era só esporádico, né? Mentira.*

Em 1952, Gertrudes começou a voar – e assim ficou durante cinco anos, trabalhando como aeromoça. *Chamava a atenção, você era muito visada. Tinha seus quiprocós, porque quem trabalhava nesse serviço ouvia coisas como: “Ah, mas você vai trabalhar? Só tem você como mulher”, e isso, e aquilo... Quer dizer, havia esse preconceito. Só que a gente vai indo.* Tinha alguns que pulavam a cerca já naquela época, que já tinham seus... Mas tinha aquelas que eram assim, certinhas. A gente tinha um lema, entre nós, que dizia: *“Respeito é bom e eu gosto muito”.* Então já punha no lugar certo quem se atrevesse a alguma coisa. E depois eles

*vão aprendendo, sabendo com quem eles vão brincar, né? E nos hotéis geralmente os rapazes vão pra um lado e as moças pro outro.*

Em um fatídico dia de 1955, ela perdeu um voo. E, por causa desse pequeno evento, sua vida começaria a mudar completamente. Para consolar Gertrudes, seu pai a levou em uma festa no antigo Clube Harmonia, em Santo André. Lá, ela conheceu dois moços: um deles, Geraldo, se tornaria seu marido dois anos depois. Local de encontro de muitos imigrantes e descendentes germânicos, o Clube Harmonia surgiu após o fechamento de uma escola alemã em Santo André. Um dos fundadores dessa escola era Valter Dal Pos – pai de Geraldo.

O namoro, porém, começou lentamente. Ele morava em Santo André, ela em São Caetano, e não havia telefone em casa. *Eu estava na casa de uma colega minha de trabalho, e de lá eu telefonei pra firma do meu marido. Ele tinha uma firma já, uma loja, na época. E aí, começamos, por telefone. Só que os meus contatos eram só quando eu estava no serviço, porque ele não conseguia falar comigo. E ele já tinha carro. Um Vanguard, na época, e a gente começou a sair. Ele, como saía de Santo André, tinha que passar por São Caetano pra ir pra São Paulo. Quer dizer, isso quando a gente saía juntos. Então ele vinha me buscar em casa.*

Após um ano e quatro meses, Gertrudes e Geraldo se casaram. Era 2 de fevereiro de 1957. A colega de trabalho de quem ela emprestou o telefone, mais tarde, veio a ser a madrinha de uma de suas filhas, chamadas Rose e Bete. *A mais velha nasceu no mesmo ano, em novembro. Do trabalho, porém, Gertrudes abriu mão de vez. Na hora que eles sabiam que você ia se casar, você automaticamente avisava e pedia demissão... Naquela época tinha que ser “Maria Amélia”, né? Não tinha outra perspectiva.*

Com o casamento, seus pais deixaram que o novo casal se mudasse para a casa em São Caetano, onde Gertrudes cresceu. Eles próprios saíram para uma casa menor, deixando espaço para a filha criar os próprios descendentes. Lá, eles ficaram até os anos 1970. Após a morte de seus pais, Gertrudes vislumbrou a oportunidade de comprar um apartamento em Santo André e se mudar com a família. Não foi um passo fácil, porém. *Eu tinha prometido pro meu pai que eu nunca ia vender aquela casa. As negociações de compra e venda foram complicadas, mas quanto mais eu rezava, ela conta, mais as coisas davam certo!* Os sogros não gostaram da ideia; para eles, era uma “gaiola de ouro”. Desde as suas viagens de infância para o Rio de Janeiro, porém, Gertrudes era encantada com a ideia de morar em um apartamento como aquelas que via na cidade. Conseguiu: até hoje, mora satisfeita no mesmo local. A vida é que mudou. Viúva, suas filhas já adultas, Gertrudes já é avó.

*Miguel Zvonimir Krouman*

A segunda que também não conheci pessoalmente é Miguel. Suas memórias chegaram até mim após terem sido gravadas em 2007, para outra pesquisa no Memórias do ABC. Naquele ano, eu ainda estava fazendo cursinho e sequer havia entrado na USCS. Porém, pude assistir e ouvir o seu relato. Miguel tem a voz doce, e muitas vezes são doces também as escolhas de palavras que faz ao contar a sua história.

O frio da Croácia é uma das primeiras memórias que Miguel tem de sua existência. Nasceu em 17 de setembro de 1924 em uma cidade chamada Slavonski Brot, então pertencente à antiga Iugoslávia. Não chegou a conhecer seu pai; toda a sua vivência familiar gira em torno da mãe, de quem se lembra sempre carinhosamente.



Miguel Zvonimir Krouman, em estúdio no campus I da USCS, em 11/12/2008.

*Eu estava sempre perto da minha mãe. Quem tá perto da mãe, não tem medo. Eu não tinha irmãos, não lembro muito bem. Do frio eu não esqueci. Porque eu vivia sempre perto do fogão à lenha! A gente tinha um dentro da casa e eu ficava sempre perto dele, porque era muito frio mesmo. E lembro que eu tinha, como hoje os meninos têm, carrinho de rolimã. Eu tinha um pequeno trenó e descia os morros. Uma vez, levei um tombo e me bati de um jeito que, até hoje, não esqueci. Lembro também do rio Sava, um rio muito importante. Tinha um*

*lago, mais largo do que o Tietê, e ele congelava e a gente brincava em cima do gelo. Passava uma ferrovia, perto da cidade que eu nasci, que vinha de Belgrado para o leste, e a gente brincava sobre os trilhos. Então dava um trabalho para os guardas lá, enxotar a gente do gelo e dos trilhos! A gente vivia bem no caminho, nada de errado, vivia no aconchego.*

As recordações da vida na Europa vão somente até seus cinco anos de idade. Em agosto de 1930, ele e sua mãe já desembarcavam sozinhos no Brasil. *Ela veio para o Brasil com a cara e coragem - e com Deus, ela falou.* Muito católica, sua mãe ficou impressionada com os discursos dos padres acerca do comunismo que surgiu na Europa, a partir de 1917. *Os padres falavam do comunismo como se fosse um dragão que ia comer as pessoas.* A escolha do Brasil como novo lar foi também religiosa. Apesar de ter uma irmã morando nos Estados Unidos, que os chamou para viver com eles, Miguel desembarcou no Porto de Santos porque sua mãe via, no formato do país, uma cruz. A decisão foi acertada, ele acredita, já que no Brasil Miguel não precisou enfrentar nenhuma guerra. Seu primo norteamericano precisou lutar no Vietnã. *A minha mãe quis salvar o filho dela e conseguiu.*

Em São Paulo, primeiro foram morar na Mooca. *Ela arrumava emprego fácil, porque ela falava alemão.* Trabalhou, num primeiro momento, como faxineira. Depois, passou para as Indústrias Matarazzo, em São Caetano do Sul, onde também vieram morar. *Aqui em São Caetano já era mais próximo de São Paulo. A Vila Paula, ela já estava mais próxima do centro, mas era muito mais cara.* Deixaram a cidade e foram para Santo André. *Fomos morar na Vila Valparaíso, que era looonge da estação, na beira do Mato do Gavião. Por quê? A ideia dos antigos era comprar um terreninho e fazer uma casa.* E, àquela altura, sua mãe já havia se casado novamente. Em meio à convivência com imigrantes germânicos no ABC, conheceu o alemão que se tornou o padrasto de Miguel – e foi esse contato que começou a aproximá-lo mais intensamente da cultura alemã. Por influência deste homem, que Miguel passou a chamar de pai, foi matriculado e estudou na *Deutsch-Brasilianischer Schulverien São Bernardo und Umgebung*, Associação Escolar Alemã-Brasileira. Ali, aprendeu a falar alemão passou a conviver com outros imigrantes e descendentes germânicos.

A vida em Santo André era simples, permeada por ares campestres e distantes da realidade urbana dos dias de hoje. Na infância de Miguel, era possível nadar no Rio dos Meninos, uma das brincadeiras era pegar frutas no quintal dos vizinhos. Tinha muita fartura, Miguel conta, valorizando mais as vivências que a moeda, em si. *Outra atração era o Cine Carlos Gomes. De sexta-feira, eles tinham os seriados e, de domingo, também a gente ia no cinema. O mais difícil era conseguir o dinheiro.* Miguel economizava a mesada que recebia do pai em troca de trabalhar na horta da família.

Miguel orgulha-se de ter tido uma única profissão durante toda a vida. Formou-se na Fundação Getúlio Vargas e, ao longo da carreira, fez vários cursos de atualização no SESI. *Eu comecei como aprendiz e acabei como supervisor.* Trabalhou durante 20 de seus anos profissionais na mesma empresa, uma multinacional alemã, na Mooca, como gravador de aço e ferramenteiro. Saiu em 1981, após ver várias transformações e troca de proprietário da empresa que, no fim, havia se mudado para a rodovia Anchieta.

A comunidade germânica também foi fundamental para que Miguel conhecesse sua esposa. Os dois dançavam nos bailes do Clube Teuto, em São Caetano do Sul. *Só que naquele tempo dançar era realmente terrível, porque todas as mães e avós vinham no clube, sentavam todas em volta e fiscalizavam. Ai meu Deus, que dureza!* Apesar de toda a timidez, *eu só sabia jogar bola!*, Miguel conseguiu chamar Catarina para dançar. Conversaram, se deram bem e, em 1950, casaram-se. A festa foi no próprio clube, feita para 300 pessoas comerem, beberem e dançarem até as quatro da manhã. *Eu sempre ganhei bem, era um operário privilegiado. Fomos para a lua-de-mel no Rio de Janeiro, num DC3, avião à hélice, balançava para chuchu.*

Ela deixou de trabalhar e Miguel passou a sustentar a casa. *A vida foi sempre boa, ele avalia. Nunca precisei... Nunca fiquei desempregado no Brasil. Até hoje eu trabalho ainda na minha profissão e ganho dinheiro. Não é muito, mas eu ganho. Naquele tempo, acho que era moda que os noivos com posses não quisessem que as esposas trabalhassem.* Construíram um lar no bairro Campestre, rua Vitória Régia, onde criaram duas filhas. As duas já são casadas e, hoje, Miguel e Catarina são avós de um rapaz e uma menina.

### *Marta Erika Hölsel*

Marta Erika é a terceira e última colaboradora desta pesquisa que não conheci pessoalmente. Sua entrevista foi gravada pela minha orientadora, Priscila, em 2011. As duas são conhecidas desde a infância – Marta tinha amizade com sua mãe e uma das lembranças de Priscila, desde pequena, eram os doces de Natal que Marta fazia. Conhecidos, aliás, por muita gente em Santo André. *Uma vez, os bombeiros cortaram uma árvore que caiu no meu telhado e no telhado do vizinho. E, já que eles não aceitavam dinheiro ou gorjeta, eu pensei em fazer um panetone para cada um, no Natal. Tinha acho que uns dez bombeiros e eu fiz dez panetones. E os bombeiros entraram aqui na rua, buzinando. Todo mundo pensou que a Marta tinha pegado fogo! Eu acho que fiz uns dois anos ou três anos, não me lembro muito bem. Foi uma farra!*



*As receitas estão nos livros da Alemanha, ela conta. A gente vai pesquisando... Depois de velha, a gente sabe as coisas. Quando você é jovem, você procura e não acha. Eu ia no revendedor, comprava nozes, frutas secas, coisa e tal. Farinha, aqui no mercado. E a gente mandava brasa!*

E o motivo de todo esse interesse pela culinária alemã é simples: Marta nasceu em 11 de abril de 1930 na Alemanha, numa cidadezinha nos arredores de Dresden. Ainda bem novinha, ela se lembra, foi atropelada. Tinha quatro anos. No ano seguinte, Marta perdeu seu pai. *Acho que ele trabalhava em construções... Mas era metido na política, contra o regime nazista, e deu zebra. Ele ficou preso, foi muito machucado na cabeça e, daqueles machucados, ele faleceu. Eu me lembro, em 1934, do último dia que ele quis me ver. Minha mãe me levou no hospital e depois eu não me lembro mais dele.* Com o impacto, uma parte de sua família se ofereceu para ajudar. Tratava-se de Elsa, irmã de sua mãe, e Christoph, proprietários de um frigorífico em São Bernardo do Campo. O casal pagou as passagens e Marta deixou a Alemanha com Alma, sua mãe. *Nós embarcamos em Antuérpia. A cidade é da Bélgica, um porto. Eu não me lembro o nome. Outro dia pensei de lembrar e não lembrei!*



Marta Erika Hölsel, entrevista em sua residência, em Santo André, por Priscila Perazzo, em 23/09/2011.

Marta chegou ao Brasil pela primeira vez em 1935. Somente três anos depois, no entanto, uma nova reviravolta em sua vida a levaria de volta para a Alemanha. Sua mãe pegou tifo em 1938 e faleceu. Completamente órfã aos oito anos de idade, Marta passou a viver sob os cuidados dos tios, Elsa e Christoph, pais de um menino chamado João Becker – também

colaborador desta pesquisa. A partir de então e pelo resto da vida, Marta passou afetivamente a chamá-los também pais e irmão. No mesmo ano, Christoph decide voltar para a Alemanha, a fim de resolver problemas familiares. Desavisada, a família enfrenta toda a Segunda Guerra Mundial, que teve início logo no ano seguinte. E moravam, justamente, em uma cidade que acabou sendo fortemente bombardeada, praticamente destruída: Dresden.

*Foi horrível! Se eu contar muito sobre isso, de noite eu sonho que estão soltando bombas depois. Filme de guerra eu não assisto, porque a minha cidade pegou um bombardeio entre 13, 14 e 15 de fevereiro de 1945, quase no fim da guerra. Eu não gosto de lembrar muito porque não adianta, eu não vou modificar nada. Muita gente não tinha nada a ver com guerra e largou a vida, como até hoje fazem.*

Com a desolação, a família se mudou para o centro da Alemanha, para junto de uma irmã de Christoph. Apesar dos efeitos ruins, Marta consegue contar suas lembranças daqueles tempos. Tem memórias dos cheiros, das imagens. Recorda-se de ajudar as pessoas a cruzarem as fronteiras do pós-guerra, entre os territórios dominados por norteamericanos e russos.

*A gente estava sem dinheiro, sem roupa, sem nada, mas a gente sobreviveu. E a gente tratou logo de voltar pro Brasil! Levamos três anos pra fazer a papelada toda. Os passaportes foram motivo de confusão quando a hora de voltar para o Brasil chegou. Marta, nascida na Alemanha e órfã, estava com os tios também alemães, mas pais de um menino nascido no Brasil, João Christoph José Becker. O único documento que eles tinham era a certidão de batismo de João, que não havia sido registrado antes da viagem. Marta não poderia voltar com o restante da família e quase foi adotada oficialmente pelo tio, que não abriu mão da sobrinha. “Se a gente não for, o brasileiro fica também aqui. Meu filho é brasileiro e ele vai morrer de fome aqui, junto com a gente”, Marta reproduz a ação do tio. Deu certo. E, no fim, foi bom para ela não ter sido adotada. Assim, pôde manter seu nome original e receber a indenização do governo alemão, já que seu pai foi morto pelo regime nazista – um dinheiro muito bem vindo para a vida adulta de Marta, simples e repleta de dificuldades.*

Quando finalmente retornam para o Brasil, em 1948 – dez anos após a última viagem –, foi preciso recomeçar tudo novamente. A princípio, ela trabalhou num salão de cabeleiros, na rua Pamplona, em São Paulo. Então os tios abriram um bar e restaurante na avenida Pedro Américo, em Santo André e Marta, para ajudar nas tarefas, não voltou a estudar. *Eu não tinha amigos, eu não tinha amigas, eu era meio... Porque, vê bem, com quatro anos, você sofre um desastre de automóvel; com cinco você perde teu pai e, com oito, tua mãe. Você vai para o Brasil e, dali três anos, você volta para Alemanha. Eu precisava de uma pessoa que me ajudasse a por minha cabeça em dia.*

Em 1975, porém, um novo baque: a família foi desapropriada pela prefeitura de Santo André, para a ampliação de uma avenida. Seu tio, Christoph, morreu no ano seguinte. Com o pouco dinheiro da indenização, Marta e sua tia, Elsa, foram morar em outra casa, na vila Homero Thon. Para se sustentar, Marta voltou a trabalhar como manicure.

Hoje em dia, Marta não consegue mais cozinhar seus pães e doces. Vive acamada e mal pode cuidar da casa em que morou muitos anos com sua mãe, em Santo André. Tem a ajuda de uma vizinha e também da família de João, seu primo-irmão. *Deus sempre me protegeu, Marta avalia. Eu sempre tive um anjo de guarda perto de mim. Não sei se eu mereço, mas eu sempre tive. Se proteja, Martinha!*

*João Christoph José Becker*

Em junho de 2014, o casal João e Berenice completou 41 anos morando no mesmo local, uma espaçosa casa no bairro da Lapa, em São Paulo. Eles nos receberam em uma tarde de inverno morna; os netos, em férias, assistiam televisão num quarto ao lado. Berenice nos serviu um gostoso bolo de laranja e refrigerante. Tudo dietético, para não atrapalhar o controle da diabetes. Pouco antes de completar 80 anos, naquela entrevista João lembra que toda a sua infância e juventude começam muito longe dessa realidade.

*Para início de conversa, meu pai era católico ferrenho e minha mãe era protestante ferrenha. Meu pai era, vamos dizer, fiel ao imperador, nas ideologias dele, porque o imperador ainda existia naquela época, depois da primeira Guerra Mundial, ele falava sempre do imperador. A parte da Alemanha em que ele nasceu pertencia à Prússia, apesar de ser a Alemanha Central, ele pertencia à Prússia. E minha mãe é da Anglo-Saxônia, nascida em Dresden, e ela era comunista. Meu pai era a favor do imperador e ela comunista. Bom, como eles casaram eu não sei, eu só sei que viveram a vida inteira juntos, sem se separar nenhum instante.*

Cercados por diferenças, inclusive geográficas, o casal Christoph e Elsa só se conheceu no Brasil, entre os imigrantes alemães. Casaram-se em 1933 e, um ano depois, João nasceu em São Paulo, no hospital Santa Catarina. *Meus pais moravam em São Bernardo, que na época era Santo André ainda, e meu pai era proprietário de um frigorífico. Os negócios iam bem, mas um câncer no rim mudou o rumo das coisas. Ele achava que ia morrer. Naquela época, o câncer era uma condenação. Após uma cirurgia no Hospital Beneficência Portuguesa, voltou a recuperar a saúde. Foi um milagre.*

Em 1938, Christoph tomou uma decisão que afetaria profundamente toda a família: com questões de herança para resolver na Alemanha, resolveu voltar com a família à antiga pátria. No Brasil desde 1930, ele ignorava a iminência de uma guerra. Christoph, Elsa, sua esposa, o pequeno João, de apenas quatro anos, e ainda Marta Erika, sua sobrinha, embarcaram de volta para a Alemanha e recomeçaram a vida em Dresden. Em 1939, teve início a Segunda Guerra Mundial. Ele montara um pequeno negócio, vendia peixes e enguias defumados. Em meio à guerra, porém, o partido nazista exercia grande controle sobre todo tipo de atividades. Para evitar o fechamento de seu negócio, Christoph precisou se inscrever no partido. *Mas para entrar no partido nazista, você tinha que ter um ou dois anos de experiência dentro do nazismo, então meu pai nunca entrou no partido nazista de verdadeiro, ele era aspirante ao partido nazista.* João parece não se sentir confortável conversando a esse respeito, porém.



João Christoph José Becker, em sua residência, na Lapa, em 16/07/2014.

Ainda muito pequeno, ele passou boa parte de sua juventude lá, em meio a um cenário de guerra complexo que, na realidade, mal compreendia. *Com nove anos, eu entrei na... Não era a Juventude Hitlerista, era uma pré-escola em que a gente usava uma farda e a gente marchava lá. Só que quando era para marchar, eu pisava no calcanhar do cara que estava na frente. Se era para cantar, eu cantava no ouvido do cara que estava do meu lado! Eu tinha essas coisas, né?* João ri. Completar os estudos era tarefa complicada, também. Uma das escolas em que estudou foi destruída pouco tempo após seu ingresso. Em 1944, Dresden foi bombardeada e sua família começou a fugir dos impactos mais fortes da guerra. *Eu não*

*completava nada, porque nós morávamos em lugares diferentes, a gente pulava de lugar. No fim, nós fomos pela missão militar brasileira e nós fomos internados para esperar. Nós ficamos dois anos esperando para conseguir sair da Alemanha. O retorno para o Brasil aconteceu, finalmente, em 1948.*

De volta ao ABC, o antigo frigorífico de Christoph estava sob os cuidados de seu cunhado. Ele abdicou deste passado e se propôs a mais um recomeço. Abriu um bar e restaurante em Santo André, na avenida Pedro Américo. Aos 14 anos, João retomou os estudos no Brasil – sem saber falar uma palavra em português. Sabia somente alemão e inglês. *Foi difícil achar um professor para falar, imagina, naquele tempo, vocês não queiram saber...* João foi, então, para um colégio particular, nos arredores do Colégio Américo Brasiliense. Curiosamente, seu método para aprender o português foi ler *O Conde de Monte Cristo*. Com um dicionário ao lado, ele anotava os significados das palavras e, pelas repetições, aprendia e memorizava. *E eu queria saber também o fim, era interessante, porque era escrito para alguém da minha idade. Só que eu tive... Não vou falar, isso é desagradável.* João repensa a decisão sobre falar ou não, e decide continuar. *Eu tive algumas dificuldades, mas não com os alunos, os alunos eram todos meus amigos. Os professores, nem todos me aprovavam. Tinha um professor que me colocou para fora da classe uma vez. Quer dizer, a única coisa, coitado do cara, ele falou: “Eu não vou lecionar para alguém...”, ele era professor de português, “... para alguém que pertença a uma raça que tanta desgraça trouxe sobre o mundo”.*

João cursou o chamado ensino científico já no próprio Américo Brasiliense. Decidiu entrar na faculdade de medicina. Sem conseguir ingressar na USP, ele começa em 1960 o curso na PUC de Sorocaba. *Meu pai trabalhou feito um doido para que eu estudasse*, ele conta. Em 1963, João conheceu Berenice. Os dois estavam na estação rodoviária de Sorocaba, apenas de passagem. Ela tinha 20 anos, ele 29. *Aí nós nos encontramos aqui em São Paulo e, depois de um mês, nós achávamos que íamos nos casar*, conta a própria Berenice. Conhecedora da história não só do casal, mas da juventude do marido também, ela muitas vezes participou da entrevista, contando detalhes que, ele mesmo, por vezes não se lembrava.

Formado em 1967, João trabalhou durante quase dez anos na Santa Casa de São Paulo e especializou-se anestesista. Mesmo aposentado, João ainda trabalha na Clínica de Repouso Parque Julieta, na Granja Julieta.

Berenice e João são pais de três filhos: João, nascido em 1969, Karen, de 1970, e Luís, de 1976. Eles fizeram questão que todos estudassem no Colégio Porto Seguro, para manter o contato com as tradições culturais de João. Mesmo Berenice, brasileira sem qualquer

antepassado germânico, abraçou a cultura. Aprendeu um pouco de alemão e também muitas receitas culinárias. Hoje em dia, o filho caçula mora na Alemanha e é pai de três filhos. Karen também saiu do país; mora há onze anos nos Estados Unidos e é mãe de um menino. Somente João, o primogênito, permaneceu. Seu casal de filhos são as crianças que assistiam televisão no quarto ao lado, durante a entrevista com os avós.

### *Luise Babisch*

Os primeiros momentos da entrevista com Luise são delicados. Dão a impressão de que serão mais difíceis que o normal. Em julho de 2014, ela estava se recuperando de um derrame. Ficou com dificuldades motoras no lado esquerdo do corpo e também de fala. Pergunto seu nome e data de nascimento, para registro na gravação, e ela se emociona. Talvez motivada pela ansiedade, ela quer falar e não consegue. Seu breve choro está algo na frustração pela falha de conexão entre seu corpo e sua mente. Ela respira fundo, porém, e começa, devagarinho, a contar sua história. *Me emociona, então... Bom. Luise Babisch, nascida... Em 28 de dezembro de 1935.*



Luise Babisch, em sua residência, em Santo André, em 21/07/2014.

Luise nasceu em 28 de dezembro de 1935, na Alemanha. Sua cidade é Köln, conhecida como Colônia. *Eu nasci pertinho da catedral de Colônia, você já escutou falar? Tem uma catedral muito bonita, conhecida no mundo inteiro.* Seu irmão é de 1932, mas foi por pouco que os dois nasceram na Alemanha. A família de seu pai, George, já havia deixado

o país em 1924 e vindo para o Brasil. Na época, o pai tinha 18 anos. Moraram primeiro nas cidades catarinenses de Florianópolis e Blumenau, e depois no Paraná. A trajetória sossegou na chegada a São Paulo, em 1928, quando foram morar na rua Voluntários da Pátria. Em 1930, porém, George decidiu voltar sozinho para a Alemanha, deixando seus pais e três irmãos. Lá, acabou se casando com uma moça chamada Anna e começando uma família, sem imaginar que os tempos de guerra viriam logo na sequência.

A infância de Luise foi toda passada no Velho Continente. Ela já tinha 14 anos quando, em 1950, seu pai decidiu voltar para o Brasil, levando sua família consigo. Estudou durante oito anos por lá e, como morava em um apartamento, lembra-se de ter amizade com outras crianças do prédio. *A gente se divertia bastante. Era o tempo de guerra, e quando os outros viam perigo e a gente não via.* Quando soavam alarmes avisando sobre bombas, era preciso descer até o porão, que era reforçado e oferecia abrigo mais seguro. *Os adultos não iam gostar de lá, de ficar à noite no porão, esperando as bombas passar. As crianças achavam legal. Só não podia fazer muito barulho! Mas, de um jeito ou de outro, a gente se divertia.* Os racionamentos de comida também não causaram em Luise uma lembrança particularmente dolorosa. As famílias precisavam utilizar tíquetes para retirar porções controladas de farinha, açúcar, pão – mas ela não reclama de passar fome. *O leite era racionado, só ganhava quem era doente e criança pequena, nenê. Mas eu era sempre subnutrida, eu nunca quis comer. Então sempre era assim, um palito. Depois da guerra, não tinha mais nada. Mas eu tinha um atestado médico e ganhava do governo um copo de leite por dia. Eu dava o copo pra minha mãe e dividia por quatro! Senão, ninguém tomava leite. Divido em quatro, todo mundo ia ganhar um gole.*

Após o fim dos conflitos, já em 1950, a família chega ao Brasil e vem morar em São Paulo, cidade em que o restante da família de George morava. Sua primeira casa foi alugada no Alto de Pinheiros, região em que hoje está a Vila Madalena. *Era diferente, tinha bastante árvores... Mas era o fim do mundo, minha mãe dizia.* Apesar de uma adaptação difícil, no começo, voltar para a Alemanha não era mais uma opção. As experiências de guerra foram decisivas para a família. *Depois da Segunda Guerra, a gente veio. Não sei se foi o certo ou errado, mas eu estou tão acostumada...*

Com apenas três anos de Brasil, a família deixou a casa alugada em São Paulo e se mudou para um imóvel próprio, em Santo André. George era ferramenteiro e Anna trabalhava dentro de casa. *Tudo o que eu sei hoje na cozinha, aprendi da minha mãe.* O feijão brasileiro era cozinhado só de vez em quando. Na maior parte das vezes, a família continuou se alimentando de acordo com os costumes alemães, com muita batata e chucrute. Luise, que já

tinha concluído oito anos de estudos na Alemanha, fez cursos de datilografia e estenografia. Conseguiu um emprego como secretária na Volkswagen, em São Bernardo do Campo, e lá trabalhou por sete anos.

A vida no ABC propiciou também muito mais contato com outras famílias germânicas do que tinham antes, quando moravam em São Paulo. Bastante católicos, passaram a frequentar as missas e confraternizações organizadas na Sociedade São Miguel, na Vila Bastos. Como moravam no mesmo bairro, Luise e sua família estiveram presentes na primeira missa realizada na Sociedade. E foi lá, inclusive, que Luise conheceu Walter, o homem que tornaria seu marido por mais de 40 anos, até falecer. *Ele era importado também, brinca. Eu o conheci com 19 anos, e o nosso namoro acontecia nas festas de família... Ele era três meses mais novo que eu, e só casamos lá pelos 30, 31 anos.* O longo namoro teve razão de ser. Walter teve uma oportunidade de trabalhar e estudar na Alemanha, acabou se mudando para lá. *Mas eu esperei por ele e ele esperou por mim, deu tudo certo.* Casaram-se na igreja São Bonifácio, em São Paulo, e fizeram a festa no ABC, onde moravam seus amigos e família. Sua primeira residência foi a casa em que Luise reside até hoje, no bairro Campestre, em Santo André.

Em 1968, o casal teve um filho: Walter, como o pai. *Eu saí do emprego quando estava grávida do Walter, aí não voltei mais. Meu marido não queria que eu trabalhasse. Naquela época era assim ainda, a mulher não trabalha, né? Mas ele não era muito machão, não. Era bem típico alemão.* A família fez questão que o filho aprendesse alemão também. Durante algum tempo, deu aulas do idioma. Depois, entrou em um estágio na Mercedes Benz e, desde então, a empresa é seu local de trabalho. *A gente brincava juntos, a gente era muito amigos. Até hoje!, conta.*

Ele mesmo pai de dois meninos, Walter presta atenção em toda a entrevista de sua mãe. Ouve o que ela conta e, discretamente, às vezes colabora também, narrando alguns episódios ele mesmo. Com o desenrolar da entrevista, as incertezas do início perdem espaço. Ao fim, Luise se revela dona de uma das memórias mais precisas que já vi. Consegue nomear cidades e apontar datas exatas e recordar nomes de pessoas. Contagiou, além de seu filho, também o neto, que estava na casa, e todos se dispõem a contar mais, mostrar fotos e recordações. Ela tem, na certeza de si e da própria história, as bases para apoiar seus passos frágeis e seguir em frente.



## 2.2 ... em São Caetano do Sul

Encerrando as biografias, este último sub-capítulo reúne as histórias de Antonio Laefort Filho, Frida Schmidt, Marta Wachtler e Pedro Josefino Pilo. Todos parte da geração de 1920, suas narrativas estão relacionadas à cidade de São Caetano do Sul. Há, porém, um outro fator em comum a este grupo: trata-se de estudantes da escola alemã então existente na cidade nos anos 1930, a *Johannes Keller Schule*. Suas entrevistas são também todas contemporâneas, gravadas em 2008.

### *Antonio Laefort Filho*

O ano é 1986. Antonio e Maria, sua esposa, desembarcam na Europa, prontos para conhecer ao vivo muitos dos lugares antes presentes só nas histórias de suas infâncias. A França, uma Alemanha ainda dividida em duas e, mais especialmente, uma pequena cidade na Romênia. *Eles falavam Timisoara em húngaros, mas era Temeschwar que chamava*, Antonio destaca o nome alemão da cidade romena. *Eu e minha patroa fomos lá ver onde meus pais nasceram. Naquela época havia o negócio do comunismo do [Nicolae] Ceaușescu, era difícil pra entrar. A gente era revistado, tinha um quartinho pra entrar e tinha até que tirar a roupa e tirar tudo das malas pra ver se eles encontravam dinheiro. Então nós ficamos lá uns cinco dias pra conhecer a região toda. Fomos ao cemitério para ver os antepassados que nós conhecíamos pelos nomes que minha mãe contava. A gente queria conhecer essas coisas...*

À época dessa viagem, Antonio tinha 58 anos. Nascido em 21 de maio de 1928, ele guardou durante décadas as histórias de seus pais e, somente após muitos anos de trabalho, conseguiu as condições para conhecer, pessoalmente, todo aquele mundo de que sempre ouvira falar. Seus pais vieram para o Brasil na década de 1920, após as experiências com a Primeira Guerra Mundial. A família de seu pai veio em 1922, da Romênia. A materna, dois anos mais tarde, de uma região próxima. O casal só veio a se conhecer, porém, a milhares de quilômetros de seus berços, no Brasil. A comunidade imigrante promovia, no bairro da Mooca, alguns bailes dominicais. *Eles se conheceram, dançaram, conversaram e tal. E, em 1927, eles casaram. No dia de Natal – e de lá nasceu o Antonio*. Primogênito, Antonio nasceu no ano seguinte ao casamento. Seus dois irmãos vieram alguns anos mais tarde. *Eu nasci em 1928, o Paulo em 34 e o João em 36. Eu tenho oitenta e um anos*, ele contou, à época da entrevista, em 2008. *Eu ia falar dezoito, mas você não ia acreditar...*

As origens de Antonio são muitas. Apesar do passaporte romeno, a família de seu pai é francesa. Por isso, quando Antonio visitou a França já adulto, encontrou muitos Lefort, praticamente como ele, na lista telefônica. *Quando meu pai foi fazer o registro do meu nome, ele não entendia muito a língua brasileira. Escreveram meu nome com um “L” daqueles, com letra gótica, e, no cartório, acharam que tinha um “A”. Então ficou Laefort o meu nome, sozinho. O dos meus irmãos é Lefort. E a minha mulher chamava Maria Zetto. Depois do casamento ela optou pelo sobrenome meu.*



Antonio Laefort Filho, em estúdio no campus Barcelona da USCS, em 11/12/2008.

Seu pai, apesar de não entender português muito bem, sabia falar outros três idiomas. Saído da França muito pequeno, sua família habitou a Alemanha durante alguns anos – o bastante para aprender o alemão. Depois, morando nos limites do Império Austro-Húngaro, aprendeu o húngaro. E, finalmente, com a dissolução do Império, em 1918, e formação da Romênia na região em que estavam, aprendeu também o romeno. A família de sua mãe tem origens germânicas, embora já vivesse no que veio a ser a Romênia também. *Minha mãe falava em húngaro com meu pai. Muitas vezes, quando era para os filhos não entenderem o que eles estavam falando, eles conversaram em húngaro. E a gente falava “você estão escondendo coisa de nós, né?”*, Antonio conta, entre risadas.

No Brasil, a família paterna passou por uma fazenda em Ribeirão Preto e a materna em Caiuá. Desacostumados ao clima tropical, não conseguiram se adaptar ao trabalho rural e acabaram por vir para São Paulo, na Lapa. A vinda foi intermediada por conhecidos.

Familiares de Antonio empregaram-se nas fábricas Matarazzo e Antarctica, sua mãe trabalhou como faxineira. A região do ABC, porém, despertava a atenção. Os terrenos tinham um preço mais acessível, ideal para quem estava começando a vida. Seu avô, Nicolau Lefort, comprou um lote próximo à avenida Goiás, em São Caetano. A família e alguns amigos vinham da Lapa, aos finais de semana, para construir as casas. Sua mãe também já estava na região. Empregada na Indústria Aliberti, ela e uma irmã compraram um terreno na Rua Senador Vergueiro. Antonio já chegou a nascer sulsãocaetanense, na casa da rua General Osório em que seu pai veio morar com a esposa.

Falantes de alemão, os pais de Antonio acabaram por matriculá-lo em uma escola alemã existente na cidade. Com quase sete anos, em 1936, ele começa a estudar na *Johannes Keller Schule*. Sua relação com a escola, porém, não se encerra em 1938, quando a própria acaba sendo obrigada pelo governo brasileiro a fechar as portas. Foi lá o primeiro contato que teve com sua esposa, que também era aluna. Numa época em que *não havia qualquer segunda intenção*, seu próprio cunhado já era seu colega de sala. Somente algum tempo depois, já em seus vinte anos, é que Antonio e Maria viriam a se reencontrar nos bailes e festas da comunidade. Em 1953, se casaram.

Os bailes dos quais ele fala aconteciam na União Cultural de São Caetano do Sul, inaugurado junto da escola alemã, e sobrevivente em meio às políticas nacionalistas de Getúlio Vargas. Existe até hoje, conhecido como Clube Teuto. Desde a adolescência, Antonio esteve envolvido com o Teuto. O clube era uma local de recreação, sim – para ir aos bailes, jogar cartas ou bolão –, mas também encarado como um trabalho. *Eu já era conselheiro do Teuto desde 1948. Depois fui vice-presidente e, em 1970, eu fui presidente.* Engajado, Antonio sempre se preocupou em ter ideias para manter o clube vivo, arrecadar dinheiro, realizar reformas. Esse espírito empreendedor esteve presente, aliás, em praticamente toda a sua vida. Até do movimento de emancipação de São Caetano do Sul ele conseguiu participar – ainda que fosse apenas um jovem interessado em política, que ouvia as discussões e ajudava a arrumar as cadeiras para as reuniões do movimento. *Nós fazíamos reunião duas vezes por semana, no escritório do Lauro Garcia. Duas salas grandes, onde era a rua Serafim Constantin, pra umas 15 ou 20 pessoas.*

Antonio conhecia Lauro Garcia porque este era dono da uma fábrica de botões em São Caetano, na rua Perrela, onde trabalhava – e que seria decisiva para toda a sua vida profissional, aliás, que começou bastante cedo. Após o fechamento da escola alemã, Antonio estudou num colégio de madres, em São Caetano do Sul, e passou depois para o Colégio Dom Bosco, em São Paulo. *Em 1945, eu estava indo pro quarto ano no Dom Bosco e já fui fazer*

*um curso no Senai, lá no Brás, na rua Monsenhor Andrade. E lá que fui me aperfeiçoando. Logo depois, já fui trabalhar em São Caetano, na Usina São Rafael.*

Em 1956, Antonio visualizou a possibilidade de montar seu próprio negócio. Mal havia terminado de pagar o terreno de sua casa, comprou outro. Começamos a construir um pavilhão lá. A minha patroa, a Maria, ela era costureira e cortadeira de maiô, de vestidos. Isso tudo que ela queria, então, fazer um negócio de costura. Mas aí nós decidimos fazer uma fábrica de botão. Com a experiência que havia adquirido com seu emprego anterior, Antonio começou assim a Indústria de Botões Laefort, junto com seus dois irmãos. A fábrica, que ainda existe, hoje chama-se *Indústria de Botões Mirage Limitada. É muito conhecida lá na 25 de Março, eu vendia pra muitos fregueses por ali.*

Foi com seu carisma e esforço que Antonio conseguiu, pouco a pouco, consolidar seu pequeno negócio. Pagou o terreno, fez empréstimos para mais terrenos, pagou os empréstimos, comprou máquinas... Só sentiu impactos mais fortes com a entrada de produtos chineses no mercado. Seus botões de madrepérola deram lugar aos de plástico. Trabalhou mesmo depois de aposentado – fazia suas visitas aos clientes, tomava seus cafezinhos, escolhia botões. Antonio faleceu em 2011, seis anos após sua Maria.

### *Frida Schmidt*

A manhã e boa parte da tarde de 11 de dezembro de 2008 foram agitadas no estúdio de gravações na USCS. Lá estávamos eu e a equipe do Memórias do ABC prontos para fazer uma série de entrevistas com membros da comunidade germânica da região, todas agendadas para aquele dia. Entre eles, estava Frida Schmidt, uma delicada e tímida senhora de 84 anos, acompanhada pela filha, Irene. Sua voz é frágil, mas Frida fala pausadamente e pronuncia bem as palavras; é calma e certa do que diz.

*Sou nascida em São Caetano do Sul, no dia 19 de julho de 1924, no bairro da Candelária, ela conta. O restante de sua família nascera bem distante dali, na Áustria. Seus pais e seu irmão, bem mais velho que ela, chegam ao Brasil em 1921, no Rio de Janeiro. Após passagens pela Ilha das Flores, a família foi trabalhar em uma fazenda em São José do Rio Pardo. Meu pai era laminador de aços. Então ele sempre dizia: “Eu não me acostumo com esse trabalho de lavoura”. Aí mamãe veio aqui pra São Paulo. Sozinha, primeiro. Ele ainda ficou um pouco lá, porque das mulheres eles não faziam muita questão, não trabalhavam na lavoura. Mas os homens, eles mandavam capataz atrás, pra ficarem na fazenda. Mas poucos ficaram. Aí mamãe foi trabalhar num hotelzinho que era muito conhecido dos austríacos e*

*alemães, perto da estação da Luz. E, depois, meu pai também veio. Nos domingos, eles saíam pra passear um pouco, e vieram aqui pra São Caetano. Quando iam subindo a rua Amazonas, que não era calçada nem nada, naquele tempo, estavam conversando e saiu um senhor que perguntou: “Você é alemão?”. Meu pai disse que sim e ele respondeu: “Entra aqui um pouco, vamos conversar”. Ai eles gostaram do lugar e já compraram um terreno lá, pertinho da Candelária. Seu pai conseguiu um emprego em uma companhia siderúrgica, em São Caetano do Sul e, desde então, a vida da família seguiu na cidade. Lá moraram juntos até que seu irmão casou-se, pouco tempo depois. Aos dez anos de idade, Frida tornou-se tia de uma menina chamada Gertudes.*



Frida Schmidt, em estúdio no campus Barcelona da USCS, em 11/12/2008.

*Ainda menina, Frida frequentou a Johannes Keller Schule, escola alemã em São Caetano do Sul. Lembra-se das aulas em português e alemão, das ginásticas, dos trabalhos manuais, dos professores. Eram pessoas formadas na faculdade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, descendentes de alemães, mas já brasileiros. Então tínhamos dois professores. Um que era mais assim, pra canto, pra excursões, pra essas coisas, e um professor geral também. Um chamava-se Jurgen Wrede. E o professor de canto e demais artes era Arno Sommer. Foi também na escola que Frida primeiro conheceu seu marido, Bernard Robert Schmidt. As aulas eram mais ou menos no mesmo horário e a gente se conhecia. E eu admirava o meu marido muito, ele era muito inteligente. Naquele tempo ele já tocava violino. Na época da entrevista, já viúva, Frida se emociona ao lembrar dele. Um*

contato mais próximo, é claro, só aconteceu na juventude, quando os dois se reencontraram nas viagens de trem em direção à capital, onde trabalhavam. *Eu já tinha quase 18 anos. Aí nós começamos namorar, com 19 eu fiquei noiva e casamos no mesmo ano, 1943.*

Bernard trabalhava em um escritório e chegou a ser gerente de uma firma sueca, que ficava no prédio Matarazzo, próximo à rodoviária. *Depois ele falou “eu não quero mais ficar preso o dia inteiro no escritório”, e começou a trabalhar como vendedor de aços e orientador pros fregueses. Técnico de aços.* Frida já trabalhava também, desde os seus 13 anos. Com o fechamento da escola alemã, ela passou para o Grupo Escolar Bartolomeu Bueno. Logo precisou parar os estudos e aprender um ofício para ajudar a família, porém. Seu pai conversou com uma vizinha, uma costureira também alemã que tomou Frida sob sua tutela. Lá aprendeu a costurar, com o que trabalharia muitas vezes na vida. Primeiro, começou na região do Bom Retiro. Depois, por indicação de amiga, Frida passou a trabalhar como ajudante de uma modista russa, na rua Rodrigo Freitas, também em São Paulo, por volta de 1938. Assim ficou cerca de três anos. *Quando eu casei, eu saí. Só depois de muitos anos eu precisei costurar de novo.* Frida começou, então, a fazer alguns trabalhos pontuais. Ia até São Paulo buscar serviço, mas acabou encontrando uma clientela fiel na própria região do ABC: costurava para a família Penteado, de Santo André. *Havia figurinos, figurinos bons, que a freguesa escolhia, comprava o tecido de acordo, e eu costurava, conta.*

Frida e Bernard – o Seu Roberto, como ficou conhecido – tiveram três crianças. O mais velho, Roberto, formou-se engenheiro e trabalhou durante muito tempo na GM, até mudar-se para São José dos Campos. O segundo, Ricardo, *era danado, nunca quis estudar*, mora na Paraíba e, hoje em dia, já é avô de duas crianças. A caçula, Irene, *sempre estudiosa e muito esforçada*, trabalha como secretária bilíngue e tradutora. Sem nunca se casar, é a única entre os filhos que permanece mais perto da mãe. Moram juntas, no bairro Barcelona, na cidade de onde Frida nunca quis sair, São Caetano do Sul.

### *Marta Wachtler*

Os primeiros registros das histórias de Marta Wachtler aconteceram em 2008, quando ela concedeu uma entrevista ao Memórias do ABC. Em 2013, passaram também a fazer parte de um livro escrito por seu sobrinho, Eduardo Raciunas, sobre sua própria história pessoal e familiar. Graças à intensa pesquisa por ele realizada, que reuniu as memórias de vários de seus parentes, além de investigações documentais, a história da família Raciunas é uma das

mais bem preservadas em seus pequenos detalhes; organizou e trouxe à vida mesmo as memórias dos que já se foram.

Raciunas é o nome de solteira de Marta. Filha de Amalyia, nascida em 13 de janeiro de 1878 e de Vilius Raciunas, nascido em 8 de maio de 1871. Kaunas, capital da Lituânia, foi berço para Marta e também para todos os seus muitos irmãos e irmãs: Ana, de 1907; Fridrichas, 1908; Emma, de 1910; Elena, 1912; Evaldas, de 1913. A caçula Marta nasceu apenas muitos anos depois, em 29 de dezembro de 1922.



*Marta Wachtler, em estúdio no campus Barcelona da USCS, em 11/12/2008.*

Naqueles anos, toda a família Raciunas era conhecida pelo sobrenome alemão, Ratschun. Isso porque a sua origem era alemã. Vindos de uma região da Prússia, os Ratschun moravam numa colônia alemã na Lituânia chamada Memel – atualmente, Klaipeda. Vilius serviu o exército soviético durante cinco anos, acompanhado da família. Boa parte desse tempo, moraram na Rússia. Em 1921, voltam para a Lituânia, onde ele tomava conta de fortificações na cidade de Selalis. Naquela época, porém, havia muita propaganda no país sobre o Brasil e suas oportunidades de trabalho nas lavouras de café e indústrias. As dificuldades e a baixa remuneração dos Raciunas convergiram para que a família decidisse recomeçar a vida no Brasil. Tiraram o passaporte em Kaunas no dia 17 de dezembro de 1925, chegando ao Brasil em 21 de janeiro de 1926. E é neste país que Marta passa boa parte de sua



vida. *Vim para cá com só três anos, eu não lembro de nada. Apenas uma passagem no navio e só.*

Após aportarem em Santos, a família trabalhou em uma fazenda em Caxambu, Minas Gerais. Decepcionados com as condições também pouco rentáveis na fazenda, vieram para a Hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo. De lá, foram chamados para trabalhar como caseiros em uma propriedade da família Weiszlog, da Companhia Melhoramentos, em Caieiras. Lá ficaram até que Ana, a irmã mais velha, casou-se e mudou para Jundiaí. A família foi junto e passou um tempo trabalhando em uma fábrica de louças. *Depois de lá, eles souberam que aqui em São Caetano estavam construindo a General Motors e tinha bastante serviço pra marceneiro, pra coisas assim. Então eles resolveram vir pra cá e, com a economia que meu pai tinha, eles compraram terreno e fizeram uma casa na rua São Paulo.*

Em São Caetano do Sul estão a maior parte das lembranças de Marta. Aos oito anos, ela começou a estudar na *Johannes Keller Schule*. Assim como seus irmãos, que haviam frequentado escolas alemãs na Lituânia, Marta também foi alfabetizada em alemão – embora já soubesse falar português também. Eu continuei indo à escola até o quinto ano, e depois resolvemos trabalhar. *Minha mãe e meu pai gerenciavam o dinheiro. No fim do mês, cada um entregava uma parte do seu dinheiro. Os meus irmãos, os homens, eles pagavam um xis para a casa e o resto ficava pra eles, do que eles ganhavam. Se eles queriam casar, montar alguma casa, eles tinham que fazer tudo por conta deles, aí meus pais não podiam ajudar. Os homens! As mulheres, a mesma coisa, nós também pagávamos uma quantia pra casa. Mas a mulher dava o quanto queria, até tudo. Mas enxoval e essas coisas de casamento, isso vinha da mãe e do pai da gente. Eu dava todo o meu ordenado pra minha mãe. Meu pai morreu quando eu tinha dezoito anos, minha mãe ficou viúva e eu dava todo o dinheiro para ela.* Marta trabalhava em salões de cabelereiro como manicure, ofício aprendido com suas irmãs mais velhas. Trabalhavam em um salão na rua da Consolação, em São Paulo, de alemães. Depois de algum tempo, uma de suas irmãs abriu o próprio salão com o marido, e Marta passou a trabalhar com ela – uma rotina que durou de seus 15 aos 25 anos, quando se casou, em 1947, e parou de trabalhar.

O lazer de sua juventude ficava por conta dos bailes realizados nos clube Teuto, também em São Caetano. *Tinha tantos bailes aqui em São Caetano, tinha tanto salão de baile. O São Caetano era muito frequentado. A gente ia nas matinês no cinema, saía de lá e já entrava no baile. Era assim: as moças ficavam de um lado, os rapazes iam tirar. Não é que nem agora, que tem que levar namorado junto, não... Então, sempre tinha alguém que vinha tirar a gente pra dançar, a gente dançava, conversava... Era uma época, eu acho, melhor do*



*que hoje. Eu acho meio esquisitos os namoros de agora!* Dessa forma teve início o namoro de Marta e Carlos Wachtler, o húngaro de família alemã que lhe deu o sobrenome que usa até hoje. Eles já eram conhecidos, na verdade, desde os tempos de escola, já que ele também estudara na *Johannes Keller Schule*. “*Carlos Wachtler*”, escreveu Eduardo, sobrinho de Marta, “[é] um estrangeiro de valor, formou uma indústria que hoje é administrada por três de seus quatro filhos e emprega, entre outras pessoas, meu sobrinho Éderson. O quarto filho foi instrutor do Senai na Volkswagen e hoje, aposentado, tem uma pequena empresa de confecções junto com a mulher e as filhas” (RACIUNAS, 2013, p. 13).

*Nós casamos no sábado de carnaval, porque aí ele tinha quatro dias de folga. Na quarta, ele já tinha que trabalhar. Nossa lua-de-mel não foi viagem nenhuma, foi da rua São Paulo para a rua Flórida, ela brinca. A casa na rua Flórida é onde vivem até hoje – muito próxima da minha própria casa, também. Ali nasceram e foram criados seus quatro filhos. A viagem que eu fiz foi depois de quarenta, cinquenta anos, quase. Aí fomos pra Europa.*

Na última visita que fiz a Marta, em 2014, ela tinha já 92 anos. Avó de onze netos e bisavó de outros seis, ela demonstrava a mesma disposição que tinha em 2008, nos nossos primeiros encontros, para contar suas histórias, apresentar fotos e conversar. Foi a ocasião em que me emprestou o livro escrito por seu sobrinho, para o qual ela mesma tanto colaborou. A intenção de Eduardo era resgatar as memórias de sua família, compreendê-las, revesti-las de sentido e, só então, registrar tudo. *Para que não se perca facilmente*. Agora, além do livro da família, as histórias de Marta compõem estes relatos sobre a comunidade germânica em São Caetano do Sul, onde sempre viveu.

### *Pedro Josefino Pilo*

Pedro Josefino Pilo não conseguia sossegar na poltrona enquanto falava. Especialmente se o assunto são as lembranças de sua infância. Aos 86 anos, contou sobre as competições de corrida que vencia nas épocas de meninice como se menino ainda fosse. *A gente era locomotivas (sic), não tinha como!*, e inclina-se para frente, gesticula com as mãos, dá respostas rápidas, quer mais perguntas.

Pedro, assim como outros entrevistados naquele 11 de dezembro, estudou na escola alemã existente em São Caetano do Sul nos anos de 1930, a *Johannes Keller Schule*. Lembra-se ainda das palmadas com régua e vara de bambu que uma professora aplicava nos alunos indisciplinados – foi dispensada da escola após reclamações de pais de alunos. As mensalidades da escola eram pagas por sua mãe, com o esforço de seu trabalho como

faxineira. A história de Pedro é a única entre todas as outras nesta pesquisa que envolve um divórcio. Seus pais são *austriacos nascidos na Iugoslávia*, ele diz. Ele chegou ao Brasil em 1924 e a mãe no ano seguinte. Seu casamento arranjado teve frutos em 1926: Pedro nasceu no dia de Natal, na rua Quintino Bocaiuva, em São Caetano do Sul, *em frente ao portão da General Motors*.



Pedro Josefino Pilo, em estúdio no campus Barcelona da USCS, em 11/12/2008.

Aos seis anos de idade, Pedro passou a morar com a avó materna. As pessoas comentavam, *mas pra mim tanto fazia como fez. Eu era criança, molequinho*. Lugar de criança não era na cozinha, mas aprendeu a cozinhar alguns pratos com a avó. Entre eles, o arroz que prepara até hoje para a neta, chucrute, *schmora* – um prato doce à base de farinha de trigo e leite. As festas de Natal, eram simples, mas Pedro lembra-se de ganhar alguns mimos. *Não tinha plástico que nem hoje. Fazia aquelas carroças com cavalinho, e o caminhão de madeira... Tudo madeira.*

Quando a escola alemã foi obrigada a fechar as portas, Pedro estava no terceiro ano do ensino básico. Foi para um grupo escolar na Mooca, mas seu histórico não foi aceito: precisou voltar para o primeiro ano – e suas recordações a partir daí já não são tão boas. *Tinha que estudar. Os professores eram rígidos nessa parte. No entanto, eu não tirei diploma, não. Eu não tenho diploma do quarto ano. Quando me jogaram pro terceiro ano, eu já tava com 14 anos. Falei “ah, o que é que é isso?!”.*

Assim, Pedro deixou os estudos para trás e prestou-se a trabalhar. *Quando eu enjoei da escola, eu fui lá no Palácio-não-sei-o-quê-lá tirar carteira de menor. Eu fui lá, fiz as quatro operações, peguei o ditado, ou seja, fiz tudo que pediram pra fazer. Tirei nota boa. Me deram a carteira pra trabalhar. Eu comecei na serralheria. Minha mãe queria que eu fosse barbeiro. Eu com treze anos trabalhei na barbearia (...) mas, naquela época, não gostei. Então eu trabalhei até os dezoito anos como serralheiro. Aí, um belo dia, encontrei meu pai. Ele me falou de estrutura metálica, tal, tal, tal. Eu perguntei o quanto pagava pra ajudante. Na serralheria, já era meio oficial. Já fazia janela, grade, já fazia muita coisa. Tinha um pouco de prática. Mas saí da serralheria e entrei pra estrutura metálica, ganhando o dobro do que eu ganhava. Lógico, né? Tem que ganhar. Trabalhei 25 anos com estrutura metálica. Eu fiz tanto, graças a Deus, minha inteligência foi muito boa, que eu aprendi os desenhos sem ir na escola. Aprendi o desenho da estrutura metálica, como levantar as coisas, como monta. Fui encarregado oito anos. Neste meio tempo, conheceu a mulher com quem veio a se casar. Foi um encontro arranjado, mas diferente daquele de seus pais, ele ressalta. Não foram obrigados a se casar. A mãe da minha esposa conhecia uma inquilina da minha vó. Ela veio visitar, conversou com a inquilina, bateu papo e coisa e tal, aí resolveram “vamos ajuntar?”. E deu certo! Casou-se com Maria em 10 de dezembro de 1952. Sem saber ler ou escrever, ela foi criada na fazenda e veio para a Mooca com a família aos 13 anos, também descendente germânica. Perdeu o pai para a bebida.*

A história de Pedro e Maria teve muitas oportunidades de repetir os erros de seus pais. Ele conta que o vício em bebidas atrapalhou muito a sua vida. *Eu peguei muita empreita. Mas como eu... bebia, o dinheiro da empreita ia todo pra vinagre. Tu-do. Imagina você. Ele lembra-se ainda de algumas músicas típicas que se cantavam nos bares. Trink, trink, bringe kein Trink zu Haus / Trink, trink, bringe dein Trink zu Haus / Mei gegen kommen und scheiden / Schmerz uns das legen entfert / Das Trinken, das kommen ich lasse / Das Trineken das muss es uns sein! / Das Trinken, das kommen ich lasse / Das sauchen ich muss es uns sein!. Quando perguntado sobre o significado da canção, ele é primeiro meio reticente. Depois, explica um pouco melhor: “Bebe, bebe, bebe, meu irmão / Que a bebida faz muito bem / Dá alegria / A bebida precisa ter” Precisa ter nada! Que precisa ter, o quê! Não precisa ter nada disso.*

Hoje em dia, Pedro gaba-se de estar livre desse problema há mais de 30 anos. *A Legião Antialcoólica de São Bernardo do Campo me salvou. Eu agradeço muito a eles. Eu ando sempre com o cartãozinho da Legião no bolso! Comemora, contente, 59 anos de casamento, pai de uma filha, avô de uma neta.*

## Parte II | Trajetórias e relatos de práticas

*“Não há nem primeira palavra nem derradeira palavra.  
Os contextos do diálogo não têm limite. Estendem-se ao mais remoto passado e ao  
mais distante futuro. Até significados trazidos por diálogos provenientes do mais longínquo  
passado jamais hão de ser apreendidos de uma vez por todas, pois eles serão sempre  
renovados em diálogo ulterior. Pois nada é absolutamente morto:  
todo significado terá algum dia o seu festival de regresso ao lar.”*  
Mikhail BAKHTIN

Uma vez apresentados os personagens desta pesquisa, esta segunda parte tem por função a contextualização dos processos de imigração e chegada ao ABC Paulista, bem como a descrição e análise de diversos aspectos sociais e culturais perceptíveis em suas narrativas. Um a um, os relatos deixam a dimensão individual para, juntos, fazerem parte de um mesmo cenário coletivo.

Assim organizadas, as narrativas são, em verdade, como quadros em uma mesma parede da memória, como diz a canção de Belchior. O que difere os relatos apresentados nestes capítulos da canção, como veremos, é que a semelhança com os antepassados não causa dor ou indignação. A preservação dos costumes chega mesmo a ser motivo de orgulho e, por vezes, é consciente e deliberadamente passada para as gerações mais jovens. Este fenômeno não implica, necessariamente, na resistência ao novo ou no fechamento da comunidade. Ao contrário, ao longo dos anos ela tem se transformado e adaptado.

Os deslocamentos e trajetórias descritas no capítulo 3 estão intimamente relacionados com a construção das identidades dos imigrantes – e marca profundamente também as histórias de seus descendentes. Mesmo entre os nascidos no Brasil, quero dizer, estão presentes as tensões na formação destas identidades. São brasileiros, mas todos os seus familiares antes deles são de um lugar-outro, distante, conhecido somente pelas memórias compartilhadas por seus pais e avós. A partir daí, entram em cena os relatos de práticas do capítulo 4, que mostram elementos da cultura germânica que foram comunicados entre essas famílias, entre indivíduos imersos na diversidade que se (auto)reconheceram como iguais e formaram, na região, uma comunidade.

## Capítulo 3 | Es war einmal... Era uma vez...

### 3.1 ... in der Deutschland

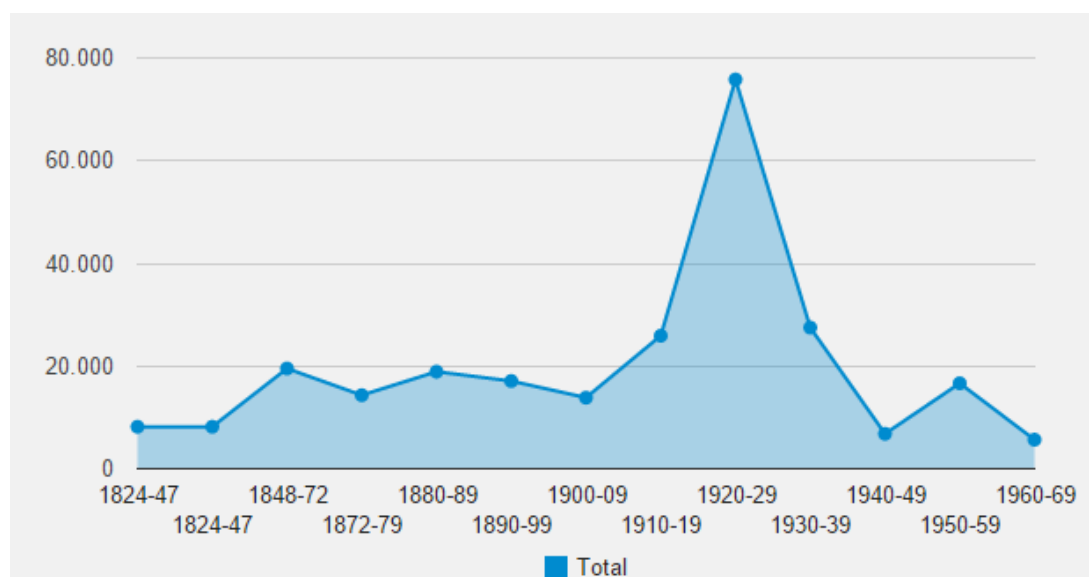
O início da imigração germânica para o Brasil data do século XIX e é, de maneira geral, dividida em três grandes períodos, conforme descreve Santana (2009). Não por acaso, em 1824 desembarcam famílias de agricultores e camponeses. O fracasso das revoluções de 1848 e 1849 gerou uma segunda leva, que chegou ao país em meados do século XIX. Já as crises do começo do século XX provocaram uma terceira onda, composta por artesãos e operários.

O século XIX foi um período de viveu profundas transformações políticas, econômicas e sociais para a Europa. No caso da Alemanha, especificamente, Gregory (2000) lembra a unificação do estado, em 1870, a Guerra Franco-Prussiana, o capitalismo industrial e a consequente dissolução do sistema feudal, o desenvolvimento do transporte ferroviário e da navegação a vapor. A introdução da máquina na economia europeia gerou impactos diretos sobre a vida dos camponeses e artesãos. Eles ficaram

impossibilitados de concorrer diretamente com as modernas máquinas que, pouco a pouco, substituíam sua força de trabalho, muitos artesãos sentiram na pele a ruína financeira e o desemprego. Tendo como alternativa a emigração, partiam em grandes grupos rumo às Américas do Sul e do Norte, numa tentativa desesperada de na engrossar as fileiras do proletariado artesão, que rapidamente surgiam nos centros urbanos alemães (SIRIANI, 2003, p. 29).

Em suma, um intenso movimento emigratório europeu: mais de 35 milhões de pessoas deixaram o continente – e o Brasil recebeu cerca de 4.500.000 delas. É difícil, porém, precisar dados sobre a imigração alemã. Gregory (2000) lembra ainda que, no século XIX, as estatísticas eram ainda bastante precárias. Em especial aquelas relacionadas à Alemanha, num período tão conturbado. Outro fator que compõe a complexidade deste cenário é que muitos dos grupos emigrados, “embora falassem alemão, não eram originários da Alemanha recém-unificada.” (GREGORY, 2000, p. 143). O gráfico a seguir fornece um panorama sobre a chegada de alemães ao Brasil entre 1824 e 1969.

**Gráfico 1:** Imigração alemã para o Brasil entre 1824 e 1969, em números aproximados



(IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000)

O gráfico mostra, de 1824 até o início do século XX, um movimento razoavelmente constante de imigração. O grande salto na década de 1920 é atribuído às consequências da Primeira Guerra Mundial, período de grande crise econômica na Alemanha e Europa. As experiências de guerra, também foram grandes motivadoras para a saída do continente, conforme revelam os depoimentos nesta pesquisa. A década de 1930 é marcada pelo estabelecimento do governo nazista de Adolf Hitler e, até meados de 1940, os números de imigração permanecem baixos. O fim da Segunda Guerra Mundial é o que leva, novamente, a uma elevação nesse movimento.

A situação brasileira também era favorável à imigração europeia. De um lado, o governo imperial defendia que os imigrantes deveriam povoar regiões desabitadas, com a criação de núcleos coloniais, que serviriam como um incentivo ao trabalho familiar, e um auxílio básico para que pudessem ter uma garantia de sobrevivência (ELIAS, 2005). De outro, a elite, composta por produtores de café pretendia que os imigrantes substituíssem a mão-de-obra dos escravos.

E havia também a opinião de um terceiro grupo: os intelectuais brasileiros defendiam um projeto que civilizasse e modernizasse a nação. Para tanto, a presença do trabalhador europeu seria necessária, pois, segundo os ideais iluministas da época, o trabalho livre era considerado superior e o europeu seria “o tipo racial mais adequado para purificar a raça

brasileira e também o tipo de mão-de-obra adequada pra solucionar o problema econômico iminente” (SIRIANI, 2003, p. 46).

A colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, foi a primeira experiência de povoamento com alemães – e a região sul do país acabou se tornando o destino da maioria dos primeiros colonos agrícolas que aqui chegaram. Ali se formaram “comunidades muito coesas, relativamente autossuficientes, pouco receptivas às influências externas” (SANTANA, 2009, p. 5).

A narrativa do pastor Carlos Musskopf acerca da história de sua família corrobora, em nível pessoal, com os acontecimentos relatados até então:

Os meus antecedentes vieram em 1828. (...) Eu sou a quinta geração dessa família crescida no Brasil. Portanto, eu sou um típico e perfeito brasileiro, mas tenho origem alemã, isso sim. O meu antecedente tinha três anos, ele nasceu em 1825. Inclusive, eu vi a certidão de nascimento dele na Alemanha, microfilmada. Existe tudo lá, guardado. Os alemães no Brasil, de uma forma geral, foram hostilizados. Foram trazidos para o Brasil pelo imperador D. Pedro I porque ele queria, por um lado, povoar o sul do Brasil - e povoar com pessoas brancas, ele era bastante racista, então ele queria que uma parte do Brasil permanecesse mais branca. (...) E, por outro lado, que eles também defendessem a fronteira para o Brasil. Assim os alemães foram chamados para lá, mas entraram em um contexto bastante hostil. A Alemanha dizia que as cidades estavam prontas, as ruas, as casas, que era só chegar e morar e começar a trabalhar. Mas, quando eles chegaram, não tinha nada, nada. Tinha só os rios, através dos quais eles iam com barcas, eles iam para lá, para algum lugar. Eles decidiam onde iam ficar e constituíam, então, as cidades. A minha família procede de uma cidade chamada Estrela, no Rio Grande do Sul. Nas primeiras noites, vocês imaginam, eles tinham que dormir nas árvores, porque não tinha casa, não tinha nada. Depois de um ou dois dias eles conseguiram construir umas choupanas e aí eles foram... O resultado disso é que, quando a gente é hostilizado, a gente se fecha. E, muito lentamente, os de origem alemã se casaram - se misturaram, vamos dizer assim - com pessoas de outras etnias. Toda a minha família, é toda ela, no Brasil, todas essas gerações, se casaram sempre entre pessoas de origem alemã (Carlos Musskopf, 29/04/2014, HiperMemo/USCS).

É difícil distinguir, no relato de Carlos, o que provém de estudos, o que são dados históricos cristalizados, e o que são lembranças de histórias contadas internamente, dentro de sua família. Não há como ser uma lembrança de família, evidentemente, o projeto de branqueamento da população defendido por parte da elite brasileira no século XIX, que favoreceu a vinda de tantos imigrantes europeus (GOELLNER, 2008). Trata-se de conhecimento público, presente em diversos estudos. É interessante como o discurso de Carlos personifica a ação, colocando responsabilidade direta e mesmo seu juízo de valor sobre os ombros do imperador. Contudo, na busca pela certidão de nascimento de seu antepassado, pode-se destacar o claro interesse pela história da família e o contexto em que ela se insere.

Seu antepassado é Johannes Musskopf, Carlos conta, e veio de uma pequena vila na região do Palatinado, Pfalz. Já as narrativas sobre o deslocamento pelos rios, as noites passadas em árvores aparentam um caráter mais pessoal. Ele chega a contextualizar o isolamento da comunidade alemã no sul do país, mais reconhecido naquela região, inserindo, novamente, sua própria família no fenômeno.

Quando se trata de São Paulo, especificamente, o início da imigração alemã ocorre em dezembro de 1827, quando chegaram 216 alemães a bordo da embarcação *Maria*, que atracou no porto de Santos (SIRIANI, 2003). Embora tão antiga quando a imigração para todo o país, de modo geral, os entrevistados desta pesquisa, relacionados mais diretamente à região do ABC Paulista, têm histórias muito mais recentes. Na realidade, quando inseridos no universo demonstrado pelo gráfico exibido anteriormente, os personagens desta pesquisa fazem parte de uma maioria. Há um forte crescimento na emigração alemã para o Brasil durante a década de 1920 – motivado, essencialmente, pelas consequências da Primeira Guerra Mundial, finalizada em 1918. Muitos dos relatos dos colaboradores relatam estas passagens, essencial para os destinos de Antonio Laefort Filho (seu pai chega em 1922 e, em 1924, a mãe), Frida Schmidt e Gertrudes Dal Pos (Frida é tia de Gertrudes, filha de seu irmão emigrado em 1921), João Becker (seu pai vem em 1925), Luise Babisch (seus avós se estabelecem em 1924), Marta Wachtler (chega em 1926) e Miguel Zvonimir (chega em 1930). Na voz de Frida Schmidt...:

Eu sou filha de imigrantes austríacos que imigraram aqui pro Brasil no ano de 1921, por causa da Primeira Guerra Mundial. Eram treze famílias austríacas, entre elas o meu falecido pai, o meu irmão, e minha mãe. Em 1921, chegaram na Ilha das Flores, no Rio de Janeiro. (...) Quem passou a guerra na Europa não quer nunca mais passar (Frida Schmidt, 11/12/2008, HiperMemo/USCS).

... e também Marta Erika...:

Meu tio, o Klein, que tinha um frigorífico na Vila Gilda [em Santo André]. Ele veio em 1925, porque depois da Primeira Guerra Mundial, na Alemanha estava uma recessão de tudo, e todo mundo sem serviço, e todo mundo sem dinheiro e coisa tal (Marta Erika Hölsel, 23/09/2011, HiperMemo/USCS).

... ou ainda Pedro Pilo, cujos pais eram habitantes de uma região pertencente à antiga Iugoslávia:

Meu pai veio em 1924. Minha mãe veio em 1925. Lá não dava mais. Então vieram pro Brasil. Conseguiram sair de lá e vir pro Brasil (Pedro Josefino Pilo, 11/12/2008, HiperMemo/USCS).



Já o relato de Miguel Zvonimir, também todo permeado pela guerra, tem nuances religiosas, além de caráter político. Sua região de origem corresponde, atualmente à Croácia, no leste europeu:

Minha mãe foi embora, acredito eu, porque em 1917 surgiu o comunismo na Europa e ela era tão católica, coitadinha... Era muito católica e os padres falavam do comunismo como se fosse um dragão que ia comer as pessoas, né? (...) Os fiéis ficavam com medo. E minha mãe sempre dizia, quando nós estávamos no Brasil, que Deus mandou ela para o Brasil. Porque eu tinha uma tia nos Estados Unidos, uma irmã da minha mãe, que já estava há algum tempo lá e já tinha propriedades. Ela mandou documentação para nós, garantindo a nossa ida para os Estados Unidos. Minha mãe não quis ir, veio para o Brasil. Ela falou que Deus mandou ela para o Brasil, o país que tem formato de uma cruz. Aí eu fiquei analisando e acho que ela foi bem. Porque se eu fico na Iugoslávia, com a ida dos alemães para atacar a Rússia, eles passaram pela Iugoslávia e fizeram estripulias. Perderam e voltaram correndo, o russo atrás, aí o russo chutou todos nós, todos os alemães (...) Então, acho que minha mãe fez bem nesse ponto. Quanto aos Estados Unidos, ela fez bem também. O meu primo, ele foi o primeiro a viajar para a guerra, ele foi fuzileiro naval, lutou contra o Japão no Pacífico. Ele teve sorte, ele morreu de velho. Sei lá se eu teria tanta sorte. Então no Brasil eu fiquei a salvo. Minha mãe quis salvar o filho dela e conseguiu. (Miguel Zvonimir Krouman, 27/11/2007, HiperMemo/USCS).

Deixar o país e recomeçar tudo em um lugar desconhecido era uma decisão tomada, fundamentalmente, pela família. Não se deve entender família apenas como aquela constituída através de laços consanguíneos. A acepção utilizada se refere a algo mais amplo, estendendo-se à relação familiar, que se forma, também, pela região de origem, pelo casamento, pelo apoio no país de origem e de imigração (OSMAN, 2006).

É a partir dela [família] que se engendram os projetos de partida, estabelecimento e possível retorno, que se formam as redes sociais e de sociabilidade, que se mantêm ou se modificam os padrões culturais do grupo. Além disso, é por meio da família que se evidenciam e se preservam a questão identitária e memória, como um processo conflituoso entre as gerações (OSMAN, 2006, p. 20).

A história de Luise Babisch tem alguns desvios a mais. Seu pai veio duas vezes para o Brasil. Da primeira, chegou acompanhado dos pais e irmãos, em 1924. Voltou para a Alemanha e lá se casou, em 1930. Teve dois filhos – Luise nasceu em 1935. O período que passou novamente no país de origem fez com que vivenciasse, infelizmente, um novo conflito armado. Alguns anos após a Segunda Guerra Mundial, Luise e a família vieram definitivamente para o Brasil.

A gente não é imigrante. Meus avós eram imigrantes. Eles é já estavam morando aqui, eles vieram em 1924. (...) Eu estudei oito anos na Alemanha e vim pro Brasil, em 1950. [Meu pai] não queria mais a Alemanha. Por isso que ele foi embora: a guerra (Luise Babisch, 21/07/2014, HiperMemo/USCS).

É muito comum perceber na fala dos colaboradores variações das expressões “eu não sou imigrante”, “minha família não veio com a imigração”. Trata-se de um recurso utilizado para distinguir aqueles que viajaram por meio de um programa de incentivo do governo brasileiro, e aqueles que, por conta própria, optaram pela mudança.

A outra parte dos entrevistados tem suas emigrações decididas pelo desenrolar da Segunda Guerra Mundial. Nos anos de 1930, 40 e 50, o Brasil recebeu mais de 50 mil alemães (IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000). Entre eles, estão Hildegard Braack (chega em 1939, mãe de Carlos Braack), Marta Erika Hölsel (vem pela primeira vez em 1935, retorna à Alemanha em 1938 e, em 1948, volta ao Brasil) e Rosvita Grabner:

Meu pai veio da Europa depois da guerra, em 1947, com a família toda, e minha mãe veio em 1951, sozinha, a família permaneceu lá. (...) A irmã da minha mãe acabou ficando em Salzburgo, na Áustria. O irmão da minha mãe veio embora pelo porto de Gênova para a Argentina, com a família. E minha mãe veio, cinco anos depois do meu pai. Ela tinha conhecido meu pai lá pelo porto de Gênova também, e eles tinham se casado por procuração. Aí ela veio para o Brasil (Rosvita Madalena Grabner, 15/04/2014, HiperMemo/USCS).

Nestes casos, os relatos mostram que a imigração já não é tão simples. Muitas pessoas chegaram a perder seus documentos durante a guerra, enfrentando uma série de problemas burocráticos até estabelecer a viagem. Marta Erika ficou órfã ainda menina e passou boa parte da infância e juventude sob os cuidados dos tios. Alemã, veio ao Brasil ainda criança, perdeu a mãe e retornou com os tios e o primo, João Becker, também entrevistado nesta pesquisa. Passados outros dez anos no país e, com o fim da guerra, enfrentando diversos problemas, como a falta de moradia e alimento, voltou às terras tupiniquins com a família:

Como eu tinha outro nome e não era filha dele [Christoph Becker, seu tio], [autoridades brasileiras] falaram que eu tinha que ficar na Alemanha. Aí meu pai [tratamento carinhoso dado ao tio] falou: “*Tudo bem, ela fica? Então nós ficamos! E o brasileiro fica também aqui. Meu filho é brasileiro [João Becker] e ele vai morrer de fome aqui, junto com a gente. A menina eu não deixo, que a mãe dela faleceu no Brasil e falou pra mim para eu cuidar dela*” (Marta Erika Hölsel, 23/09/2011, HiperMemo/USCS).

Neste trecho é possível ver claramente um desses problemas – e também como os sujeitos se relacionam com suas identidades. Os deslocamentos vivenciados pelas pessoas que passam pelas experiências de imigração permeiam suas vidas inteiras. São nascidos em um lugar, moradores de outro, casados com estrangeiros, naturalizados ou não, pais de crianças nascidos em países diferentes dos seus próprios.

Muitas das experiências vivenciadas pelos colaboradores desta pesquisa, anteriores à imigração, são lembranças traumatizantes. E o silêncio, Michael Pollak lembra, é uma imposição “a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas”. O assunto, tratado com delicadeza, faz mesmo com que algumas vítimas, que compartilham dessa mesma lembrança “comprometedora”, prefiram elas mesmas manter o silêncio (POLLAK, 1989, p. 4). É o caso de Hildegard Braack, por exemplo. Mesmo sem vivenciar conflitos armados diretamente, as consequências da Segunda Guerra Mundial sobre sua vida foram intensas. Em todo o seu relato sobre a guerra, Hildegard não menciona o nome de Hitler uma vez sequer.

O meu marido era muito inteligente, ele viu o que aconteceu na Alemanha. Não vou dizer o governo, você sabe quem estava dirigindo a Alemanha. Ele disse: “*antes de dez anos, não voltamos*”. Hoje já estou aqui há 67 anos, e eu nunca voltei. O tempo passa e aquela guerra mudou muito a nossa vida (Hildegard Braack, 15/08/2006, HiperMemo/USCS).

Marta Erika tem mais facilidade para abordar o assunto. Ela esteve presente no bombardeio de Dresden, uma das cidades alemãs mais devastadas pela guerra. Sua entrevista é repleta de descrições de fatos e cenários que parecem saídos de um filme; ela é desinibida e não demonstra muitos problemas em recordar momentos difíceis. Ainda assim, ela deixa escapar que conversar muito sobre o assunto lhe provoca pesadelos à noite, e chega mesmo a passar mal.

Por mais problemática que fosse a saída da Europa, ainda assim esta era apenas o primeiro passo; ao chegar no Brasil, seria necessário reconstruir toda uma vida, peça por peça. E foi pensando neste processo que a família de Rosvita teve sua imigração “parcelada”.

Ele não quis [que minha mãe viesse junto com ele para o Brasil] porque ele queria se estabelecer. O que eles pensavam, a primeira coisa? Ter um trabalho para poder sobreviver. Segundo, ter um teto, ter uma casa, que eles tinham perdido. Então, o trabalho todo nesse período foi para poder comer, vestir o necessário, e juntar dinheiro para comprar um terreno para fazer uma casa. (Rosvita Madalena Grabner, 15/04/2014, HiperMemo/USCS)

O itinerário de imigração contava, muitas vezes, com duras passagens por fazendas no interior do país. Frida Schmidt resume a passagem de sua família dizendo que *não era uma boa fazenda, nem um bom fazendeiro*. Gertrudes tem um relato mais detalhado de um episódio em Caxambu, Minas Gerais:

De Santos, meus pais vieram pra São Paulo, na Imigração de São Paulo, e daí foram transferidos pra Caxambu. Caxambu tem uma fazenda grande e eles foram pra lá. Ficaram uma temporada, mas os donos da fazenda não pagavam em dinheiro. Tudo tinha que ser comprado na venda e tinha marcado na caderneta. Nunca sobrava dinheiro, eles sempre estavam devendo. Então meu pai falou “*Não, eu não tô acostumado com isso, eu não*”

*quero assim*”. Aí ele não concordou e saiu (Gertrudes Dal Pos, 11/12/2014, HiperMemo/USCS).

A capital paulista surgia, então, como opção a muitos dos colaboradores – principalmente pela oferta de trabalho nas indústrias. Empregos em companhias alemãs como a Antarctica, por exemplo, sustentaram muitas famílias estrangeiras, no geral, e germânicas, em particular.

Na Companhia Antarctica, tinha muita gente que trabalhava e era descendente de alemão e alemão, mesmo. Não alemão nato, que falava a língua alemã, mas também romenos, às vezes húngarês (sic) que falava alemão também. Então esse pessoal todo era puxado pra trabalhar lá. E depois outra: de tarde se ganhava uma caneca de chopp! (Antonio Laefort Filho, 11/12/2008).

Com um olhar privilegiado, o pastor Carlos Musskopf, pode partir de sua experiência na comunidade alemã no sul do país e analisar, também, o que percebe na comunidade germânica na região. De modo sucinto, ele resume:

As pessoas aqui em Santo André, em São Paulo, no geral, a maioria das pessoas de origem alemã vieram depois da Segunda Guerra. E tem, claro, outro tipo de experiência, tem outro tipo de mentalidade. Vieram para cá, a maioria numa situação bastante desfavorável. Vinham para trabalhar nas fazendas de café, ou coisa assim. Então trabalharam muito, sofreram muito, mas rapidamente vieram para São Paulo, vieram para a cidade grande, para trabalhar em indústria e ter um outro tipo de vida. Então aqui a mentalidade é diferente (Carlos Musskopf, 29/04/2014, HiperMemo/USCS).

Está montado o cenário para a formação da comunidade germânica no ABC Paulista. Parte de uma leva tardia de imigração, com breves passagens por fazendas em que não se adaptavam e empregos nas indústrias da capital – as mulheres, muitas vezes, trabalhavam como faxineiras em casas de família, costureiras ou manicures. Aí estão algumas diferenças em relação aos primeiros cenários de imigração alemã para o país – notadamente, em relação às colônias formadas no sul, no início do século XIX, de característica rural. A partir dos anos 1920, a imigração germânica é composta por pessoas com vivências urbanas, com formações mais especializadas, e se distribui por mais regiões no país. Mas o que levou, afinal, tantos estrangeiros a fundarem seus lares na região?

A noção do ABC Paulista como subúrbio tem suas origens remontadas ao século XVIII, explica José de Souza Martins (1992, p. 7), quando o termo passou a ser utilizado para se referir aos confins da cidade de São Paulo e seu entorno. Trata-se de uma periferia espacial, mas também simbólica. Para o autor, a história nos subúrbios é “coadjuvante”; o local não pode ser tomado simplesmente como um reflexo da História de um país e de uma sociedade, embora eles estejam relacionados. É preciso distinguir a história *do* subúrbio da história *no*

subúrbio. A primeira é reconstituída, precisamente, a partir dos fragmentos da última, já que “no subúrbio a História é fragmentária, incompleta e se manifesta ocasionalmente” (1992, p. 11).

O termo “coadjuvante” está associado à relação de espaço e poder entre subúrbio e capital. Esta, definida a partir de seus moradores, é o local em que habitavam os homens bons, sem a mácula do ofício, com uma concepção de cidade construída a partir de seus próprios privilégios. O subúrbio, por sua vez, tem sua posição determinada a partir do trabalho agrícola, num primeiro momento, e mais tarde pelo trabalho industrial (MARTINS, 1992, p. 7).

A indústria é, ainda hoje, elemento de forte presença no imaginário coletivo quando se fala em “ABC Paulista”. Seus moradores foram os camponeses, os colonos e, mais recentemente, os operários. O processo de industrialização, porém, não foi capaz de eliminar o “verdeamarelismo” do país (CHAUÍ, 2000, p. 32), termo construído pela classe dominante como uma imagem celebrativa de um país essencialmente agrário. De fato, a indústria jamais se tornou a principal atividade de uma economia brasileira capitalista desenvolvida e independente. A instalação de muitas indústrias estrangeiras no país e, notadamente no ABC Paulista, não retornou para a região e seus moradores o capital gerado. O subúrbio continuou, enfim, à margem do desenvolvimento social e urbano da capital São Paulo. Desta forma, não somente o espaço é colocado em uma posição secundária, periférica, mas também os sujeitos que nele vivem são observados a partir de uma ótica de superioridade, a partir da capital.

O protagonismo da história oficial da região, principalmente São Caetano do Sul, é desempenhado a partir de uma construção e “interpretação triunfalista da imigração italiana” (MARTINS, 1992, p. 25). A ideia de uma comunidade germânica na região é, afinal, duplamente secundária; tanto se pensada no contexto local, como também se considerada a história da imigração alemã:

O sul é conhecido pela historiografia brasileira como lugar por excelência de imigração alemã. De fato, na segunda metade do século XIX, chegaram muitas levas de alemães para povoar esta região do Brasil, incentivados muitas vezes por companhias de navegação. Além de desenvolverem colônias agrícolas, estes colonos primaram por preservar suas tradições culturais, com a realização de festas e a criação de associações populares, como clubes e associações de tiro, escolas e igrejas. Eles conceberam sua maneira de se relacionar com a política e desenvolveram suas próprias lideranças” (DIETRICH, 2012, p. 139).

A questão fica ainda mais delicada quando se coloca em pauta a nacionalidade dos imigrantes que formam esta comunidade germânica na região. Trata-se, afinal, de pessoas vindas não somente da Alemanha, mas também da Áustria, Lituânia, Hungria, Croácia, da

antiga Iugoslávia. Num ambiente intensamente ocupado por colonos de famílias italianas, estas variedades étnicas são, decerto, minorias. Há que se destacar, porém, que a mera diferença de origem no passaporte não é impedimento para a formação desta comunidade. Falantes da língua alemã, estas pessoas compartilham um mesmo imaginário cultural, criando com certa facilidade laços de proximidade e pertencimento, tão necessários à formação e sobrevivência de uma comunidade.

A globalização é um processo capaz de transformar as cidades em “caleidoscópio de padrões, valores culturais, línguas e dialetos, religiões e seitas, etnias e raças” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 61). Assim, vive-se constantemente a exposição de uma cultura às outras, de uma identidade às outras, provocando um constante exercício de reconhecimento de si e “daquilo que constitui a diferença dos outros como enriquecimento potencial da nossa cultura” (idem, p. 60), e também de respeito ao que é intransferível, não comunicável. Nesta linha, o indivíduo enquanto agente social tem participação ativa no processo de comunicação, podendo criar e modificar a cultura mesmo em face de um grupo hegemônico. O cidadão deve ser um sujeito autônomo, capaz de desenvolver a cultura em sua comunidade, significando pertencimento, participação e criação (ibidem, p. 84)

Na possibilidade de resgate das memórias e dos sujeitos então esquecidos pela história local, devolve-se aos imigrantes e seus descendentes o (auto) reconhecimento como agentes dessa história no ABC, uma vez terem sido ofuscados por uma memória oficial, cristalizada nas lembranças, feitos e documentos da comunidade italiana local.

Além disso, sendo esta pesquisa um estudo sobre memória e feito a partir de memórias, é oportuna observação de Norbert Elias (1997, p. 30), quando afirma que os problemas, as características de um grupo sofrem fortes influências de seus êxitos e fracassos anteriores. O presente está intimamente ligado às “origens ignotas de seu desenvolvimento”. Mais que isso,

(...) talvez possa ter um efeito catártico se as relações entre passado e presente forem vistas desse modo, e os povos, através do entendimento de seu desenvolvimento social, puderem encontrar uma nova compreensão de si mesmos. (...) O passado de um povo também aponta para diante: o seu conhecimento pode ser de uso direto para construir um futuro comum (ELIAS, 1997, p. 31).

### **3.2 ... no ABC Paulista**

Na região do ABC, o primeiro registro que se tem de um colono alemão é em São Caetano do Sul. Não se sabe a data precisa em que Hermann Juncker chegou à cidade, mas há

estudos que apontam que os colonos italianos que viviam na cidade se lembravam de “Germano Juncker”, como Hermann era conhecido no Núcleo Colonial de São Caetano do Sul. Talvez já morasse na região quando os italianos chegaram em 1877. Nesta época, a região era habitada em grande parte por imigrantes italianos e, portanto, não se sabe ao certo o que um único imigrante alemão veio fazer em terras do ABC. Para se ter uma ideia do tamanho da colônia italiana, das 75 famílias que receberam lotes rurais e urbanos entre 1878 e 1891, apenas 4 eram brasileiras e 1 era alemã (MARTINS, 1992).

O fato é que, a partir do século XX, o ABC passou, pouco a pouco, a se tornar o lar para muitas outras nacionalidades. Isto se deve, principalmente, ao processo de industrialização da região. A proximidade com a capital atraía as indústrias principalmente pelas possibilidades de boas arrecadações (AYALA, 2014, p. 114). Ainda de acordo com a autora, em 1890, o Banco União adquire diversas propriedades de colonos nos entornos da linha ferroviária – posterior local de instalação de muitas indústrias. Entre os exemplos célebres, estão a fundação da Cerâmica São Caetano, em 1923, que chegou a empregar 3.500 funcionários e, em 1929, a instalação da General Motors. A possibilidade de emprego na região, a proximidade da capital – facilitada pela presença das estações ferroviárias – e mesmo o baixo custo dos terrenos tornaram a região do ABC particularmente atraente para as famílias imigrantes, quase todas em condições financeiras delicadas. Além do mais, o cenário do subúrbio volta à cena, favorecendo as relações humanas. A questão é retomada por Aleksandar Jovanovic:

É diferente uma metrópole grande, digamos, sem face, de um subúrbio com face. Eu acho que é essa questão. Quer dizer, os grandes centros, as grandes metrópoles, acabam sendo uma coisa sem face, em que as pessoas, efetivamente, são muitas. A população é muito grande, as atividades são bastante diversificadas e não há como se identificar (Aleksandar Jovanovic, 27/08/2014, HiperMemo/USCS).

A narrativa de Marta Wachtler mostra, na prática, a atração exercida pelas oportunidades de emprego na escolha do ABC como local de residência:

Meus pais souberam que aqui em São Caetano estavam construindo a General Motors e tinha bastante serviço pra marceneiro, pra coisas assim. Então eles resolveram vir pra cá. Vieram pra cá e com a economia que meu pai tinha, eles compraram terreno e fizeram uma casa na rua São Paulo. Mudamos para a casa, que ainda tava toda crua, mas ficamos aqui em São Caetano (Marta Wachtler, 11/12/2008, HiperMemo/USCS).

Já as lembranças de Frida Schmidt destacam elementos do “subúrbio com face” abordado por Jovanovic. Seus pais, que trabalhavam e moravam em São Paulo, tomaram um domingo para passear por São Caetano do Sul...

... e, quando iam subindo a rua Amazonas, que não era calçada, nada, naquele tempo, estavam conversando e saiu um senhor, ele falou “Você é alemão?”, [meu pai] falou “Sim”, e ele falou “Entra aqui um pouco, vamos conversar”. Aí eles gostaram do lugar e já compraram um terreno lá, pertinho da Candelária. (Frida Schmidt, 11/12/2014, HiperMemo/USCS)

Neste caso, todo o processo que desencadeou a chegada da família de Frida a São Caetano teve início com um elemento de identificação cultural. Falar alemão foi o bastante para que um casal e um homem, então desconhecidos, imediatamente encontrassem algo em comum.

O relato de Antonio Laefort, por outro lado, destaca o baixo custo dos terrenos no ABC. *Houve a propaganda que São Caetano ainda era um município novo e os terrenos eram baratos. Bem mais em conta do que lá na Lapa e outros lugares!*, ele explica. Por conta disso, tanto a família de seu pai como a de sua mãe – que ainda não eram casados – vieram morar em São Caetano, em terrenos nas ruas General Osório e Senador Vergueiro.

Se, no começo do século XX, o ABC Paulista estava ainda no início do seu processo de desenvolvimento urbano, não é de se estranhar a profusão de lembranças da região como se fosse, conta Aleksandar, *uma cidade do interior. No melhor sentido*, ele diz. Vale lembrar que, mesmo entre os colaboradores vindos alguns anos mais tarde, já entre os anos 1940 e 1950, as descrições da cidade ainda revelam características bem diferentes das encontradas hoje.

Marta Wachtler conta que, quando se mudou, não havia energia elétrica em sua rua. As ruas, é claro, não eram pavimentadas. E Frida aponta também que os banheiros não lembram em nada os atuais: eram buracos no chão, no fundo dos quintais.

A família Braack chegou na década de 1950 e morou durante muitos anos em Mauá. O pai de Carlos Braack, Augusto, viera trabalhar na Companhia Swift, em Utinga. Sua mãe, Hildegard, trabalhava em São Paulo – e ele mesmo estudava na capital, no colégio Porto Seguro. Em dias de chuva, Hilde e Carlos precisavam sair com dois pares de sapato, porque um deles, invariavelmente, chegaria enlameado ao destino. O meio de locomoção era o trem. Mas Carlos se recorda tanto das dificuldades como da beleza da região naquela época. *Mauá era bonita. A gente podia andar descalço o dia todo, andar à noite, tinham duas padarias que a gente conhecia, farmácia. Era uma vila cercada por florestas, a coisa mais bonita.*

Marta Érika, em suas lembranças, é menos romântica. Diz que tem sonhos ruins com Santo André de antigamente até hoje. *As ruas cheias de barro, e ônibus trançando de um lado para outro... Santo André de 1948, você não tem fotografias? É terrível!*



Outra característica marcante é a boa e próxima relação com a vizinhança estabelecida. Pedro Pilo se recorda da presença de diversos imigrantes. *Todos se davam muito bem. Pra cima [da minha rua] tinha as duas famílias italianas e, mais pra cima, tinha outra família alemã. E pra baixo tinha essa leiteria com uns alemão (sic) também, na [rua] General Osório.* A sensação de harmonia é reforçada na fala de Marta Wachtler, que se lembra de brincar, durante a infância, com vizinhas também de outras culturas.

Eu tinha amigas espanholas que moravam na rua Rio de Janeiro. Eu morava na rua São Paulo e atrás era a rua Rio de Janeiro, e minhas amiguinhas que moravam lá eram todas filhas de espanhóis. E tinham outras que moravam na [rua] Osvaldo Cruz, que eram portuguesas! Era uma mistura! A gente se entendia, tudo bem. Brincávamos e sempre juntas, como todas (Marta Wachtler, 11/12/2008, HiperMemo/USCS).

As histórias contadas pelos colaboradores até então trazem esta pesquisa a um contexto migratório e de experiências na região do ABC bastante similares. Contudo, é preciso mais que isso para a formação de uma comunidade. Deve haver interação, troca, aconchego, identificação. Para o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, “nunca somos estranhos entre nós”. A comunidade é agradável, acolhedora, feito porto seguro em que a ajuda e a confiança existem mutuamente, sem que se peça nada em troca. A comunidade é idealizada, conceito inalcançável; uma interessante mistura entre o que sempre foi com o que nunca será. “‘Comunidade’ é nos dias de hoje outro nome do paraíso perdido — mas a que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá” (BAUMAN, 2003, p. 9).

### 3.3 Eu, minha língua, minha “ID”

A rica diversidade de nacionalidades dos colaboradores desta pesquisa é uma das principais características da comunidade germânica no ABC. É, aliás, um dos principais pontos de diferenciação em relação às colônias imigrantes alemãs em outras regiões – notadamente, no sul do país. Como explicar, afinal, que elas tenham encontrado identificação o bastante para a formação de uma comunidade?

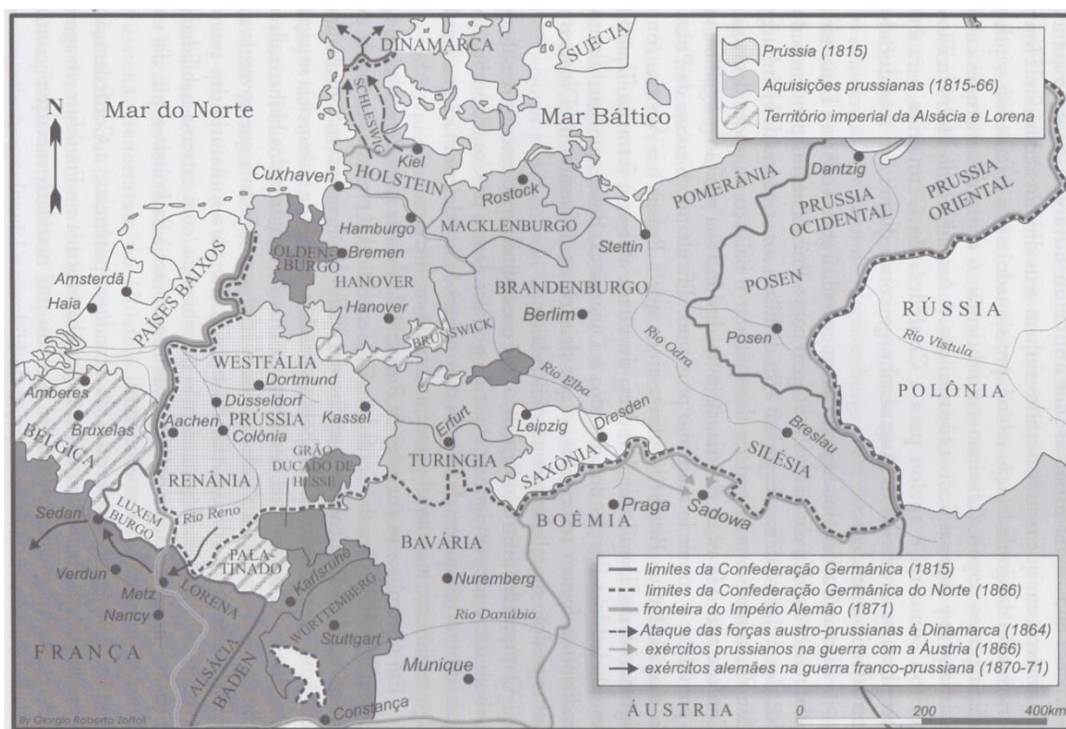
A língua alemã é a chave; o elemento que sobreviveu a anos e anos de mudanças fronteiriças e disputas bélicas. Na realidade, o alemão – e seus muitos dialetos – foi o primeiro sinal de unidade a uma Alemanha que seria um dos últimos estados europeus a se unificar e constituir como nação.

Sprachgeschichte ist aber auch die Geschichte der Wörter und damit auch der kulturellen Entwicklung. Die Sprache ist ja eine soziale Erscheinung, ein Mittel der Menschen, sich untereinander zu verständigen. Das Entstehen

und Verschwinden der Wörter spiegelt immer die Zeit, die Sitten und Gebräuche, die geistigen Strömungen, die Veränderungen der Lebensbedingungen und den Wandel der gesellschaftlichen Struktur wider. Obwohl wir erst seit gut 1200 Jahren schriftlich überlieferte deutschsprachige Quellen haben, kann man mit Hilfe des Wortschatzes auch gewisse Schlüsse über die schriftlose Zeit ziehen: er enthält Erinnerungen an frühere Epochen der Menschheit ebenso wie Widerspiegelungen der späteren (STEDJE, 2007, p. 12).<sup>5</sup>

A unificação da Alemanha aconteceu em 18 de janeiro de 1871, após o fim da Guerra Franco-Prussiana e diversos conflitos anteriores, como as Guerras Napoleônicas e a dissolução do Império Romano-Germânico (VIDIGAL, 2006). Como Stedje elucida, foram encontrados registros escritos em língua alemã com mais de 1.200 anos – e é necessário considerar ainda que a língua já era *falada* muitos anos antes. Uma comparação entre os mapas a seguir revela como as fronteiras nacionais alemãs, desde o surgimento de seu Estado, não eram capazes de abranger todas as regiões em que havia falantes do alemão.

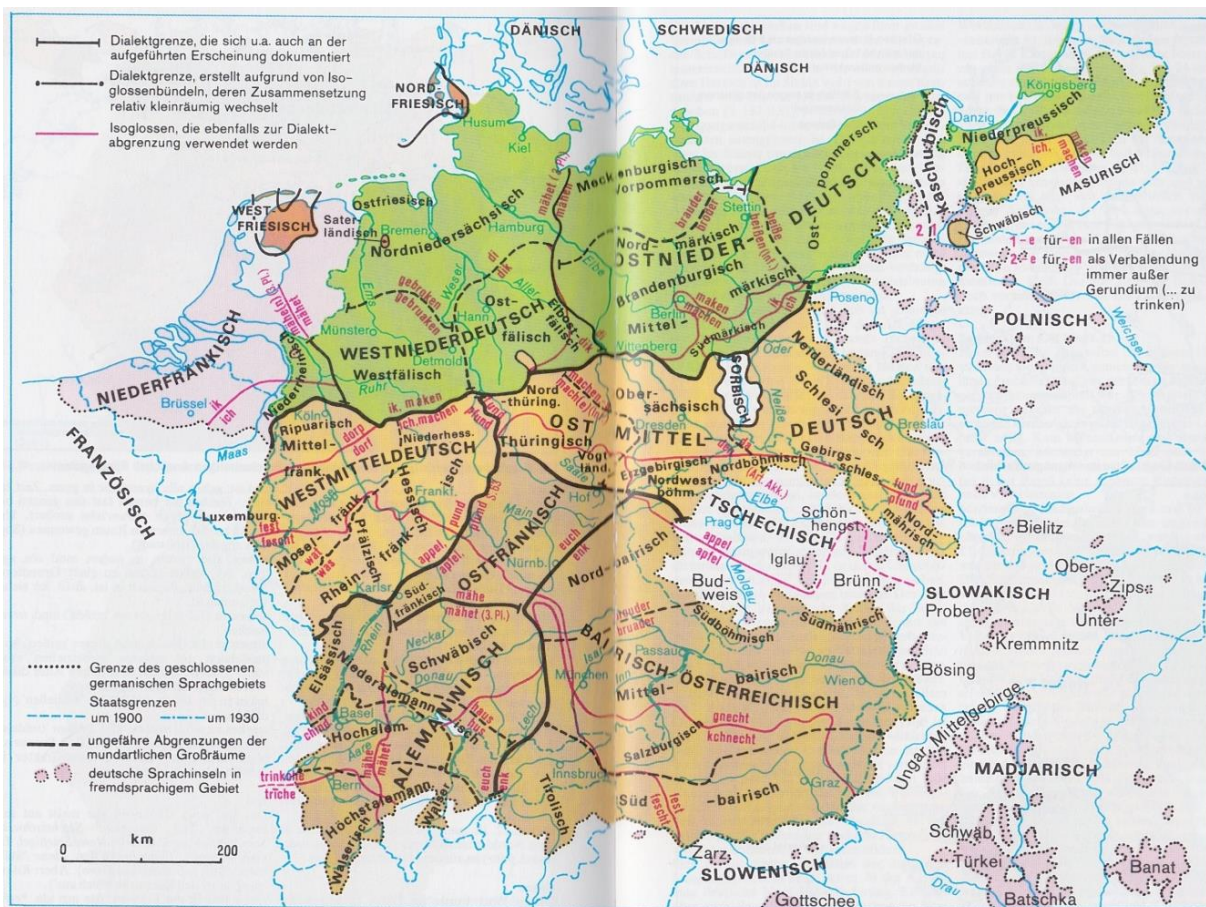
**Figura 2:** Unificação alemã – territórios conquistados entre 1815-1866



(VIDIGAL, 2006, p. 297)

<sup>5</sup> Em tradução livre: A história da linguagem é também a história das palavras e, portanto, também do desenvolvimento cultural. A linguagem é um fenômeno social, um meio de pessoas para entenderem umas às outras. O aparecimento e desaparecimento de palavras sempre reflete o tempo, os modos e costumes, as correntes intelectuais, mudanças nas condições de vida, as mudanças e resistências estruturais. Apesar de termos apenas cerca de 1.200 anos com fontes escritas tradicionais de língua alemã, com a ajuda de vocabulário podem ser tiradas, algumas conclusões sobre o tempo também em que não havia: a língua contém as memórias de épocas anteriores do ser humano, bem como reflexões sobre o futuro.

**Figura 3:** Estrutura dos dialetos de origem germânica na Europa Central, a partir de 1900



(DEUTSCHER TASCHENBUCH VERLAG, 2011, p. 230-231)

O primeiro mostra a configuração territorial da Europa Central à época da unificação do estado alemão. O segundo aponta áreas, também na Europa Central, em que se falavam dialetos alemães, em 1900. A cor verde e os dois tons de amarelo indicam três variantes da língua, enquanto as áreas em rosa mostram territórios em que também se encontravam falantes de alemão – ali estão regiões da Polônia, Sérvia, Hungria, Eslováquia e República Tcheca, por exemplo.

Para o sucesso de sua formação como um Estado-Nação, a Alemanha deveria acionar alguns elementos que a constituíssem assim. Entre eles está o sentimento de identidade e de nacionalismo que sustenta a ideia recém-criada de pátria (CHAUÍ, 2000).

Buscando proteger suas economias daquelas mais fortes, Estados como a Alemanha, os Estados Unidos e mesmo o Brasil encontraram no “princípio da nacionalidade” os pilares que definiram um Estado-Nação: grande dimensão territorial, densidade populacional e expansão de fronteiras. Neste cenário, a língua despontou como forte elemento unificador. Marilena Chauí (2000) destaca ainda que era preciso mais que a passividade concordante dos

cidadãos do Estado; era necessária uma “religião cívica”, encarnada no patriotismo. A Europa dos anos 1880 vivenciava diversas lutas sociais e políticas, com grupos socialistas e comunistas disputando o apoio popular com o poder estabelecido. O Estado, então, apropriou-se do patriotismo, construindo uma comunidade imaginária a partir de sentimentos e símbolos, inventando, pouco a pouco, toda uma tradição.

A partir dessa época, a nação passou a ser vista como algo que sempre teria existido, desde tempos imemoriais, porque suas raízes deitam-se no próprio povo que a constitui. Dessa maneira, aparece um poderoso elemento de identificação social e política, facilmente reconhecível por todos (pois a nação está nos usos costumes, tradições, crenças da vida cotidiana) e com a capacidade para incorporar numa única crença as crenças rivais, isto é, o apelo de classe, o apelo político e o apelo religioso não precisavam disputar a lealdade dos cidadãos porque todas essas crenças podiam exprimir-se umas pelas outras sob o fundo comum da nacionalidade (CHAUÍ, 2000, p. 17).

Todos estes processos têm, portanto, implicações na constituição das identidades das pessoas envolvidas. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman traz algumas reflexões acerca do assunto. O Estado-Nação, tal como foi idealizado e originado na Europa, está profundamente associado ao surgimento do conceito de identidade como uma crise de pertencimento.

A ideia de “identidade” e, particularmente, de “identidade nacional”, não foi ‘naturalmente’ gestada e incubada na experiência humana, não emergiu dessa experiência como um “fato da vida” autoevidente. Essa ideia foi forçada a entrar na *Lebenswelt* de homens e mulheres modernos – e chegou como uma ficção (BAUMAN, 2005, p. 25).

A delimitação de fronteiras, a unificação do território – e todos os que estão dentro destes limites convencionados – sob um mesmo governo, moeda e língua, tal como realizou o Estado-Nação, fez, forçosamente, com que as pessoas passassem aos poucos a se perceber de outra forma. Em vez de “sou daqui, sou deste lugar” – o lugar como o chão de suas aldeias e cidades – elas passaram a ser da França, da Polônia, da Itália... Países, com dimensões muito maiores daquelas a que estavam acostumados. Resgatando as ideias de Geneviève Zubrzycki, Bauman (2005) aponta dois modelos, duas interpretações de identidade nacional: a política, associada à escolha, e a étnica, relacionada à cultura, imposta ao nascer. Bauman (2005, p. 67) refere-se à “Europa central de fala alemã” como exemplo de um conceito romântico de “nação sem Estado”.

Desde então, entre os germânicos se desenvolve o pangermanismo, que

(...) tinha a pretensão de cultivar o caráter nacional alemão em todo o mundo, desconsiderando a cidadania, ou seja, ao local de nascimento do cidadão ou o local onde ele vivia e deveria integrar-se. (...) considerava apenas o caráter de “ser alemão”, isto é, a nacionalidade alemã adquirida por direito de sangue, independente de ter nascido ou não na Alemanha. Segundo o pangermanismo, os alemães e seus descendentes de todo o



mundo formariam uma unidade nacional que deveria sempre divulgar a cultura alemã. Consideravam, ainda, que somente através da preservação da língua alemã é que se poderia manter o cidadão alemão fora da Alemanha. O idioma seria, portanto, o principal elemento de preservação da “pátria-mãe” (PERAZZO, 1999, p. 59).

A figura a seguir ilustra em lilás algumas áreas de assentamento alemãs na Europa em 1914, antes da Primeira Guerra Mundial. Pelo mapa, vê-se a existência de famílias alemãs em países como a Polônia (Polen), a República Tcheca (Tschechien), Áustria (Österreich), Eslovênia (Slowenien), Bosnien-Herzegowina (Bósnia-Herzegovina), Hungria (Ungarn), Eslováquia (Slowakei), Ucrânia (Ukraine) e Romênia (Rumanien). As linhas em rosa representam as fronteiras atuais, enquanto as linhas azuis remetem aos limites da época.

**Figura 4:** Áreas de assentamento alemãs no sudeste europeu em 1914



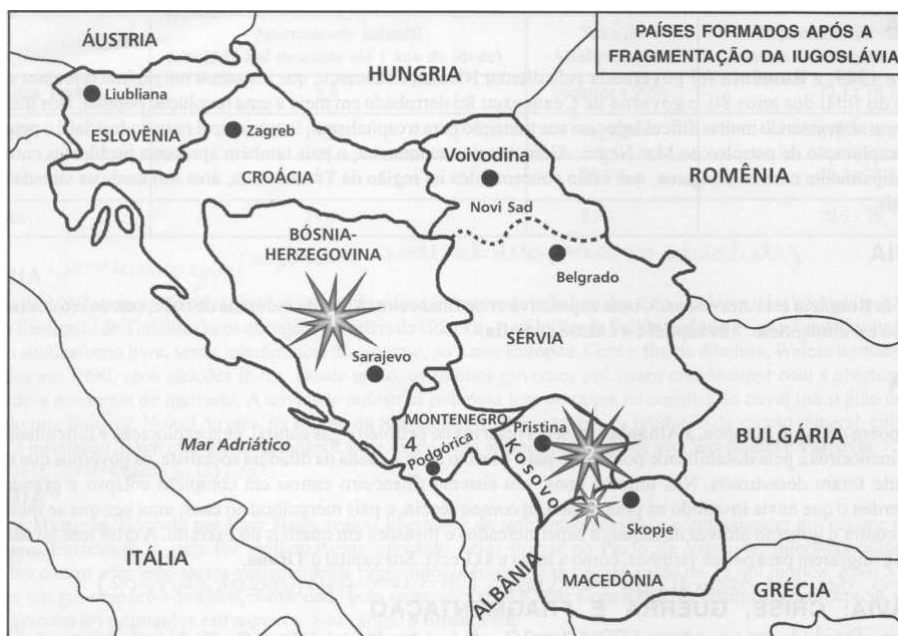
(35. Heimatbrief der Franztaler Ortsgemeinschaft, abril/2012)

É preciso voltar um pouco no tempo para entender essa disposição geográfica, o porquê de tantos alemães estarem espalhados assim pelo leste europeu. No século XVIII, a imperatriz austríaca Maria Teresa deslocou a população de língua alemã que habitava as regiões ribeirinhas do Danúbio para povoar o Império. E, devido às disputas por território que ocorreram desde então, os suábios terminaram por se espalhar em muitos países europeus – conferindo-lhes diferentes nacionalidades, ainda que a origem cultural fosse a mesma.



diferentes línguas. Nos anos 1990, a Iugoslávia veio a se dissolver, dando origem a outros países que surgem nas narrativas sobre a região, como a Sérvia e a Croácia.

**Figura 6:** Países formados após a fragmentação da Iugoslávia



(COLA DA WEB, 2014)

Isto é o que explica a identificação ocorrida na região não somente entre alemães e austríacos, mas também entre lituanos, húngaros, romenos. Como resume Jovanovic (1993), muitos dos que vieram habitar as terras do ABC Paulista eram suábios, os chamados *Donauschwaben*:

Trata-se de imigrantes oriundos de diversos países da Europa Central que aqui desembarcaram logo após o final da Primeira Guerra Mundial e que, embora provenientes de países diferentes, portando passaportes e cidadanias distintas, tinham em comum um dialeto da língua alemã que falavam há séculos, além de costumes e tradições afins e uma homogeneidade étnica (JOVANOVIĆ, 1993, p. 11).

O relato de Rosvita sobre suas origens maternas é, precisamente, um retrato de toda esta complexidade apresentada.

[Meus pais] são nascidos em uma região que já não existe mais, na Iugoslávia. Porém não são iugoslavos, eles são austríacos. E uma parte da família da minha mãe é também da Alsácia, que hoje em dia é França, mas antigamente era pertencente à Alemanha. A família da minha mãe veio de próximo de Viena, eram vinicultores. E outra parte veio da Alsácia, também vinicultores, também fugidos em mil setecentos e pouco de Napoleão, das Guerras Napoleônicas. Eles passavam o rio Danúbio bem embaixo da aldeia onde ficavam meus tataravós, e um deles resolveu tomar o navio que estava descendo o rio Danúbio e ver se tinha uma coisa melhor lá para baixo, para

levar depois o resto da família. Desceu para essa região que se tornaria a Iugoslávia depois. É uma cidade bem do lado de Belgrado, capital da antiga Iugoslávia, e hoje é a capital da Sérvia. Ele voltou e ficou sabendo das terras que a imperatriz Maria Tereza estava dando, no Império Austro-húngaro. Ela dava subsídios e precisava de gente para plantar frutas, vinicultura, trigo, tudo bastante essencial para o dia-a-dia. Aí ele trouxe o resto da família, uma parte dos amigos acabou se casando entre eles, e eles acabaram se assentando lá e tiveram grandes propriedades lá. Ficaram lá até a Segunda Guerra Mundial (Rosvita Madalena Grabner, 15/04/2014, HiperMemo/USCS).

E ela não é a única. Marta Wachtler, da Lituânia, afirma que morava em uma colônia alemã. Seu marido, Carlos, veio da Hungria. Pedro Pilo e Miguel Zvonimir vieram também da antiga Iugoslávia. Antonio Laefort tem origens romenas – mas a primeira língua que aprendeu foi o alemão, em decorrência do convívio com sua avó. A profusão de idiomas, contudo, era o que não faltava:

O meu pai falava praticamente três línguas, porque antes da guerra [Primeira Guerra Mundial] aquilo lá era da Hungria. Depois passou pra Romênia. Primeiro eles falavam húngarês, que era do Império Austro-Húngaro. Depois eles começaram a falar o idioma deles, romeno. Bom, e aí como eles passaram, o meu avô passou um tempo, uns três, quatro anos quando saiu da França, passou na Alemanha, eles aprenderam o alemão. Então, eles falavam o alemão (Antonio Laefort Filho, 11/12/2008, HiperMemo/USCS).

Entre os imigrantes, falar alemão era natural. Tratava-se, pois, de sua língua materna. Aprender o português, para aqueles que vieram em idade adulta, foi mais difícil. A maioria das narrativas aponta que a convivência no mercado de trabalho foi a principal maneira de aprender a língua portuguesa.

Mas, considerando que todos os outros colaboradores pertencem à primeira geração de suas famílias nascida no Brasil, a língua alemã tornou-se, também para eles, a primeira que falaram – e, ainda que o português seja predominante em suas vidas, o alemão parece não ter perdido a importância, ainda que “apenas” simbólica e afetiva. Carlos Braack, até os sete anos, não sabia falar português. Sua Mãe, Hildegard, se esforçou para que ele estudasse em uma escola alemã no Brasil, o Colégio Porto Seguro. Anos mais tarde, Carlos fez questão que sua própria filha estudasse lá. A família de João Becker segue o mesmo caminho. Ainda que sua esposa, Berenice, seja brasileira, o casal fez questão que os três filhos estudassem também no Porto Seguro, para que aprendessem alemão desde crianças. Dois de seus netos, os que moram no Brasil, também estudam lá.

Pode-se dizer que a comunidade germânica no ABC Paulista seja permeada por dois processos simultâneos de grande influência em sua formação identitária. É, ao mesmo tempo, associada a essa interpretação étnica de identidade, pautada por laços culturais, vínculos de



sangue, e está também imersa numa construção política de germanidade. Há que se resgatar ainda o conceito de *Deutschtum*, “baseado na ideia de origem de uma cultura em comum” (GRÜTZMANN, 1999), que consolida em si este sentimento de pertencimento e, busca-se demonstrar, norteia a formação de vínculos entre estes diferentes sujeitos que compõe a comunidade.

De acordo com Coracini (2003), a “manifestação do inconsciente se dá via simbólico, através da linguagem, materializado pela língua”. Com isso, retoma-se a ideia de que a língua alemã é um dos mais fortes fatores culturais que despertam a pertença entre esses sujeitos de diversas nacionalidades que compõe a comunidade germânica na região. A situação de bilinguismo está profundamente relacionada e em consonância com sentimento de pertencer ao Brasil e à Alemanha, ao mesmo tempo.

Quando se fala de busca de identidade de um povo ou de um grupo social, pretende-se encontrar características capazes de definir o indivíduo ou o grupo social por aquilo que ele tem de diferente com relação aos outros indivíduos; nesse sentido, guarda-se uma relação de homogeneidade. Entretanto, se postularmos o sujeito cindido, descentrado, inconsciente, habitado pelo outro, incapaz de se definir como uno, estável, igual a si mesmo (e, portanto, distinto dos demais), a não ser na dimensão representativa, isto é, imaginária, de unidade do locutor (ou do interlocutor), (...), e a linguagem, enquanto heterogênea, não podemos acreditar na possibilidade de uma identidade acabada, descritível; só podemos postular momentos de ‘identificação’ em movimento constante e em constante modificação (CORACINI, 2003, p. 150).

Os colaboradores desta pesquisa demonstram uma interessante mistura de sentimentos e noções de reconhecimentos. Uma é hereditária, atrelada à nação dos pais e ao passado (mas sempre presente, pelo paradigma da memória), e outra presente, ligada ao Brasil como terra que recebeu sua família e se fez sua também. Gertrudes, aos 74 anos, afirma que *fala alemão como um músico que toca de ouvido*. Não chegou a ter aulas, mas o aprendizado em sua infância ainda lhe serve para uma comunicação na vida adulta. Suas palavras parecem sintetizar essa dinâmica:

Ele era da opinião que do portão pra dentro, se falava a língua dos pais, pra que não se perdesse o vínculo; e, do portão pra fora, se falava a língua do país. E ele honrava muito essa teoria dele, porque ele dizia que aqui ele tinha casado, trabalhado, casado e os filhos deles tinham nascido aqui. Então ele valorizava muito, porque diz que foi a acolhida que deram a ele (Gertrudes Dal Pos, 11/12/2008, HiperMemo/USCS).

Já Miguel Zvonimir falava croata quando criança. Sua imersão na cultura germânica se deu por meio do padrasto alemão. E, quando ele escolhe contar sobre quem é, sobre sua identidade, parece simplificar toda a complexidade de culturas em que está inserido:

Eu sou naturalizado brasileiro. Quando eu fui perante ao juiz em Santo André, só estava o juiz e a secretária. Eu contei minha vida para ele e a secretária veio com um livro para eu escrever e para eu ler o código brasileiro. O juiz falou: “*Não precisa não, esse cara é mais brasileiro que nós dois juntos!*” (Miguel Zvonimir, 27/11/2007, HiperMemo/USCS).

Retomando as ideias de Thomsom (1997), o ato de narrar as memórias está intimamente relacionado com a reflexão e percepção de si, de seus tempos passado, presente e futuro. Na narrativa é que se materializam as escolhas sobre o que contar e como contar; na prática, trata-se de uma construção comunicativa do *eu*. Para Gloria Vergara (2004, p. 11), “o sopro da voz é criador”. Oralidade significa *vocalidade*, a historicidade de uma voz: seu emprego. Neste sentido, pensa-se não apenas as histórias contadas pelos colaboradores durante suas entrevistas, mas também a própria língua alemã.

O alemão atravessa todas as histórias aqui contadas; é *vivenciada*, seja no seio familiar, seja no ambiente escolar. Faz parte da percepção identitária dos colaboradores, da ideia de quem são. Ora é uma prática natural – a língua materna dos colaboradores – ora é uma experiência buscada – por meio da matrícula de crianças em escolas alemãs. Trata-se de um gesto vivo: *falar* alemão. É uma das mais claras maneiras de comunicar a cultura alemã, tanto por ser, necessariamente, uma comunicação oral, como por representar uma iniciativa natural e proposital dos sujeitos de preservação do convívio com a cultura de suas origens.

A identidade não pode ser concebida a partir do estático; é necessário estudá-la a partir da visão transdisciplinar. Ainda segundo Vergara (2004), a identidade é ativada na cultura sem derramar-se por completo sobre um objeto, ou algumas características do indivíduo ou uma única ação determinada. Trata-se de uma construção complexa, situando a identidade em meio ao heterogêneo e diversas manifestações culturais. “Toda cultura es cambiante; toda cultura es, por naturaleza, um injerto de las condiciones que van modelando cada acto del ser humano” (VERGARA, 2004, p. 20).

É a partir desta visão que se constroi o quarto e último capítulo desta dissertação, que traz relatos de práticas e manifestações culturais presentes nas narrativas dos colaboradores – isto é, diferentes comunicações da cultura germânica.

## Capítulo 4 | Relatos de práticas, (re)constituição de mundos sociais

### 4.1 Associações, escolas e igrejas

O que se compreende como região do ABC Paulista, nesta pesquisa, são os municípios de Santo André, São Caetano do Sul e São Bernardo do Campo, assim aglutinados por conta de sua história compartilhada e seus traços econômicos comuns, como a indústria metalúrgica, notadamente. E se as fronteiras físicas, geograficamente delimitadas, já não constituem características determinantes para uma região, elas se tornam ainda mais frágeis quando se fala em comunidade.

Comunidade é um termo que, atualmente, parece esvaziado de significado. Diferentes autores refletem incansavelmente, porém, sobre seu conceito. A revisão bibliográfica realizada por Peruzzo e Volpato (2009) destaca a profusão de diferentes acepções. Ferdinand Tönnies (1973 apud PERUZZO; VOLPATTO, 2009) menciona relações de proximidade geradas pelo sangue, pela vizinhança e pelo compartilhamento de valores e ideais, dita espiritual, como possibilidades de formação de comunidades. Para Martin Buber (1987 apud PERUZZO; VOLPATTO, 2009), haverá uma comunidade ideal em que a distinção entre vida e comunidade se apaga, em que predomina um profundo compartilhamento de valores; predominam laços de escolha, e não laços de sangue. Já Manuel Castells (1999 apud PERUZZO; VOLPATTO, 2009) aponta os interesses e anseios de seus membros como determinantes na formação da comunidade. O que se pode depreender destes e de muitos outros autores, à despeito das diferenças apontadas por cada um, é uma noção comum de que comunidade carrega sempre “sensações de solidariedade, vida em comum, independentemente de época ou de região” (PERUZZO; VOLPATO, 2009, p. 140)

A comunidade é; verbo no presente, natural. Tomar consciência e falar de si seriam atos contraditórios. A partir de Robert Redfield, Bauman (2003) elenca ainda três características essenciais: a distinção, a pequenez e a autossuficiência. É preciso que se distinga com facilidade quem está e quem não está na comunidade, e quanto menor e mais independente ela for, quanto mais densa for a comunicação entre os que estão dentro e mais raro o contato com os que estão fora, mais fácil será a manutenção de seus limites.

A comunidade imigrante deu importância à criação de espaços de convivência e de associações culturais. Ganham destaque, também, as escolas que ensinavam o idioma alemão. Rahmeier (2009), em sua tese sobre as relações diplomáticas alemãs, encontrou diversos documentos que comprovam o interesse do governo alemão na manutenção de

escolas no exterior que ensinassem o idioma e a cultura alemãs. Havia um controle sobre o que acontecia nas escolas, o governo alemão promovia a capacitação de professores e realizava o intercâmbio entre profissionais da educação dos dois países. O próprio Johannes Keller recebeu uma comenda do *Deutsches Auslandinstitut* de Stuttgart, pelo seu trabalho de ensino e pesquisa de imigração no Brasil. Há também diversas correspondências encontradas no Instituto Martius-Staden entre o partido nazista brasileiro e a escola alemã.

Segundo dados de 1935, produzidos pelo Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, o número de escolas alemãs no país chegou a ser 200% maior que no restante do mundo. Embora o número de estudantes não chegasse a ser proporcional à quantidade de escolas, isso ocorreu porque muitas unidades escolares tinham poucos alunos e eram multisseriadas.

**Tabela 1:** Escolas alemãs

| País                                       | Escolas      | Alunos        |
|--------------------------------------------|--------------|---------------|
| Escolas alemãs no exterior (exceto Brasil) | 259          | 32.604        |
| Brasil                                     | + ou – 1.260 | + ou – 50.000 |
| Total de escolas alemãs no exterior        | + ou – 1.519 | + ou – 82.600 |

(RAHMEIER, 2009, p. 67)

Na região do ABC Paulista, tem-se notícia de pelo menos duas: a *Deutsch-Brasilianischer Schulverein São Bernardo und Umgebung* (Associação Escolar Alemã-Brasileira) e a *Johannes Keller Schule* (Escola Johannes Keller), outrora localizadas em Santo André e São Caetano do Sul, respectivamente, de acordo com pesquisas realizadas nos acervos do Instituto Martius Staden, ligado ao Colégio Porto Seguro, em São Paulo.

Entre os colaboradores desta pesquisa estão ex-alunos destas duas escolas. Miguel Zvonimir frequentou a Associação Escolar em Santo André, enquanto Antonio Laefort Filho, Frida Schmidt, Marta Wachtler e Pedro Josefino Pilo foram estudantes da *Johannes Keller Schule*. Os relatos apontam para uma intensa participação da comunidade na criação e manutenção da escola. Os pais carpinavam o terreno para a prática de esportes, construíam salas de aula e, aos finais de semana, utilizavam o espaço para jogar cartas. A criação da *Johannes Keller*, aliás, é concomitante à criação da União Cultural de São Caetano do Sul, também conhecido como Teuto.

Quando começaram a fazer esse clube, o Teuto, os outros que queriam fazer a escola. Era uma outra parte dos pais que queria fazer escola. Em 1929,

começou o Teuto e no fim de 29 pra 30, se reuniram esses outros pais e fundaram a escola. E onde fizeram a escola, era uma casa antigamente. Tinha esse terreno ao lado onde depois nós construímos o clube (Antonio Laefort Filho, 11/12/2008, HiperMemo/USCS).

Os alunos usavam uniforme branco e azul: shorts para os meninos mais novos, calças para os mais velhos e saias para as meninas. O material escolar era, muitas vezes, trocado e reaproveitado entre os próprios alunos.

A escola alemã era paga, naquele tempo. Dez mil réis por mês. Tínhamos aula o dia todo. Tinha aula de manhã – ou português ou alemão, que sempre foi, português e alemão. E aí à tarde havia ginástica, que sempre foi assim uma coisa extraordinária porque não se usava, não se conhecia. Essas aulas eram à tarde. Trabalho manual, isso era à tarde. Então praticamente a gente tinha aula de manhã e à tarde. (Frida Schmidt, 11/12/2008, HiperMemo/USCS).

**Figura 7:** Turma de meninos da *Johannes Keller Schule*



Acervo de Marta Wachtler, HiperMemo/USCS

A atuação dessas escolas se estende somente até o final da década de 1930, quando ocorreram os seus fechamentos por influência da política nacionalista do Estado Novo de Getúlio Vargas. Entre 1937 e 1945, a então aproximação ideológica entre Brasil e Alemanha começou a tornar-se impraticável. De acordo com Perazzo (1999), se antes o nacionalismo alemão era visto como inspiração para que o governo brasileiro pudesse construir um Estado

forte de cunho nacionalista, a partir da implantação do Estado Novo, tornou-se necessário destruir os “estrangeirismos”. Passou a ocorrer, então, de forma nacional, uma efetiva repressão às manifestações culturais de estrangeiros, gerando a perseguição de imigrantes e descendentes e o fechamento de diversas instituições de caráter “não-brasileiro”. A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial contra o Eixo é mais um agravante. O cotidiano dos imigrantes e seus descendentes foi, em maior ou menor grau, afetado diretamente. Nesse momento, muitas escolas, clubes e associações políticas ou recreativas perderam a liberdade de ação de que até então dispunham. “Em toda sociedade”, afirma Foucault (2012), “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. Estas instituições, então, são de estratégica importância e ganharam especial atenção do governo varguista. Muitas foram obrigadas a trocar seus nomes e também suas diretorias – o atual Clube Pinheiros, em São Paulo, por exemplo, chamava-se anteriormente Club Germania. Estrangeiros perderam os cargos de direção para brasileiros. E a fala estrangeira, de forte materialidade, passou a ser rigidamente controlada, numa explícita e deliberada tentativa de controle dos discursos.

Linguista, Aleksandar Jovanovic critica duramente a “posição monolítica” assumida pelo Estado brasileiro a partir da ausência de políticas linguísticas no país.

A questão da preservação das línguas não é uma questão de preservação de identidade apenas dos povos. Isso é um detalhe. O mais importante é a preservação dos valores culturais. Isto é uma riqueza, esta multiculturalidade, isso é uma riqueza assim como a riqueza de preservação da diversidade ambiental (Aleksandar Jovanovic, 27/08/2014, HiperMemo/USCS).

A despeito das interdições e falta de iniciativas estatais para as práticas e convivências comunitárias, os imigrantes e seus descendentes tomaram, novamente, suas próprias medidas. Alocados em um país já tão diferente de suas terras natais, a busca por elementos familiares parece bastante natural – mesmo questão de sobrevivência, em um sentido cultural. O relato de Rosvita Grabner é um exemplo exato disso; revela, na prática, a formação de elementos palpáveis de uma comunidade.

Eu morei lá [na rua Vitória Régia] até quatro anos atrás. Hoje em dia, nessa casa mora o meu irmão mais novo. A família toda acabou morando na mesma rua do meu pai: os dois irmãos, a avó, o avô... Amigos de infância que depois acabaram vindo também moravam naquela rua, então ficou uma colônia deles de novo. Os costumes foram perpetuando também, porque eles também sempre tinham as festas de fim de ano, Natal, Páscoa, Ano Novo, e então tocava as músicas deles, falava a língua deles, e se formou depois, aos

poucos, a comunidade de língua alemã em Santo André. A católica e se formou e a luterana, (...) para que eles tivessem um lugar onde eles pudessem de novo encontrar amigos da pátria e cantar as canções, dançar as danças, trocar receitas... Eles tinham muita saudade (Rosvita Grabner, 15/04/2014, HiperMemo/USCS).

A saudade das trocas e vivências se reflete, no trecho acima, em uma necessidade direta de um espaço em que a cultura possa se manifestar. A realização de confraternizações, a empatia no contato com outros imigrantes e descendentes, a prática da língua são elementos percebidos na narrativa de Rosvita. No caso de sua família, em especial, uma associação veio a ter especial importância: a Sociedade São Miguel.

Em 1954, a colônia católica alemã inaugurou a Sociedade São Miguel, localizada na Vila Bastos, em Santo André. Naquele ano, foi celebrada a primeira missa em alemão, no atual Colégio Coração de Jesus – prática que segue desde então. A partir daí, surgiu a ideia de construir um espaço próprio para a comunidade, “que servisse tanto para as celebrações religiosas como para os encontros de lazer e artísticos da comunidade alemã.” (MÉDICI, 2009). Uma biblioteca foi organizada, com vasto acervo em alemão, foi montado um palco, abrigo de diversas apresentações, e mesmo boliche passou a ser praticado ali, além de se servirem refeições.

A Sociedade São Miguel tem uma importância ainda mais especial para Luise Babisch. Além de estar presente nas primeiras celebrações de missa, foi lá que ela conheceu seu marido. *Minha família se mudou para Santo André em 1953. E, em 54 começou a missa alemã aqui em Santo André. Eu o conheci na missa. Ele era de São Caetano e eu era daqui de Santo André, de Vila Bastos.*

Embora a Igreja Luterana já atuasse na região do ABC desde 1930, a Paróquia do ABCD surgiu em 1963, com o objetivo de atender as fiéis das cidades de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá e Riberão Pires. Até então, a comunidade se reunia no clube Teuto, em São Caetano do Sul, no A.C. Harmonia de Santo André e nas casas dos membros (IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2015). Com doações e campanhas, o pastor Carlos Musskopf conta, foi possível construir toda a infraestrutura hoje existente na rua Almirante Tamandaré: a Igreja, o salão paroquial, um jardim de infância, existente nos fundos do terreno, a casa do pastor, a casa da diácona. Além disso, há também um centro social, chamado Heliodor Hesse, que atende crianças carentes da região. As atividades atuais da Igreja incluem festas mensais,

(...) um grupo de senhoras que se reúnem todas as quartas-feiras, tem o grupo de coro, tem o grupo de jovens, que é bem pequenininho agora, pequeno, mas que sempre tem os grupos de jovens nas comunidades. Eles

fazem esportes, fazem teatro, fazem encontros com outros grupos, retiros, e tal. Tem um grupo que é o responsável pelo intercâmbio, pela parceria com outras igrejas, principalmente na Alemanha. Tem uma diretoria que é administrativa e tem o que nós chamamos de presbitério, que é um grupo maior, em que participam os representantes dos grupos, e é o responsável pelo pulsar da igreja, pelo coração da igreja. (...) Tem estudo bíblico nas casas das pessoas, e eu faço bastante visitas também às casas, é uma das maiores tarefas de um pastor luterano. E há os cultos domingo de manhã, às dez horas (Carlos Musskopf, 29/04/2014, HiperMemo/USCS).

Tanto as escolas, como as associações e as igrejas são espaços criados deliberadamente pelos imigrantes na região do ABC com a intenção de promover trocas, convívio, expressão de sua cultura. A permanência do Teuto, da Sociedade São Miguel e da Igreja Luterana, ainda em exercício de atividades, comprova a existência material da comunidade, atraída para junto de si mesma pelos sentimentos de identidade e pertencimento.

#### **4.2 Nacional-Socialismo: política, cotidiano e cultura**

Em 1939, o Brasil contava com uma população de cerca de 30 milhões de pessoas. Destas, mais de 87 mil era alemãs – a maioria concentrada em São Paulo e nos estados do sul do país. Neste mesmo período, a Alemanha vivia o III Reich, que mantinha controle direto sobre a *Auslandorganisation der NSDAP*, a Organização do Partido Nazista no Exterior. A célula esteve presente em 83 países, com cerca de 29 mil integrantes. O Brasil concentrou a maior parte destes – e São Paulo tinha o maior número de partidários brasileiros (DIETRICH, 2007, p. 156).

Esta pesquisa não se propõe a analisar as atuações do partido na comunidade germânica do ABC Paulista – embora tenham sido encontrados diversos documentos, disponíveis no acervo do Instituto Martius Staden, em São Paulo, comprovando o interesse do partido pelas escolas alemãs e, inclusive, promovendo diversas atividades, como exibição de filmes e peças teatrais. Também ouvimos alguns relatos de nossos narradores sobre suas participações na Juventude Hitlerista aqui no Brasil. E ainda podem ser encontradas em algumas entrevistas as tendências em relação a um posicionamento político na comunidade. Por esta razão, este tópico ganhou também algum espaço.

Entre as famílias de colaboradores que foram afetados pela Primeira Guerra Mundial, os discursos revelam certa apatia política. Após uma experiência traumática, boa parte das famílias mostravam desejo de distanciamento de novos conflitos.

Para Marta Erika, sua família estava muito desligada de política. *Aqui no Brasil ninguém pensa em guerra, ninguém fala. Meu tio não tinha conhecimento da situação política*



da Alemanha. A família chegou a voltar para a Alemanha em 1938, ignorando qualquer ameaça de uma segunda guerra mundial. Acabou por vivenciar lá todo o conflito, antes de conseguir retornar para o Brasil.

Miguel Zvonimir também afirma que, entre seus vizinhos, em Santo André, ninguém era adepto do nazismo. *Porque os iugoslavos nunca foram nazistas, eles somente sofreram por causa dos nazistas.*

Os relatos de Antonio Laefort e Frida Schmidt já revelam a existência de simpatizantes do nazismo na comunidade do ABC – e, em particular, mostram práticas na escola alemã de São Caetano do Sul, *Johannes Keller Schule*. O cotidiano das crianças na pequena região paulista era ideologicamente pensado para ser próximo daquele na própria Alemanha.

Todo o dia de manhã, quando a gente entrava na escola, em vez de falar “bom dia”, falava “*Heil Hitler!*” Isso é que foi que deu problema pra escola. (...) Aí que foi, porque se não fosse tudo isso aqui, e cantar o hino da Alemanha, se tivesse parado, a escola poderia não ter sido fechada. Podia ter continuado, mas tinha uns que são fanáticos... “*Não, tem que continuar, tem que ser assim*” (Antonio Laefort Filho, 11/12/2008, HiperMemo/USCS)

Meu pai sempre foi contra isso. Então eu nunca tomei parte. Minhas colegas sim. Havia as reuniões dessa juventude que era a favor do Hitler, então até nas escolas se comemorava “*Heil, Hitler*”. Então meu pai dizia: “*Eu não quero você no meio dessa gente e não quero que se fanatize por isso.*” E me tirou da escola (Frida Schmidt, 11/12/2008, HiperMemo/USCS).

As reuniões a que Frida se refere eram as promovidas pela *Hitlerjugend*, Juventude Hitlerista, uma célula do partido. De fato, a organização atuou na escola *Johannes Keller Schule*; há relatos de Antonio Laefort, Marta Wachtler e Pedro Pilo, que vivenciaram suas atividades. É preciso lembrar que na década de 1930, estes eram crianças. Apesar de, no momento das entrevistas, poderem julgar e analisar os fatos a partir de suas experiências como adultos, aquelas lembranças foram formadas – afetivamente, inclusive – nas cabeças de crianças. Por isso, para eles, a *Hitlerjugend* era como um divertido clube de escoteiros; não se pensavam as implicações políticas ou, pelo menos, eles escolheram não tratar politicamente o assunto.

Eu fui na Juventude Hitlerista porque que não tinha escoteiro pra menina aqui, brasileiros, só tinha escoteiros meninos. E lá, como eles acampavam, as meninas acampavam - eles faziam retiradas nas florestas, assim fora – então eu participei por causa dos acampamentos. Mas de política, a gente não entendia nada, a gente não entendia nada e nem interessava. Interessavam os jogos, e os acampamentos, e as diversões. E só isso (Marta Wachtler, 11/12/2008, HiperMemo/USCS).

Ah! Hitlerjungend. Aqueles eram bons mesmo. Eu fui umas duas vezes só, porque [aluno] do segundo ano não podia ir. Faziam acampamento. Eles ensinavam tudo. (...) Esse negócio de política não ia no meio. Mas eles ensinavam bem. Porque quando você está perdido no mato, isso eu aprendi lá, o que que você faz? Pelo menos um facão você tem que levar. Não entre no mato sem facão. Isso ensinavam. E eu já entre no mato, nunca entrei sem facão. Porque isso aprendi lá. (...) Eles diziam “*É assim. Tem que ser assim*”. A única coisa que eles diziam é “*O escoteiro tem que ser forte*”. Em alemão eles falavam assim “*Flink wie ein flink Hund, hart wie ein hart Stein*” [rápido como um cão e duro como uma pedra] (Pedro Josefino Pilo, 11/12/2008, HiperMemo/USCS).

Os trechos deixam claro as atividades realizadas pela organização, de forte caráter físico, explorando a resistência e mesmo fornecendo dicas de sobrevivência. Ainda que não fosse a intenção explícita dos colaboradores se envolver com o nazismo, a ideologia nazista estava presente, ainda que de maneira velada. Note-se que a expressão utilizada por Antonio Laefort para caracterizar o discurso dos nazistas, dos “fanáticos”, é “é assim, tem que ser assim”. Denota ordem, rigidez, imposição. A mesma expressão é utilizada por Pedro Pilo, desta vez num sentido positivo, para caracterizar as lições ensinadas na *Hitlerjugend*. “É assim, tem que ser assim”. As ideias de ordem e disciplina estão claramente impressas também no ditado “*Flink wie ein flink Hund, hart wie ein hart Stein*”. Quando Pedro começa sua fala com “esses eram bons, mesmo” e reforça que, ainda adulto, segue uma lição aprendida no grupo, com “nunca entrei no mato sem facão”, estão expressas aí noções de respeito e admiração. Há que se destacar, contudo, que os sentimentos estão no nível das ideias, e não expressos pelo partido nazista. Priscila Perazzo (1999) relembra as palavras de Georges Balandier ao destacar: o grande ator político comanda o real através do imaginário. “A legitimação do poder não se dá sem a transposição e produção de imagens e a manipulação de símbolos. Apenas a violência e a razão não são suficientes para que o poder se mantenha” (PERAZZO, 1999, p. 63).

A mãe de Rosvita também chegou a participar da célula quando ainda morava na Europa. Todas as células do partido nazista espalhados pelo mundo estavam diretamente sob o comando do partido na Alemanha. As instruções, ordens, todo o planejamento era feito de lá, pela Organização do Partido Nazista no Exterior (AO), e pela Embaixada. As células eram como uma extensão do próprio partido. Afinal, em seu imaginário circulavam as ideias de que sua língua, era sua casa; sua casa, sua pátria; sua pátria, seu sangue. Subordinada ao Ministério do Exterior Alemão, a AO era “responsável pela difusão do Partido no exterior – não tinha intenções de congregar cada vez mais número de adeptos. O que importava era

trazer para o Partido o colono alemão que morava no exterior e que também era considerado um ‘súdito’ da ‘Grande Alemanha’” (PERAZZO, 1999, p. 63).

Os mesmos sentimentos de respeito podem ser encontrados no trecho a seguir – novamente, voltados às ideias, e não ao partido ou à figura de Hitler.

Minha mãe participou da juventude de Hitler, que era focada na educação, no esporte - principalmente no esporte - na organização, no planejamento da carreira em termos de emprego, do que você queria seguir. E o fundamento era, na verdade, quase que um tripé: educação, esporte e planejamento, planejamento no sentido de muita poupança. Então ela disse que grande parte da vida, grande parte da força que ela teve para enfrentar a guerra e o pós-guerra, e vir para um país totalmente diferente daquele de origem dela, foi essa forte consciência de que ela tinha força para aguentar aquilo, de que ela tinha organização para planejar a vida, e que ela tinha educação que poderia ajudá-la numa série de coisas (Rosvita Madalena Grabner, 15/04/2015, HiperMemo/USCS).

Há ainda menos opacidade na fala de Rosvita; ali estão expressas claramente a valorização de disciplina, organização, força e resistência – moral e física, destacando-se a importância da prática de esportes.

Para o governo nazista, em que muito valia o sentimento nacionalista – a valorização e fortalecimento da Nação, como um todo – ganha importância também o fortalecimento do indivíduo, da raça que a forma.

Seja pela ótica do trabalho, seja pela do lazer, o trabalho corporal (no esporte, por exemplo) foi reconhecido como essencial ao desenvolvimento da Nação porque era capaz de mobilizar, simultaneamente, duas energias: a do corpo individual e a do corpo social (VARNIER, GOMES e ALMEIDA, 2014, p. 163).

A prática de esportes, nessa lógica, passa a ser considerada aristocrática, familiar e saudável, “que possibilita o desenvolvimento orgânico e social dos indivíduos tornando-os mais fortes e conscientes de seus deveres para com a sociedade e a Nação” (GOELLNER, 2008, p. 3).

Assim, mesmo entre as pessoas que não participaram da Juventude Hitlerista, é possível perceber a mesma ideologia aplicada à prática de esportes. As escolas alemãs no ABC cumpriam sua parte e mantinham, em sua grade, os exercícios físicos. Pedro Pilo afirma que a escola era exigente *principalmente pra fazer ginástica*. Muitas vezes, a própria comunidade se esforçava para garantir a prática.

Alguns dos pais dos alunos iam lá [um terreno próximo à escola Johannes Keller] e levavam enxada, as coisas pra cortar o mato, e limpavam tudo aquilo lá. Então ali que a gente fazia a nossa ginástica. Nós tínhamos duas vezes por semana, e as meninas duas vezes por semana também, só que em outros dias (Antonio Laefort Filho, 11/12/2008, HiperMemo/USCS).

As competições e apresentações públicas também eram comuns. O relato de Marta Wachtler revela traços de organização, disciplina e unidade.

Nós só nos reuníamos em primeiro de maio. Vinha os alunos de Santo André fazer ginástica junto com nós. Era uma ginástica só, tudo em conjunto, todas as escolas igual, pra se apresentar no campo do [clube] Pinheiros (Marta Wachtler, 11/12/2008, HiperMemo/USCS).

**Figura 8:** Grupo de meninas pratica ginástica



Acervo de Marta Wachtler, HiperMemo/USCS

As festividades em primeiro de maio não eram por acaso, porém. O dia do trabalho era festejado pelo partido nazista, em festas que reuniam muitos membros da comunidade – ainda que não afirmasse, novamente, não ter interesse em se envolver com assuntos políticos.

Todo ano, no dia primeiro de maio, a colônia alemã de São Paulo e das redondezas se reunia lá para uma grande festa, era a festa do nazismo Meu pai era veterano da guerra de 18 e ele não se dava muito bem com o nazismo. Eles tinham rixa um com outro, sabe? Mas ele ia desfilar também, como veterano da guerra de 18. E eu ia lá fazer a olimpíada. Existia a olimpíada para os jovens, e eu era bom em corrida e salto em altura. Achavam que eu era bom! Em corrida, eu acredito que eu era bom mesmo, porque depois da Copa de 70, comecei correr pelo método do *cooper* e organizei um grupo na fábrica que eu trabalhava. Era maravilhoso! Eu corri doze anos, dez quilômetros por dia (Miguel Zvonimir Krouman, 27/11/2007, HiperMemo/USCS).

A fala de João Becker destaca outro aspecto relevante na prática de esportes: os relacionamentos interpessoais.

A educação física é muito importante aqui. Eu sei muito bem. Quando se joga futebol, se faz amigos! Precisa jogar bem? Qualquer coisa, é ser bom em alguma coisa. É importante para o relacionamento (João Becker, 16/07/2014, HiperMemo/USCS).

Para que se compreenda a cultura de um povo, é necessário conhecer a sociedade em que ele vive, onde ele está. “É na vida em sociedade que as diferenças entre culturas constituem a imensa diversidade que nos torna parte da humanidade, encontram sentido e ganham expressão como realidade” (FERREIRA, 2011, p. 61). A “alteridade do outro como um outro e um mesmo” só pode ser compreendida a partir da conjugação de valores universais da condição humana e de especificidades culturais.

Norbert Elias, em seus estudos sobre o povo alemão, apresenta uma noção de *habitus* que em muito se aproxima de imaginário, quando afirma que “os destinos de uma nação ao longo dos séculos vêm a ficar sedimentados no *habitus* de seus membros individuais” (ELIAS, 1997, p. 9).. Daí, novamente, podemos pensar o conceito de inovação: o *habitus*, ou o imaginário de um povo, está sempre mudando – justamente porque as experiências de uma nação estão também em constante transformação.

E, quando falamos sobre as pessoas que vivenciam a cultura germânica, Elias (1997) destaca alguns importantes elementos na formação do Estado alemão que têm forte influência na composição desse *habitus* – quer dizer, que conceitos circulam no imaginário destas pessoas, comunicados, culturalmente, durante séculos: 1) as mudanças estruturais e de localização, fronteiriças, de povos falantes de línguas germânicas; 2) intimamente relacionadas com o primeiro fator, também são determinante as lutas de eliminação entre grupos, seja em nível de tribos ou de Estados e 3) as muitas rupturas e descontinuidades no processo de formação do Estado alemão. E o que perpassa todas essas características é o militarismo e o uso da violência, notadamente após o sucesso da Prússia nas guerras de unificação da Alemanha, uma vez que o modelo prussiano era francamente bélico.

Por fim, a circulação de práticas e ideologias de caráter nacional-socialista pela comunidade germânica no ABC Paulista é percebida, sim. Contudo, deve-se destacar também que, muitos dos elementos que dão sustentação às ideias nazistas, tiveram sua influência na constituição do próprio Estado alemão enquanto nação – e, conseqüentemente, na formação da ideia de um povo alemão. O nacional-socialismo foi, de certo modo, uma exacerbação violenta de muitas destas características que, com as práticas da Segunda Guerra Mundial, tornam-se estigmas e motivos de vergonha. Pode-se afirmar que não se trata de um

engajamento consciente e proposital, ou mesmo concordância com outras ideias do partido nazista. Daí a contraditória coexistência, no discurso de alguns colaboradores, de elementos constituintes de sua cultura germânica e, ao mesmo tempo, do nacional-socialismo. Por isso que, em um nível consciente, os sujeitos desassociam-se e mesmo repelem o partido nazista mas, inconscientemente, estão em consonância com algumas de suas ideias. As práticas mais violentas e repudiadas do nacional-socialismo, como o racismo e o antissemitismo, não possuem forte presença em nenhuma das entrevistas. São temas classicamente silenciados, evitados. Como lembra Maurice Halbwachs (2006), o sujeito é a quem atribuímos a narrativa da lembrança, mas a memória não é completamente individual, fechada. Trata-se de uma construção coletiva, social.

### 4.3 Festas e celebrações

Diferentemente do que uma primeira impressão possa sugerir, quando a temática das festas foi abordada, nestas entrevistas, as respostas não se detiveram, particularmente, no universo das festas típicas alemãs, como a *Oktoberfest*, por exemplo. Pelo contrário, os relatos abordam festas bastante conhecidas pela cultura brasileira, em especial as religiosas, como a Páscoa, o Natal e os casamentos.

Antes de mais nada, é preciso retomar as condições de vida da maioria dos imigrantes e seus primeiros descendentes na região. As dificuldades eram muitas, conforme relata Antonio Laefort:

O pessoal, naquela época, trabalhava até muito tarde. Não tinha esse negócio de hora extra, como tem hoje. Meu pai trabalhava todo dia dez horas, entrava de manhã e saía às seis horas. Pra ganhar o dinheirinho pra construir a casa, né? E não ganhava feriado, nada. Então tinha que trabalhar e não tinha muito tempo pra fazer festa, essas coisas (Antonio Laefort Filho, 11/12/2008, HiperMemo/USCS).

Pelas mesmas razões, é comum encontrar entre os relatos que os aniversários não eram comemorados com festas. Marta Wachtler conta que sua primeira comemoração só aconteceu aos 18 anos. Mesmo a viagem de sua lua-de-mel só foi realizada muitos e muitos anos depois do casamento: quase 50. Já as uniões... Seja na Igreja Luterana ou na Católica, os casamentos são sempre muito festejados pela comunidade.

Eu casei em São Paulo, na Igreja Luterana, na avenida Rio Branco. Só que a festa foi em Santo André, no clube Harmonia. Bom, era almoço quente. Quer dizer, minha sogra, eles fizeram uma refeição quente. Depois havia um coral lá, porque existia um coral no clube Harmonia e meu sogro fazia parte desse coral, então presentearam com músicas alemãs. E dança, o que

tradicionalmente se faz hoje (Gertrudes Dal Pos, 11/12/2008, HiperMemo/USCS).

Fiz 57 anos de casado. Foi no Teuto, no Teuto antigo, que era no salão da rua Afonso Pena, Foi feita uma festa, com umas 300 pessoas e foi feito um jantar, baile até quatro horas da manhã (Miguel Zvonimir, 27/11/2007, HiperMemo/USCS).

Hildegard Braack casou-se no navio Windhuk, ancorado em Santos. *Era uma festa formidável*, conta. E Carlos Braack, seu filho, completa a anedota sobre o pastor que realizou o casamento de seus pais. *Ele fez o meu batismo também, e até ele morrer ele falou que a melhor festa foi aquela que ele participou no navio!*

O casamento de boa parte dos entrevistados acontecia depois de encontros em bailes e missas promovidos pela comunidade. Mesmo o trem, muito utilizado como meio de transporte para aqueles que moravam no subúrbio e trabalhavam na capital, se transformava num espaço de convivência e possibilitava encontros. Embora Frida já conhecesse Robert Bernard, o Seu Roberto, desde os tempos em que ambos estudavam na Johannes Keller, foi somente após os encontros no trem que os dois começaram a namorar e se casaram.

A história de Pedro Pilo, filho de pais divorciados e criado, em boa parte, pela avó, tinha tudo para repetir o destino dos pais. Seu encontro foi arranjado, com uma moça conhecida da família, também de origens germânicas. Ao contrário de seus pais, porém, que foram obrigados a entrar em um casamento que durou poucos anos, Pedro gostou da moça, Maria, e a união funcionou para eles. No dia de sua entrevista, 11 de dezembro de 2008, o casal comemorava 59 anos e 1 dia de casados. *Ainda ontem eu dei flor para a Maria*, ele contou, orgulhoso.

**Figura 9:** Pedro e Maria Pilo. À esquerda, na ocasião de seu casamento, em 1949. À direita, comemorando suas bodas de ouro, em 1999



Acervo de Pedro Pilo, HiperMemo/USCS

A Páscoa já apresenta algumas diferenças mais marcantes em relação às comemorações no Brasil. A graça, Rosvita Grabner conta, está em decorar ovos de galinha. O processo pode tanto acontecer com o ovo cozido – e então é utilizado algum corante natural para tingir o ovo, como casca de cebola vermelha. Outra alternativa é fazer dois pequenos furos nas extremidades do ovo e soprar, para eliminar a clara e a gema. *Aí você lava bem com água e vinagre, e faz um burquinho maior em uma das extremidades. Deixa secar e aí sai todo o cheiro do ovo. Dá a impressão que não, mas sai*, ela explica. Neste caso, pode-se usar diferentes tintas para decorar a casca do ovo vazio e depois preenche-lo com chocolate ou amendoim praliné. No dia anterior ao da entrevista, ela tinha feito o mesmo processo, ensinando a brincadeira para sua sobrinha, de seis anos. Luise Babisch conta que manteve a tradição durante a infância do filho e também dos netos. Pediu para uma prima alemã trazer, em visita ao Brasil, as tintas específicas para a pintura dos ovinhos. *Até o fim da vida eu tenho tinta*, brinca. As palavras em tom divertido de Luise revelam o orgulho que ela sente em manter, durante toda a sua vida, uma tradição. Há abundância de tintas, fartura do material necessário para o exercício de sua prática. Um sentimento bastante semelhante surgiu também na fala de Carlos Braack, quando gabou-se de que o pastor que celebrou o casamento de seus pais lembrou-se daquela festa “até morrer”.



Já os relatos sobre o Natal trazem as características mais peculiares da cultura germânica. A começar pelo *kalendar*, descrito logo no início desta pesquisa. A decoração privilegia, também, os elementos naturais.

Por que a gente pendura coisas nos pinheiros? Segundo rege o conto que minha mãe sabia, por causa do pessoal que ia trabalhar na floresta. No inverno, você tem que cuidar dos animais selvagens. Lá existe a tradição do caçador poder caçar, mas ele tem que ser responsável por aquela área, cuidar dos animais no inverno. Então ele tem que levar sal, por exemplo, que é uma coisa que falta muito para o organismo dos bichos, falta mineral. Então ele leva sal grosso e ele leva comida, algum tipo de capim seco. E eles tinham que pendurar as roupas para não por na neve, pendurar e a marmitinha deles em algum lugar. Acharam um pinheiro e foram pondo nos pinheiros. Com o tempo, a tradição rege que os pinheiros eram levados para dentro de casa e começaram a ser enfeitados com maçãs, com tangerinas (...) E havia todas as comidas especiais. Isso aí é uma coisa que a gente seguiu bastante e, dentro do possível, ainda segue (Rosvita Madalena Grabner, 15/04/2014, HiperMemo/USCS).

Para eles, o Natal é uma festa bastante familiar. A maioria realiza a ceia cedo, vai à missa, canta hinos. Felizmente, Pedro Pilo cantou em alemão o trecho inicial de “Noite feliz”, um dos hinos típicos da noite de Natal, mencionados por muitos:

Começa assim. Vocês sabem o começo dela:  
*Stille Nacht, heilige Nacht*  
*Alles schläft, einsam wacht*  
*nur das traute, hochheilige Paar*<sup>6</sup>

(Pedro Josefino Pilo, 11/12/2008, HiperMemo/USCS)

A outra diferença apontada é a Festa de São Nicolau, comemorada muitas vezes na Sociedade São Miguel, em Santo André, todo dia 6 de dezembro. Uma figura semelhante ao Papai Noel, São Nicolau é um bispo para a comunidade germânica, uma pessoa de muitas posses, conta Rosvita, que repartia o que tinha e presenteava crianças. Nas celebrações, São Nicolau aparecia sempre acompanhado do *Knecht Ruprecht*, uma figura semelhante a um diabinho, vestido de preto, responsável por botar medo nas crianças que não haviam se comportado bem durante o ano.

Se, aparentemente, não há grandes diferenças entre as festas brasileiras e germânicas, é possível abordar a questão por um novo ângulo: a culinária. E as diferentes expressões da cultura estarão lá.

---

<sup>6</sup> Em uma tradução livre: Noite tranquila, santa noite / todos dormem, sozinho vigia / sua família, sacrossanto par

#### 4.4 Culinária: um prato cheio para a cultura

Sopas, carne de porco, batatas e repolho azedo. Uma cervejinha, um *chopp*. A simples menção destes itens é capaz de acionar no imaginário, quase que automaticamente, o universo germânico. Isso porque mais do que pratos culinários que carregam sabor, estes elementos carregam também características da cultura, da história, do folclore de um povo. Para Paravati (2014), que analisa os hábitos culinários a partir de uma perspectiva folkcomunicação, todo o ambiente da cozinha, as comidas e as bebidas são dotadas de imensas quantidades de fatos folclóricos. “A preparação dos alimentos, os ingredientes, os instrumentos e os utensílios, assim como suas formas de obtenção são cercados de crenças e até superstições” (PARAVATI, 2014, p. 97). Esta pesquisa adota, assim como o autor, a postura de que a alimentação é carregada de expressividade, sentimentos, opiniões e visões sobre a vida social, cultural e econômica de uma sociedade.

A análise a seguir, feita por Norbert Elias, é um claro exemplo desta conjugação entre cultura e prática culinária. Pode ser, inclusive, relacionada a muitas narrativas dos colaboradores desta pesquisa, em especial as femininas. As mulheres relataram que, nas festas, era comum que os pratos fossem sempre servidos antes – justamente para “ferrar o estômago”, e evitar que os homens ficassem excessivamente bêbados.

Um dos elementos citados pelo o peculiar costume de beber dos alemães, que sobreviveu como regra e ritual estudantil nos séculos XIX e XX, teve precursores no século XVII. (...) Permitia que os indivíduos se embriagassem e se intoxicassem em boa companhia. Ao mesmo tempo, ensinava um indivíduo a controlar-se mesmo quando excessivamente bêbado, protegendo assim o próprio bebedor e seus companheiros dos perigos implícitos na perda de todas as inibições (ELIAS, 1997, p. 19).

As galinhas faziam parte da alimentação de Antonio Laefort e Frida Schmidt, eles afirmam – porém, por uma questão social. *Todo o pessoal antigamente tinha horta*, conta Antonio.

O austríaco é quase como um italiano e come muita massa, só que em modos diferentes. Então tem certas coisas que a mamãe sempre fazia. E nós tínhamos o quintal grande, então tínhamos galinha, coelho... Mas, de um modo geral, usava-se o feijão com arroz, que se acostumou aqui. Houve assim muita transformação, estrangeiros que se entrosaram muito bem aqui (Frida Schmidt, 11/12/2008, HiperMemo/USCS)

Além da criação de animais no quintal, pela fala de Frida pode-se perceber a apresentação da alimentação austríaca por meio da semelhança com a italiana, amplamente difundida em São Paulo, principalmente. Talvez seja um mecanismo de Frida para tornar a

culinária austríaca mais próxima de seu ouvinte. O trecho é ainda interessante para se observar tanto a preservação de um costume estrangeiro, na prática de sua mãe, como a mistura com elementos nacionais, no consumo de arroz e feijão, por exemplo. A própria Frida explicita a noção de entrosamento. A descrição de Gertrudes Dal Pos, sua sobrinha, também é rica em nuances:

Tem o *kassler*, que é o filé de porco defumado. Joelho de porco. Hoje já existe o joelho de porco defumado, antigamente era só salgado. Um dia antes, tinha que pôr na água, como se fosse bacalhau. E, quando vinha o prato todo pronto, chamava o “prato da matança”. Mas isso era lá, na Áustria, que se fazia, porque lá se matava os porcos e tudo daquilo era aproveitado. Então as tripas eram preparadas, cozidas, esterilizadas. Lá, no modo deles, salmoura e tudo mais. Depois enchidas, e se colocavam inclusive banhas, pra que no inverno, durante a época da neve, tivessem comida. Então faziam o chucrute, com a linguiça, salsicha, o joelho de porco... E eram feitas aquelas meses grandes, aquelas travessas grandes, e isso chamava-se “o prato da matança”, porque eram os camponeses de lá que faziam isso. Tudo isso são histórias, que agora já não existem mais. Porque hoje existe a indústria e você compra o seu chucrute pronto. Ninguém quer ralar mais o chucrute, ninguém quer ter mais a espuma vazando na sua casa. Todo mundo tem geladeira também hoje (Gertrudes Dal Pos, 11/12/2008, HiperMemo/USCS).

Este trecho revela o conhecimento de Gertrudes acerca de tradições camponesas da Áustria, país de origem de seus pais. É um provável conhecimento passado, informal e oralmente, entre gerações. Nota-se a influência do clima, por exemplo, na composição dos pratos – gordurosos, para resistir ao inverno –, e o caráter social, de refeição coletiva e compartilhada. Mesmo descendente direta de austríacos, percebemos na fala de Gertrudes um claro distanciamento entre ela, primeira pessoa, e o estrangeiro, terceira pessoa. É uma curiosa contradição; apesar de todo o seu íntimo conhecimento desta cultura, das trocas entre ela e seus pais, as palavras que usa para se referir aos austríacos são “lá”, “eles”. Ao mesmo tempo, ela também se insere – e permite que qualquer um se insira neste cenário, ao mencionar o chucrute atualmente. Em “você compra o seu pronto”, estão valores inclusivos em uma prática de consumo; percebe-se uma relação entre os efeitos da globalização e as culturas locais: em São Caetano do Sul, uma moradora de Santo André, filha de austríacos, ensina qualquer ouvinte em potencial como adquirir e preparar um prato típico germânico. É como diz Stuart Hall (2006): mais do que homogeneizar as culturas, a globalização promove o deslocamento e a contestação de identidades centradas, fechadas. A tendência é o florescimento de identidades culturais não-fixas, mas múltiplas e em constante transformação.

Gertrudes também revela outro processo transformador da cultura: as inovações tecnológicas. O surgimento da geladeira e a industrialização de alimentos provocou mudanças

sensíveis: compra-se tudo pronto; o ritual de preparo do alimento é, em boa parte, extinto. Nas memórias de infância de Miguel Zvonimir, que vivenciou os anos 1920 na antiga Iugoslávia, a alimentação era resultado direto do trabalho dos camponeses. E, sem geladeira, *as carnes eram congeladas dentro de latas de banha*.

Fatores econômicos também podem ser encontrados exercendo suas forças sobre as narrativas dos colaboradores. Carlos Musskopf, por exemplo, lembra com bom humor que as bebidas refrigerantes só entravam no cardápio em situações especiais. *Se tomava refrigerante no Natal, na Páscoa e no aniversário. Em outras épocas não tinha isso de estar aí tomando refrigerante, que nem agora se toma assim, não!* O orçamento curto também pautava as refeições na família de Marta Wachtler:

No Natal, se fazia uma coisa diferente de todos os dias, mas não era uma coisa assim, muito... Bom, fazíamos pão de frutas, que era o principal pra festejar o Natal! Pão de frutas é um bolo com bastantes frutas variadas, frutas secas. E... Sinceramente, era um pernil e um pato recheado. Naquela época, nós tínhamos em casa criação de patos (Marta Wachtler, 11/12/2008, HiperMemo/USCS).

Novamente, a criação de animais no terreno da própria residência pautava os hábitos alimentares. A juventude a que se referem estes relatos, vale lembrar, diz respeito aos anos de 1930 e 1940. No ABC, subúrbio, era comum a intersecção entre o urbano e o rural, entre o industrial e a pecuária doméstica. Rosvita Grabner destaca que a ocupação da terra na Europa também tinha forte influência sobre os hábitos alimentares.

Faz-se pão natural, em casa, faz-se geleia em casa... Você tem que imaginar que era uma vida campestre. Então, você tinha tudo da sua horta e você fazia. Alemão, austríaco e suíço adora comer o quê no café da manhã? Café com leite, pão com manteiga, queijos... Queijo é o forte lá, é criação de pequeno porte. (...) Não são os milhões de alqueires que tem aqui. (...) Lá, quem tem latifúndio, tem a sua terra já demarcada e são terras menores para justamente criação pequena. Então são ovelhas, porcos, cabritos, galinhas, gansos...

No trecho “você tem que imaginar que era uma vida...”, a colaboradora pede de maneira explícita que seu ouvinte tenha empatia, ponha-se no lugar do personagem daquela história. Ela busca que sua história e o contexto em que ela se insere sejam compreendidas da melhor forma possível. Isso porque, conforme lembra Alistair Thomson, o processo de composição das reminiscências é inteiramente público. Algumas delas podem ser dolorosas caso não correspondam ao que é normalmente aceito pela sociedade, então temos a tendência de construir nossas narrativas de modo a ajustá-las ao que é bem recebido. “Assim como buscamos a afirmação de nossa identidade pessoal dentro da comunidade específica em que

vivemos, buscamos também a afirmação de nossas reminiscências” (THOMSON, 1997, p. 58).

Mesmo no Brasil, diante de outras realidades climáticas e territoriais, Rosvita mantém alguns dos hábitos que aprendeu com sua mãe. Para ela, o cardápio se tornou diferente por conta da globalização, das misturas com outros costumes, e mesmo o resultado da Segunda Guerra Mundial influenciou hábitos alimentares. Com as diferentes culturas de franceses, norteamericanos, russos e ingleses ocupando o território alemão, algumas mudanças naturalmente ocorreriam. *Mas ficou uma linha mestra, ela avalia. Aqui no Brasil, você pode introduzir o que você quiser, mas ainda o arroz e feijão, uma batatinha e um bifinho, uma saladinha, isso vai ficar. Então lá também, a batata ficou, a carne assada, muita carne de porco...*

#### 4.5 “Lá e de volta outra vez”: Eu sou o outro. O outro não sou eu. Eu não sou o outro

O retorno às terras de origem é um capítulo presente em praticamente todas as vidas que esta pesquisa apresentou. Muitos passaram os anos de suas infâncias escutando as histórias de seus pais sobre as terras longínquas de onde, munidos apenas de esperança, ousaram sair. Outros já tinham as próprias imagens formadas nas lembranças – algumas em que se agarram firmes, para não esquecer; outras que procuram sequer nomear. Em nenhum caso, porém, o retorno se fez definitivo.

Em 1992, Marta Érica ganhou passagens e algum dinheiro para passear na Alemanha, país que deixara há mais de 40 anos. *A Alemanha é muito bonita, muito cheia de coisas, mas o alemão é... Meio frio, não é muito... Como eu vou dizer para não ofender? Frio! Para a Alemanha eu não quero voltar é nunca. Eu gosto muito da minha pátria, mas de longe, aqui!,* ela conta. A relação com a Alemanha aparece dúbia em suas palavras. Por um lado, ela diz “a minha pátria” – e, de fato, ela nunca se naturalizou brasileira. Essa proximidade é, literalmente, afastada logo na sequência. “Gosto de longe”, ela diz, imprimindo distanciamento. Essa sensação é reforçada também no julgamento de Marta acerca do povo alemão. O povo “frio” de quem ela fala é outro, não a inclui.

Quando Frida Schmidt viajou com o marido para a Áustria, em 1998, ela já “havia entrado no clima brasileiro”. Um de seus filhos utilizou milhagens para pagar a viagem dos pais e, assim, o casal passou 15 dias passeando. *Não deu pra ver muita coisa, mas a Áustria é muito, muito linda. Muito bonita.* Foi a primeira e única vez lá, ela conta. *A vida era aqui no*

*Brasil, mesmo. Principalmente só São Paulo.* Novamente, o vínculo com o Brasil parece mais forte que aquele com o país de origem de seus pais.

A Áustria também foi o destino de Gertrudes Dal Pos. *Em 1982, revi a irmã do meu pai. Depois, fiquei na Alemanha para visitar a família do meu sogro.* Ela chegou a ir duas vezes, motivada pelos laços de família – e também pela vontade de passear.

O lazer, aliás, é o único motivador de Luise Babisch. Ela ainda se questiona se a imigração para o Brasil foi o certo ou o errado após a Segunda Guerra. Mas já se diz acostumada ao país e não pensa em voltar a morar lá. A passeio, foi muitas vezes. *Nossa! Passeamos bastante. Mas não, não acostumo mais. Mesmo com essa bagunça aqui, a gente prefere a bagunça* – e solta uma risada. A fala de Luise carrega, novamente, a contradição. Ela se refere ao Brasil, ao “aqui”, por meio da palavra “bagunça”, que tem conotação negativa, associada à desordem – uma ideia essencialmente contrária à ordem e à disciplina tão presentes no imaginário alemão. Ela começa a frase com o pronome “mesmo” empregado com significado adversativo, como se fosse “apesar”, o que implica no confronto entre uma ideia negativa e outra positiva. Aí reside a contradição de Luise: *apesar* do valor negativo na bagunça, ela “prefere”, quer dizer, deliberadamente faz uma escolha consciente em que admite, abraça o Brasil.

Marta Wachtler só pisou na Europa uma vez após ter deixado a Lituânia com sua família. Foi junto de Carlos, seu marido, como lua-de-mel: mas já comemorando praticamente cinquenta anos de casamento.

Para Miguel Zvonimir, vindo da antiga Iugoslávia, a região não desperta desejo algum. Nunca mais voltara para sua terra natal. Mas, se fosse para voltar, ele gostaria de ir para a Alemanha. Criado por um padrasto alemão e avô de um estudante no país, Miguel sente-se muito mais próximo da cultura germânica que da eslava. *Eu vivi mais próximo da cultura alemã, da geografia alemã. E então eu estou conhecendo tudo.* O convívio gerou em Miguel vínculos afetivos que superaram suas origens “de sangue”. Assim como sua mãe reconstruiu toda uma vida após ter deixado a Croácia, Miguel também reconstrói sua história a partir do que aprendeu com o padrasto alemão, com a escola, com o clube. Seus relacionamentos mais próximos giram em torno da comunidade alemã; a palavra que Miguel escolhe para descrever essa relação é o verbo “viver”.

A única que chegou a morar novamente na Alemanha é Rosvita. Aproveitando oportunidades de trabalho, ela chegou a morar lá em três momentos diferentes. Da última vez, só deixou a cidade de Hannover por problemas de família aqui no Brasil. *Eu ainda me questiono se não fico um tempo maior por lá, pelo fato de querer conhecer um pouco mais da*

*própria história mais a fundo, ela conta. Eu me identifico muito, tanto na Áustria quanto na Alemanha, eu me identifico com o modo de pensar...*

Os momentos finais das entrevistas aparentam ser, para os entrevistados, aquele em que ocorre a percepção do processo pelo qual acabaram de passar. No início das gravações, a maioria está ainda incerta sobre o que irá acontecer. Muitas se perguntam se saberão responder as perguntas feitas. O final do processo revela que o ato de narrar a própria vida foi mais fácil do que esperavam. Muitas vezes, surpreendentes - algumas memórias são tão pouco requisitadas que sequer se lembravam da própria lembrança. São nestes momentos, para encerrar as entrevistas, que costumamos pedir para que os colaboradores deixem uma mensagem. Como se trata de algo inesperado, elas são bastante permeadas pelos rumos que a entrevista inteira levou. A maioria também transforma a oportunidade em um momento bonito, de reconhecimento de si e de gratidão. Nos trechos a seguir, podemos perceber também a forte presença de elementos constituintes da identidade, de raça, de nacionalidade. As origens, o sangue e as tradições estão presentes, bem como a religião. A língua, novamente associada à ideia de pátria, pode ser ligada também à existência no mundo. Ser um “vencedor na vida” é existir no mundo.



Eu gostaria de me despedir da seguinte forma: eu fiquei muito emocionado com a minha convocação para estar aqui. Estou aqui com imenso prazer. E fico muito grato ao Brasil, por eu ter uma vida boa aqui no Brasil em primeiro lugar. E gostaria desejar felicidades para todos que me acolheram aqui (Miguel Zvonimir Krouman, 27/11/2007).



Que todos, não só são-caetanenses, sejam mais amigos. E cultivem muito a amizade, que é muito importante. Eu fui muito bem recebida aqui. Tô com orgulho de vocês (Frida Schmidt, 11/12/2008).



Eu fiquei meio surpreso com esse negócio, né? Pelas perguntas que vocês fizeram aqui. Eu gostei muito, eu agradeço pela vontade de vocês quererem saber alguma coisa do negócio dos alemão. Se pudesse falar mais depois, a gente falava (Pedro Josefino Pilo, 11/12/2008).



Eu agradeço também a oportunidade de falar. Eu penso até em um dia escrever um livro, não sei ainda de que forma (...) Eu acho válido contar para as outras gerações, eu não sei até onde as outras gerações terão interesse. Você está aqui hoje, mas tem todo um DNA que está lá atrás, e esse DNA eu acredito que tem o registro de muita coisa que você é, que você gosta, e até de características, de uma memória que o seu DNA tem dos seus antepassados. (...) Eu acho que valeu! Pelo menos o depoimento, quem sabe um dia alguém leia isso, ouça isso e possa fazer um bom uso disso. (Rosvita Madalena Grabner, 15/04/2014, HiperMemo/USCS).



Agora cada povo tem os seus costumes. São todos importantes, eu acho assim. O francês pensa de um jeito, o polonês de outro, italiano... Claro, como é que é? (...) É isso que eu estou tentando fazer aqui, aproximar, claro, o que interessa em primeiro lugar. Desculpa se eu não sei... Talvez eu não esteja de acordo... A família é a primeira coisa do mundo. Quer dizer, nada vem antes da família (João Christoph José Becker, 16/07/2014).



É meio esquisito, aqui é diferente. Aqui o povo é muito misturado, são muitas raças e todo mundo se dá bem. Brigam também, mas se dão bem de novo. Aqui é mais livre, mais aberto, tudo. O povo aqui é diferente. Lá o povo é meio fechado, mas isso já vem de séculos e séculos... (Marta Erika Hölsel, 23/09/2011)



[Minha religião] tem a ver com a identidade étnica, com origem étnica-cultural, mas eu acho que o que eu sempre aprendi na minha casa, desde a infância é a questão da tolerância em relação às diferenças religiosas, étnicas, culturais (Aleksandar Jovanovic, 27/08/2014).



Em primeiro lugar, que eles sempre tenham em mente a sua pátria, sua língua. E em segundo lugar, que estude uma segunda [língua]. Se tiver uma família, alguém, com a origem de qualquer idioma, seja ela qual for, estude aquela. Pra que sejam uns vencedores (Gertrudes Dal Pos, 11/12/2008).





Bom! O que eu tenho que falar é o seguinte: eu que agradeço vocês por terem convidado a gente pra expor tudo isso. Do meu conhecimento, o que eu tenho pra falar. Eu teria muito mais ainda pra falar! São setenta anos de vivência que eu tenho depois de moço, né? (Antonio Laefort, 11/12/2008).



Não sei o que falar... É pra todos se darem bem! E procurar se entender, mesmo que sejam de outras raças! É, porque cada nacionalidade tem as pessoas boas e as pessoas más, não é? Então... Não é sempre que uma nacionalidade tem que pagar pelos bons ou ruins, que seja (Marta Wachtler, 11/12/2008).



O horário. Aprendi a respeitar compromissos e nunca atrasar – o que hoje em dia, aqui em São Paulo, é impossível. Então, prefiro chegar 40 minutos antes e ficar zanzando ao redor, do que chegar atrasado. E isso aí eu ensinei também para a minha filha, sobre horário e sobre respeitar. O respeito que hoje em dia é uma coisa rara que a gente encontra aqui. Hoje em dia, todo mundo tem os seus direitos e ninguém tem os seus deveres (Carlos Braack, 22/08/2014).



Eu podia passear, eu podia fazer o que quisesse. (...) Então à noite, a gente viajava, todo mundo dormindo. No outro dia eu estava livre outra vez. East London, Port Elizabeth, Durban, Beira, Lourenço Marques, Zanzibar, Moçambique, Mombaça, Tanga, Arábia, e, no Mar Vermelho, bem lá em cima, Port Sudan, Suez... Em Port Said eu viajava para o Cairo, eu vi as pirâmides... Eu sempre viajando, viajando... E, à noite, dançando. E festas, olha, era uma delícia! Eu tinha o paraíso. Eu tinha o que estava sonhando sempre (Hildegard Braack, 15/08/2006, HiperMemo/USCS).



É uma alegria poder compartilhar essa parte da minha vida. Embora eu seja de origem alemã, eu me sinto completamente brasileiro. O que eu gosto de falar e de transmitir é que as pessoas tenham na fé não um elemento de coerção, mas um elemento de libertação. Libertação não só daquelas coisas que me tocam diretamente, mas também que criam estruturas, que criam raízes na sociedade. A sociedade também tem de ser libertada e a fé tem essa visão, esse olhar, essa responsabilidade sobre a sociedade. Então que as pessoas procurem o seu espaço, procurem as suas possibilidades de agir transformadoramente dentro da sociedade onde a gente vive (Carlos Musskopf, 29/04/2014, HiperMemo/USCS).

## Considerações finais

*“Não é possível ser fiel a uma cultura sem transformá-la.”*

*Jesús Martín-Barbero*

Alemanha, Áustria, Croácia, Hungria, Lituânia, Sérvia. Desde as primeiras investigações acerca da comunidade germânica no ABC Paulista, em 2008, a diversidade de nacionalidades encontradas dentro dela é uma de suas características mais curiosas. Não bastassem as muitas origens, as pessoas são também moradoras de diversas localidades em São Caetano do Sul, Santo André, São Bernardo do Campo e Mauá. A partir destas observações que se delinearam as primeiras perguntas e hipóteses acerca do que dava unidade à heterogeneidade, de que diferenças culturais existiam ali – que cultura é essa, enfim, e como ela era comunicada.

O falar a língua alemã é a resposta mais simples e, ao mesmo tempo, complexa. Há muitos séculos falado, em todas as suas variações, em regiões da Europa Central, o alemão começou a ter importância para a coesão cultural de todo um povo desde a unificação da Alemanha como um Estado-Nação, em 1871. Para consolidar um estado forte, era preciso criar também fortes sensações de pertencimento a uma mesma unidade em todos os seus cidadãos. O nacionalismo, o reconhecimento de si e do outro sob um mesmo céu identitário estão, neste caso, intimamente relacionados. O caso alemão, culminou no *Deutschtum*, no pangermanismo – conceito do que é “ser alemão” baseado na noção de uma cultura forte transmitida entre os seus pelo sangue, e não apenas pelo local de nascimento. Assim, mesmo entre as comunidades radicadas fora do território alemão, as origens culturais davam conta de que seus membros fossem considerados, por si e pelos outros, também germânicos.

É o caso de boa parte das pessoas pertencentes à comunidade no ABC Paulista: suas nacionalidades, muitas vezes, não passam de carimbos no passaporte. Muitos são os *Donauschwabens*, suábios, um povo de origem alemã que migrou ao longo do rio Danúbio e, desde os tempos do antigo Império Austro-Húngaro, acabaram por povoar regiões no leste europeu. Sua cultura e identidade alemãs sobreviveram a mudanças territoriais e mesmo a movimentos migratórios. No Brasil, continuam apreciando, vivenciando e buscando a preservação de sua cultura.

Não se pode dizer, contudo, que tenha havido um movimento migratório diretamente da Europa para o ABC Paulista. A principal motivação, na maioria das vezes, era a capital

São Paulo. Porém, do início a meados do século XX, a região do ABC experimentava também profundas mudanças. Os processos de industrialização e de urbanização estavam apenas começando, o que resultou numa combinação de especial combinação de oportunidade de emprego e compra de terrenos mais baratos que na capital paulista – São Paulo estava, aliás, a poucas estações de trem daquela região. A proximidade também garantia pontos extras. Todo este cenário se mostrou particularmente atraente para as famílias imigrantes, vindas em situação de fragilidade financeira, com o sonho de recomeçar a vida. Percebe-se, na fala dos entrevistados, uma intensa valorização da estabilidade, manifestada no desejo de permanência em bons empregos – notadamente, na indústria – e na segurança de uma casa própria. Viajam em busca da construção de um novo capítulo em suas próprias histórias.

Em muitas passagens, o falar alemão novamente ganha destaque entre as pessoas entrevistadas. Trata-se de um reconhecimento de semelhante entre o eu e o outro praticamente instantâneo. Quer dizer, a partir da identificação, da empatia – processos internos, mentais e emocionais – começam a se desenvolver os sinais externos, perceptíveis da existência de uma comunidade. A partir daí criam-se vínculos visíveis externamente, como a formação de bairros, por exemplo. Nas histórias que descrevem os anos de 1930, já se pode perceber a existência de duas regiões no ABC com maior concentração da comunidade germânica: os bairros Vila Paula, em São Caetano do Sul (atual Santa Paula) e Campestre, em Santo André. Em um ambiente notadamente ocupado pela cultura de imigrantes italianos, de representatividade populacional bem maior, trata-se uma comunidade muito próxima daquela definida por Bauman: pequena, seus membros facilmente reconhecidos e a comunicação era mais intensa entre eles mesmos do que entre eles e os outros. O convívio entre essas pessoas, nesses lugares, é o que gera sensações de familiaridade, aconchego e segurança, características próprias a uma comunidade.

Mais do que isso, de fato foram criadas escolas em São Caetano do Sul e Santo André, visando atender os filhos dos imigrantes na região – mas não restrita somente a eles. O ensino de alemão também aos “alemães fora da Alemanha” era, inclusive, uma preocupação do governo nazista, que sabia da existência das escolas e chegava mesmo a promover festas e outras atividades culturais. De novo, um sinal da importância do idioma para manter forte a identificação com a cultura germânica – se não diretamente a sensação de pertencimento à nação alemã. Nos mesmos anos 1930, surgiram clubes recreativos como a União Cultural de São Caetano do Sul, o Teuto, e também o antigo Harmonia, em Santo André. A repressão promovida pelo governo brasileiro, ironicamente movido pelo nacionalismo, assim como os alemães, causa o fechamento das escolas e modificações em associações em todo o país.

Com o passar dos anos, já são notáveis algumas mudanças. A necessidade de convivência ainda era uma realidade para os imigrantes e seus descendentes. Na década de 1960 consolidam-se outras duas novas associações criadas para atender esse desejo: a Sociedade São Miguel e a Igreja Luterana do ABC, ambas em Santo André. Uma católica e a outra, é claro, luterana. Essas duas vertentes parecem um reflexo da própria Alemanha, em que as duas principais religiões são as cristãs luterana e católica. Apesar dessa orientação, as missas e práticas espirituais não são suas únicas atividades. Seus espaços servem para encontros festivos, esportivos e culturais e mantêm funcionamento até os dias de hoje.

Essas instituições podem ser consideradas mediadoras da cultura germânica na região. Sua importância vai ganhando cores, materializando-se, não como um real descoberto, mas com que se depara muitas e muitas vezes no discurso destes sujeitos em questão, perpassando o cotidiano e a história da comunidade germânica na região do ABC Paulista. Elas são lugares físicos que possibilitam a convivência entre as pessoas, o ensino da língua alemã, a prática de esportes e lazer.

As condições financeiras se revelam bastante determinantes nas práticas narradas pelos colaboradores. Influenciam o tipo de trabalho que desempenham, a região em que moram, a maneira como comemoram datas especiais, que alimentos consomem.

O tempo trouxe mudanças também neste quesito. O sonho da casa própria foi realizado, a criação dos filhos se transformou na curtição dos netos. E mesmo a volta para a Europa, que parecia tão improvável no momento da primeira partida, se tornou realidade para muitos. É curioso, inclusive, reparar como esta viagem de retorno foi, em alguns casos, um *presente* dado pelos filhos ou outros parentes.

Mais do que um outro idioma compartilhado, as experiências com as Grandes Guerras surgem como um fator comum a absolutamente todos os relatos, incluindo aí o de Aleksandar Jovanovic, o único entrevistado de raízes eslavas, e não teutas. Vindos da Europa, é praticamente inevitável que ora a Primeira ora a Segunda Guerra mundiais tenham, em algum momento, cruzado as histórias destas pessoas. Algumas vezes, as histórias dos antepassados deixam marcas tão fortes que seus descendentes são capazes de contá-las como se as tivessem vivido em seus próprios anos. São os casos, em especial, de Carlos Braack e Rosvita Grabner, os entrevistados mais jovens nesta pesquisa. A Segunda Guerra Mundial afetou tão profundamente seus pais, que os discursos dos filhos são dotados de uma fluência e riqueza de detalhes que ouvi-los parece mesmo uma viagem no tempo. A comparação entre relatos é ainda mais visível no caso de Carlos Braack, já foi gravada também uma entrevista com sua mãe, Hildegard. Nesses episódios, vê-se claramente a apropriação da cultura e da história da

mãe pelo filho, com profundo envolvimento emocional das personagens. Claro que é preciso considerar que também o enfoque da entrevista conduz essas narrativas: as perguntas sobre imigração levam, naturalmente, às histórias dos pais. O desempenho do contar, porém, é o que chama a atenção.

Mesmo sem que necessariamente se conheçam, há um laço que une todas as pessoas entrevistadas, pensando seus trajetos, seus costumes, seus valores em comum. Pertencem a uma grande família metafórica, formada por muitos e muitos sobrenomes, mergulhada em uma mesma história coletiva, constituindo-se assim a memória coletiva dessa comunidade.

A própria execução de uma pesquisa como esta, baseada nas Narrativas Orais de História de Vida, necessariamente provoca uma ação comunicativa: o ato de contar a sua história e as histórias dos seus retoma a mais tradicional maneira humana de preservar, transmitir, renovar cultura. A contação de histórias precede a escrita, o romance, a historiografia moderna. Mas, metodologicamente estruturada, revela não só os dados históricos, mas os costumes, valores, trejeitos linguísticos, expressões corporais, os sonhos e anseios mais particulares de um indivíduo.

A memória, enfim, comunica. Apesar de devidamente orientados por um roteiro de perguntas, concebido para buscar respostas acerca da origem de cada sujeito, suas histórias de infância, suas experiências escolares, com namoro, casamento, trabalho etc. O néctar desta pesquisa está naquilo que ficou gravados nas lembranças de cada um e também naquilo que foi esquecido. Naquilo que o entrevistado optou por compartilhar e também naquilo que não lhe pareceu importante mencionar – ou mesmo foi deliberadamente ocultado. As escolhas dos episódios e as escolhas das palavras com que são narrados comunicam. Os silêncios, as lágrimas, os risos e as pausas comunicam. Sem as narrativas de quem conta sua vida e sem a interpretação de quem ouve, não há esta pesquisa. Ela é, em si mesma, o fruto de uma comunicação – e concebida para, também, comunicar.

É preciso que se dissipe a noção de que as culturas tradicionais são algo a ser, meramente, preservado. Como se qualquer contato com o diferente, com o novo, já representasse uma contaminação. É próprio do movimento da vida que adaptações e transformações aconteçam. Talvez um caso exemplar esteja na história sobre a origem da decoração das árvores de Natal contada por Rosvita. Os pinheiros serviam de suporte para as roupas e alimentos que caçadores precisavam levar em suas caçadas nas florestas. Cada caçador deveria zelar pela sua região, inclusive cuidando dos animais que nela viviam – por isso, as comidas. Sal e frutas secas. Com o tempo, os pinheiros passaram a ser trazidos para dentro das casas e decorados propositalmente. O inverno é, na Europa, também a época do

Natal. No Brasil, século XXI, para uma sociedade urbana, essas ações já não se justificam. Pinheiros reais não cabem em apartamentos, as frutas frescas penduradas nas árvores dão lugar a objetos decorativos e alimentos embalados, quando muito. As velas são trocadas por lâmpadas de *led*. A veracidade da história, inclusive, não importa. Seu peso está nos elementos culturais, na tradição contada de mãe para filha, vinda de muitas gerações antes dessa. Ainda que os hábitos em si tenham mudado com o tempo, a comunicação dessa cultura permanece viva.

Durante algum tempo, na escrita desta dissertação, considerei chamar a parte II de “Como nossos pais”, a modo da canção interpretada por Elis Regina. Quanto mais escrevia, porém, menos fazia sentido. Aqui, o amor ao passado não é, necessariamente, uma venda nos olhos que ofusca a chegada do novo – nem a vida, vivida como a dos pais, causa dor. Os hábitos sequer são os mesmos. Já não se vive, integralmente, como os pais. Não há criação de patos no quintal de casa, mas há ovos decorados na Páscoa. Não há uma escola étnica na região que ensine alemão às crianças desde cedo, mas há cursos de alemão. A cultura alemã floresce no sangue dos imigrantes e seus descendentes, sim. Flui, permanece e se transforma – mas, para eles, a pátria é o Brasil.

A inovação é percebida nestes detalhes, nas transformações de práticas, de quem são e como se organizam estes sujeitos ao longo do tempo. São mudanças marcadas pelos efeitos da globalização, movimentos próprios da vida. Nada está preservado. Tudo se transforma cotidianamente. A comunidade germânica que esta pesquisa apresenta é, afinal, uma construção acadêmica, resultado de anos de perguntas e dúvidas. Isso porque, na realidade, essa comunidade é dual, contraditória, ambígua, complexa, fragmentada. Ela só faz sentido na prática de seus sujeitos, organizada e explicada pelos trabalhos de pesquisa.

O que se pode perceber é a *vontade* de preservação, e o que realmente é palpável é a comunicação da sua cultura, da sua identidade, por meio do relato da memória. Assim, temos a sensação de preservação da cultura alemã, mas o que realmente acontece não é a preservação ou resgate de nada. Eles constroem e reconstroem todos os dias a sua própria cultura, quem eles são – e a comunicação é a mediadora de todos esses elementos que os constituem: o ancestral, o ascendente, a língua, a culinária as instituições, a política, os esportes, o ABC, o Brasil, a Alemanha, a Áustria, a Iugoslávia...

E é assim que eu, sujeito, comecei a fazer parte deste universo. Por meio de meu papel como pesquisadora. Se, quando eu comecei a estudar a língua alemã, não me era possível responder com clareza o porquê de me envolver com o tema – não tenho família germânica, nunca fui para lá etc – hoje já consigo dizer que estou envolvida por esta cultura há alguns

anos. Não se trata mais apenas de saber a língua, mas também de vivenciar, na prática; conheci muitos imigrantes e descendentes, aprendi receitas culinárias, experimentei cervejas, assisti a todo tipo de filmes e documentários alemães, pensei a cultura, a memória e a identidade desse povo por meio de vários autores, em várias disciplinas, cotidianamente. Hoje, com esta dissertação, eu também faço parte dos processos de comunicação da cultura dessa comunidade que havia me proposto a estudar. Cumpro um papel de registro, análise e preservação de algo que, sabemos, vai continuar se transformando e se reinventando nos anos que virão.

## Fontes Orais

| Nome                          | Local de gravação | Data de gravação | Acervo         |
|-------------------------------|-------------------|------------------|----------------|
| Antonio Laefort Filho         | USCS              | 11/12/2008       | HiperMemo/USCS |
| Carlos Braack                 | Residência (SP)   | 22/08/2014       | HiperMemo/USCS |
| Carlos Musskopf               | Residência (SA)   | 29/04/2014       | HiperMemo/USCS |
| Frida Schmidt                 | USCS              | 11/12/2008       | HiperMemo/USCS |
| Gertrudes Dal Pos             | USCS              | 11/12/2008       | HiperMemo/USCS |
| Hildegard Braack              | Residência (Mauá) | 15/08/2006       | HiperMemo/USCS |
| João José Christoph Becker    | Residência (SP)   | 16/07/2014       | HiperMemo/USCS |
| Luisse Babisch                | Residência (SA)   | 21/07/2014       | HiperMemo/USCS |
| Marta Erika Hölsel            | Residência (SA)   | 23/09/2011       | HiperMemo/USCS |
| Marta Wachtler                | USCS              | 11/12/2008       | HiperMemo/USCS |
| Miguel Zvonimir Krouman       | USCS              | 27/11/2007       | HiperMemo/USCS |
| Pedro Josefino Pilo           | USCS              | 11/12/2008       | HiperMemo/USCS |
| Rosvita Madalena Grabner      | Residência (SCS)  | 15/04/2014       | HiperMemo/USCS |
| Vojislav Aleksandar Jovanovic | USCS              | 27/08/2014       | HiperMemo/USCS |



## Referências bibliográficas

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ARARIPE, Luiz de Alencar. A. Primeira Guerra Mundial. In: MAGNOLI, Demétrio (org.). **História das Guerras**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- AYALA, Lilian Crepaldi. de Oliveira. **Babel nas terras alagadiças**: revista Raízes, migrações e memórias em São Caetano do Sul. Tese de doutorado apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo., 2014.
- BACZCO, Bronislaw. Imaginação social. In: \_\_\_\_\_ **Enciclopédia Enaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, v. 5, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERTAUX, Daniel. **Los relatos de vida**. Perspectiva etnosociológica. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2005.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 12ª. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
- BUBER, Martin. **Sobre comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- CAPRINO, Monica Pegurer; PERAZZO, Priscila Ferreira. Possibilidades da comunicação e inovação em uma dimensão regional. In: CAPRINO, Monica Pegurer (org.). **Comunicação e Inovação**. São Paulo: Paulus, 2008.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**: A era da informação: Economina, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, v. 2, 1999.
- CHAUÍ, Marilena. **Brasil**: Mito fundador e sociedade autoritária. 1ª. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- COLA DA WEB. **Iugoslávia**: formação e desagregação, 2014. Disponível em: <<http://www.coladaweb.com/geografia/paises/iugoslavia-formacao-e-desagregacao>>. Acesso em: 20 janeiro 2015.
- CORACINI, Maria José R. Faria. Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade. In: CORACINI, M. J. R. F. **Identidade e Discurso**: (des)construindo subjetividades. Campinas: Unicamp, 2003. p. 139-159.

DEUTSCHER TASCHENBUCH VERLAG. dtv - **Atlas**: Deutsche Sprache. 17ª. ed.

Munique: Deutscher Taschenbuch Verlag GmbH & Co. KG, 2011.

DEUTSCHLAND BUNDESREPUBLIK. **Zensus 2011**: Bevölkerung und Haushalte, 2011.

Disponível em:

<<https://ergebnisse.zensus2011.de/auswertungsdatab/download?pdf=00&tableId=0&locale=DE&gmdblt=1>>. Acesso em: 20 janeiro 2015.

DIETRICH, A. M. **Nazismo tropical?** O partido nazista no Brasil. 1ª. ed. São Paulo: Todas as musas, 2012.

ELIAS, Norbert. **Os alemães**: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ELIAS, Rodrigo. Braços para fazer um país. **Revista Nossa História**: Imigração: O Brasil que veio de longe, Rio de Janeiro, v. 24, p. 14-19, outubro 2005.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O lugar do social e da cultura numa dimensão discursiva. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange e FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 22ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FREITAS, Sônia Maria de. **Falam os imigrantes**: armênios, chineses, espanhóis, húngaros, italianos de Monte San Giacomo e Sanza, lituanos, okinawanos, poloneses, russos, ucranianos - memória e diversidade cultural em São Paulo. Tese de doutorado apresentada ao Dpto. de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 2001.

\_\_\_\_\_. **História Oral**: Possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. **Record**: Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, junho 2008. ISSN 1982-8986.

GONZÁLEZ, Jorge. A. Y todo queda entre familia: estrategias, objeto y metodo para historias de familias. **Estudios sobre las culturas contemporaneas**, Colima, v. 1, n. 1, p. 135-154, junho 1995.

\_\_\_\_\_. **Entre cultura(s) e cibercultur@ (s)**: incursões e outras rotas não lineares. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2012.

GREGORY, Valdir. Imigração alemã: formação de uma comunidade teuto-brasileira. In: **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro: IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, 2000. p. 232.

GRÜTZMANN, I. **A mágica flor azul**: a canção em língua alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUC/RS, 1999.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Território brasileiro e povoamento**: alemães. Brasil 500 anos, 2000. Disponível em:

<<http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/alemaes>>. Acesso em: 20 janeiro 2015.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Paróquia do ABCD**.

Portal Luteranos, 2015. Disponível em:

<[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/abcd/historia-da-paroquia-do-abcd](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/abcd/historia-da-paroquia-do-abcd)>.

Acesso em: 20 janeiro 2015.

JOVANOVIĆ, Aleksandar. Os Donauschwaben, uma comunidade de língua alemã em São Caetano. **Revista Raízes**, São Caetano do Sul, v. ano 5, nº 9, p. 11-18, julho 1993.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. Tradução de Maria Emília Amarante Torres Lima Márcio Venício Barbosa. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Globalização Comunicacional e Transformação Cultural. In: MORAES, Dênis de. **Por uma outra comunicação**: Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 57-86.

\_\_\_\_\_. Uma aventura epistemológica: Entrevista com Jesús Martín-Barbero, por Maria Immacolarta Vassalo de Lopes. **MATRIZES**, São Paulo, v. ano 2, nº 2, p. 143-162, primeiro semestre 2009.

\_\_\_\_\_; BARCELLOS, Cláudia. Comunicação e mediações culturais. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. XXIII, nº 1, p. 151-163, janeiro/junho 2000.

MARTINS, José de Souza. **Subúrbio**: Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: Hucitec, 1992.

MÉDICI, Ademir. Os alemães se reúnem na Sociedade São Miguel. **Diário do Grande ABC**, Santo André, 4 outubro 2009. Disponível em: <<http://www.dgabc.com.br/Noticia/340137/os->

alemaes-se-reunem-na-sociedade-sao-miguel?referencia=buscas-lista>>. Acesso em: 20 janeiro 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

NAVARRO, Maria Rosana Ferreira. Circuito cultural sustentável da cidade de Santo André. **Vitruvius**, Arquitextos, 2011. Disponível em:

<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.133/3935>>. Acesso em: 18 março 2013.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

OSMAN, Samira Adel. **Entre o Líbano e o Brasil**: Dinâmica migratória e História Oral de Vida. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006.

PARAVATI, Luís Carlos. Aspectos comunicativos e culturais nos hábitos culinários caiçara da comunidade quilombola da fazenda Picinguaba de Ubatuba - SP. Dissertação (mestrado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. Orientação: Cicília Maria Krohling Peruzzo, 2014.

PERAZZO, Priscila Ferreira. **O perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo**. 1ª. ed. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999.

PERUZZO, Cicília. M. Krohling; VOLPATO, Marcelo de Oliveira. Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença. **Líbero**, São Paulo, v. 12, nº 24, p. 139-152, dezembro 2009.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RACIUNAS, Eduardo. **Um descendente de europeus**. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2013.

RAHMEIER, Andrea Helena Petry. **Relações diplomáticas e militares entre a Alemanha e o Brasil**: da proximidade ao rompimento (1937-1942). Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS, 2009.

- RICOUER, Paul. **Percurso do reconhecimento**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- ROSSETTI, Regina. Categorias de inovação para os estudos em Comunicação. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 14, n. 27, p. 63-72, jul-dez 2013.
- SACKS, Oliver. Prefácio. In: ROSENFELD, Israel. **A invenção da memória**. Paris: Flammarion, 1994.
- SANTANA, Nara Maria Carlos de. Imigrantes Alemães e o Brasil Caboclo: Memória, Identidade e Política Nacional no Brasil. In: **ANPUH - XXV Simpósio Nacional de História**. Fortaleza, 2009.
- SARLO, Beatriz. **Tiempo pasado**: Cultura de la memoria y giro subjetivo: una discusión. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.
- SIRIANI, Sílvia Cristina Lambert. **Uma São Paulo alemã**: Vida quotidiana dos imigrantes germânicos na região da capital (1827-1889). São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2003.
- \_\_\_\_\_. Os descaminhos da imigração alemã para São Paulo no século XIX: aspectos políticos. **Almanack Braziliense**, n. 2, p. 91-100, novembro/2005. ISSN 1808-8139. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/alb/article/view/11621/13390>>. Acesso em: 08 Fev. 2015.
- STEDJE, Astrid. **Deutsch Sprache gestern und heute**: Einführung in Sprachgeschichte und Sprachkunde. Paderborn: Wilhelm Fink Verlag, 2007.
- THOMSON, Alistair. Reconpondo a memória: Questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 51-84, abril/1997.
- TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNANDES, F. **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. p. 96-116.
- TOTA, Pedro. Segunda Guerra Mundial. In: MAGNOLI, Demétrio. **História das Guerras**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- VARNIER, Thacia Ramos; GOMES, Ivan Marcelo; ALMEIDA, Felipe Quintão de. Esporte e nacionalismo em Vitória: uma análise a partir do jornal "A Tribuna". In: **Pensar a prática**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 156-174, jan/mar 2014.
- VERGARA, Gloria. **Palabra en movimiento**: Principios teóricos para la narrativa oral. Cuauhtémoc: Editorial Praxis, 2004.
- VIDIGAL, Armando. Guerras da unificação alemã. In: MAGNOLI, D. **História das Guerras**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (orgs.). **História falada**: memória, rede e mudança social. São Paulo: SESC SP, Museu da Pessoa e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. 280 p.

## Apêndice



---

### Memórias do ABC

#### Núcleo de Pesquisas e Laboratório de Hipermídias

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### Narrativas orais de história de vida

##### **CABEÇALHO:**

Entrevista feita com (nome completo do entrevistado)

Idade (no dia da entrevista)

Data da entrevista

Realizada em (local onde foi realizada a entrevista)

Por (nome completo dos entrevistadores)

##### **PARTE I – INFÂNCIA**

- Começar dizendo a data e local de nascimento e contar um pouco de sua infância, quem eram seus pais, irmãos, etc
- Família
- Relacionamento com os pais
- Brincadeiras / Lazer de criança
- Escolaridade
- Descrição da cidade onde nasceu e morou
- Orientação religiosa

##### **PARTE II – ADOLESCÊNCIA**

- Lazer de jovem (bailes, cinemas, clubes, bares e outros espaços da cidade)
- Promoção ou participação em shows musicais, convivência em bares ou outros espaços culturais ou musicais
- Iniciação musical, formação de grupos ou bandas
- Namoro e casamento – relações homem e mulher (valores e moral)

- Atividades políticas
- Trabalhos realizados
- Formação e iniciação profissional
- Prática de esportes

### **PARTE III – FASE ADULTA**

- Trabalho (descrição das atividades, dos locais, das condições, das regras, dos relacionamentos, das oportunidades existentes etc)
- Família e filhos
- Cidade (construções, mudanças, lazeres, cultura)
- Política local
- Participação política e movimentos sociais
- Sindicalismo, leis trabalhistas, conquistas de trabalhadores
- Lembranças de episódios históricos (se era nascida)
  - Golpe militar em 1964
  - AI-5 de 1968
  - Greves do ABC em 1978-1980
  - Diretas Já, Fora Collor
  - Ataque às Torres Gêmeas
  - Tsunami (Indonésia 2004 e Japão 2011)
- Trabalho em rádios, programação, composição de música e letra
- Interesse por programas musicais nos rádios / Estilos musicais mais ouvidos
- Interesse por televisão – a que programas assiste? Propagandas marcantes
- Orientação religiosa – mudou desde a infância?

### **PARTE IV – TERCEIRA IDADE**

- Aposentadoria ou novas relações de trabalho
- Família: filhos e netos
- Cidade (construções, mudanças, lazeres, cultura)
- Política local
- Participação política e movimentos sociais